

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

LIZIE MENDES CLOCK

**A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES:
AFINAL, O QUE PENSAM OS PROFESSORES?**

**PONTA GROSSA
2016**

LIZIE MENDES CLOCK

**A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES:
AFINAL, O QUE PENSAM OS PROFESSORES?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), na Linha de Pesquisa Ensino e Aprendizagem, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Lúcia Pereira Baccon.

**PONTA GROSSA
2016**

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Clock, Lizie Mendes
C643 A educação na construção de valores:
 afinal, o que pensam os professores?/
Lizie Mendes Clock. Ponta Grossa, 2016.
 126f.

 Dissertação (Mestrado em Educação -
 Área de Concentração: Educação),
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
 Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lúcia
Pereira Baccon.

 1.Escola. 2.Percepção de professores.
3.Educação em valores. I.Baccon, Ana Lúcia
Pereira. II. Universidade Estadual de
Ponta Grossa. Mestrado em Educação. III.
T.

CDD: 370.1

TERMO DE APROVAÇÃO

LIZIE MENDES CLOCK

A EDUCAÇÃO NA CONSTRUÇÃO DE VALORES: AFINAL, O QUE PENSAM OS PROFESSORES?

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, pela seguinte banca examinadora:

Orientador (a)  Profª Drª Ana Lúcia Pereira Baccon - UEPG


Prof. Dr. Lucken Bueno Lucas - UENP


Profª Drª Simone Regina Manosso Cartaxo - UEPG


Profª Drª Celia Finck Brandt - UEPG

Ponta Grossa, 01 de março de 2016.

AGRADECIMENTOS

À Deus, por me proporcionar a vida e por todos os momentos de dificuldades que me fez forte para seguir em frente.

À minha família. Não existem palavras que expressem a minha gratidão pelo amor incondicional, pelo apoio e incentivo que depositaram em mim, em todos os anos de minha existência.

Ao meu noivo, que esteve comigo em todos os momentos de minha trajetória acadêmica. Agradeço seu amor, sua compreensão pelas ocasiões que estive ausente e seu contínuo incentivo, que me tornaram uma pessoa melhor.

À minha orientadora, Professora Doutora Ana Lúcia Pereira Baccon, pela confiança em mim concedida, pelos ensinamentos que me proporcionaram crescimento profissional e pela compreensão, paciência e dedicação na construção desta pesquisa.

Aos professores Doutor Lucken Bueno Lucas, Doutora Marinez Meneghello Passos, Doutora Simone Regina Manosso Cartaxo, Doutora Célia Finck Brandt e Doutora Ana Luiza Rushel Nunes, pelas contribuições no exame de qualificação e pelas contribuições valorosas na construção da pesquisa.

Aos sujeitos da pesquisa, professores vinculados ao Núcleo Regional de Educação da cidade de Ponta Grossa – Paraná, que disponibilizaram tempo e esforço para a realização da investigação.

Aos demais professores do Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

À CAPES, que financiou a pesquisa e permitiu, com isso, minha dedicação exclusiva ao Mestrado.

Aos colegas de Mestrado, em especial, à querida prima e amiga Thamiris Christine Mendes, que percorreu a trajetória da Graduação comigo, e por partilhar angústias e alegrias na Pós-Graduação.

Aos colegas do grupo de estudo e pesquisa, por compartilharem contribuições significativas que me auxiliaram a construir minha dissertação.

A todos aqueles que, de forma direta ou indireta, contribuíram com a realização da pesquisa e participaram de minha jornada acadêmica.

MUITO OBRIGADA A TODOS!

[...] estamos inseridos no mundo e somos sujeitos da história. Ouso dizer, ainda, que não somos apenas sujeitos da história, mas que construímos a história. Construir a história é sentir um certo desassossego diante de toda situação que, de uma maneira ou de outra, nos incomoda, nos move, ou nos desperta para um desejo louco de querer saber mais e de fazer algo para acrescentar àquilo que já sabemos. Enfim, é não se intimidar diante dos desafios.

(Ana Lúcia Pereira Baccon)

CLOCK, Lizie Mendes. **Educação na construção de valores:** afinal, o que pensam os professores? 2016. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as concepções de professores da rede pública estadual da cidade de Ponta Grossa, Paraná, a respeito da educação na construção de valores. A investigação partiu da premissa de que é necessário compreender as concepções que os professores possuem, visto que a profissão docente é uma prática social, inserida em um processo cultural, produzida historicamente, e a escola é um ambiente adequado para educar alunos em um convívio democrático; além de ser responsável pela socialização de conhecimentos. Diante disso, este estudo tem intenção de buscar subsídios a partir das concepções de professores para compreender a função que os docentes exercem na escola, buscando identificar se eles reconhecem seu papel na educação em valores e se apontam a escola como espaço privilegiado para construção de valores. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida na perspectiva qualitativa (CRESWELL, 2014) com os professores de seis escolas estaduais da cidade de Ponta Grossa – PR. A coleta de dados aconteceu em duas etapas: a primeira com aplicação de questionário (N=51), e a segunda com a realização de entrevistas semiestruturadas (N=6). Os dados foram analisados por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 2011). Para o aporte teórico da pesquisa, elegeram-se autores que tratam da educação e de valores, como Serrano (2002), Delval (2010), Araújo e Puig (2007), Imbernón (2011) e Gallo (2012). Além disso, situamos a pesquisa no período histórico da contemporaneidade, amparados por Cambi (1999). Os resultados da investigação apontaram que grande parte dos professores pesquisados consideram que a escola pode até ser um espaço para educar em valores, mas que a instituição educativa está desempenhando essa função pelo fato de a família não estar realizando seu papel. Não há grande destaque para a escola como ambiente privilegiado para que a educação em valores se materialize, por parte dos professores pesquisados. Notou-se, também, que apenas um professor responsabiliza-se pela educação em valores, como uma atitude consciente. A maioria dos professores desenvolvem a função frente aos valores como uma atitude passiva, na qual lhe foi delegada uma demanda que julgam não ser sua. Percebeu-se, com a realização da investigação, que a educação na construção de valores não se materializa apenas em uma instância. Acredita-se que ela se materializará quando a escola refletir sobre seus fins, considerando a formação integral do aluno como uma de suas finalidades, o professor rever sua postura e suas práticas, admitindo, para si, que a sua função favorece a constituição do indivíduo; e a definição dos valores, aqui repensadas pelo contexto maior, a sociedade, não como inatos ou simples internalizações, mas como construções afetivas dos indivíduos durante toda a vida.

Palavras-chave: Escola. Percepção de professores. Educação em valores.

CLOCK, Lizie Mendes. **Education in building values**: after all, what do teachers think? 2016. 126 f. Dissertation (Master in Education) - **State University** of Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2016.

ABSTRACT

This research aims to analyze the conceptions of the state school teachers of the city of Ponta Grossa, Paraná, Brazil, regarding education in building values. The research started from the premise that it is necessary to understand the conceptions that teachers have, as the teaching profession is a social practice, set in a cultural process, historically produced, and the school is a suitable environment for educating students in a democratic society; besides being responsible for the socialization of knowledge. Thus, this study intends to seek contributions from the teachers' conceptions to understand the role they play in school, trying to identify if they recognize their role in the values education and recognize the school as a privileged environment for building values. This is a research developed in a qualitative perspective (CRESWELL, 2014) with teachers of six state schools of the city of Ponta Grossa - PR. Data collection took place in two stages: the first with a questionnaire (N = 51), and the second by carrying out semi-structured interviews (N = 6). Data were analyzed using content analysis (BARDIN, 2011). For the theoretical research framework, we have chosen authors that deal with education and values, as Serrano (2002), Delval (2010), Araújo and Puig (2007), Imbernón (2011) and Gallo (2012). In addition, we situated the research in the historical time of contemporaneity, supported by Cambi (1999). Research results show that the majority of teachers who were surveyed believe that the school might even be a place to educate in values, but the educational institution is performing this function because the family would not be performing its role. There is no great emphasis on school as a privileged environment in order the education in values materializes, according to the surveyed teachers. We also noticed that only one teacher is responsible for the education of values, as a conscious attitude. Most teachers develop this role in relation to values as a passive attitude, which was delegated a demand to them that they judge it is not theirs. It was noticed, with the completion of the investigation, that education in the construction of values does not materialize in only one body. We believe that it materializes when the school reflects on its aims, considering the integral education of the student as one of its purposes, the teacher reviews his/her posture and practices, admitting to him/herself that his/her role favors the constitution of the individual; and the definition of values, here rethought due to a larger context, the society, not as innate or simple internalization but as affective construction of individuals throughout their lives.

Keywords: School. Teachers' perception. Values education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Concretização da educação na construção de valores.....	114
--	-----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Definições de valores	38
Quadro 2- Escala de Valores de Schwartz (1987) e áreas de domínio	42
Quadro 3 - Função dos valores	43
Quadro 4 - Escola na concepção de valores.....	46
Quadro 5 - Pilares da educação na concepção de valores	47
Quadro 6 - Características comuns das pesquisas qualitativas	53
Quadro 7 - Esquema de organização do questionário e roteiro da entrevista.....	57
Quadro 8 - Organização da Análise de Conteúdo.....	60
Quadro 9 - Categorias emergentes das respostas dos professores investigados.....	64
Quadro 10 - Fragmentos das falas da professora P7.....	92
Quadro 11 - Fragmentos das falas do professor P25.....	95
Quadro 12 - Fragmentos das falas da professora P26.....	99
Quadro 13 - Fragmentos das falas do professor P38.....	101
Quadro 14 - Fragmentos das falas da professora P41.....	104
Quadro 15 - Fragmentos das falas da professora P48.....	108

LISTA DE SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
NRE	Núcleo Regional de Educação
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO I - EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE	20
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA	20
1.2 A ESCOLA: ONTEM, HOJE E FUNÇÃO SOCIAL	24
1.3 PROFESSOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	32
CAPÍTULO II - PAPEL DOS VALORES NO CONTEXTO EDUCACIONAL	36
2.1 DEFINIÇÃO, CONSTRUÇÃO, DOMÍNIO E FUNÇÃO DOS VALORES	36
2.2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO EM VALORES	44
CAPÍTULO III - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO	52
3.1 A ABORDAGEM QUALITATIVA DA PESQUISA	52
3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA	55
3.3 OS INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	56
3.3.1 QUESTIONÁRIO: PRIMEIRA ETAPA DE COLETA DOS DADOS	57
3.3.2 ENTREVISTA: SEGUNDA ETAPA DE COLETA DE DADOS	59
3.4 SOBRE O TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS	59
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	62
4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO	62
4.1.1 ANÁLISE DAS CATEGORIAS REPRESENTATIVAS DO GRUPO A	66
4.1.2 ANÁLISE DAS CATEGORIAS REPRESENTATIVAS DO GRUPO B	74
4.1.3 ANÁLISE DAS CATEGORIAS REPRESENTATIVAS DO GRUPO C	80
4.1.4 ANÁLISE DAS CATEGORIAS REPRESENTATIVAS DO GRUPO D	86
4.2 ANÁLISE DOS DADOS ORIGINADOS DAS ENTREVISTAS	90
4.2.1 PROFESSOR P7	91
4.2.2 PROFESSOR P25	94
4.2.3 PROFESSOR P26	97
4.2.4 PROFESSOR P38	100
4.2.5 PROFESSOR P41	103
4.2.6 PROFESSOR P48	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	111
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	119
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS	122
APÊNDICE C – ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM OS PROFESSORES	125

INTRODUÇÃO

Antes de iniciar propriamente esta dissertação, é justo explicar ao leitor algumas considerações a respeito da pesquisadora que a desenvolveu e como foi a construção do objeto da pesquisa em questão. Trago, em minha trajetória acadêmica, advinda do curso de Licenciatura em Pedagogia, interesse em meus estudos com temáticas que consideravam as influências e os reflexos da dimensão social no contexto escolar. O que quero dizer é que meus esforços no momento da Graduação centravam-se em compreender o conceito de qualidade na educação, visto que os ideais de qualidade se vinculavam às demandas sociais de cada tempo histórico.

Dessa forma, no trabalho de conclusão do curso de Graduação, dediquei-me ao entendimento da concepção do que era uma escola de qualidade, juntamente aos parâmetros que interferem para isso, no sentido de apreender qual escola era adequada para o período histórico que vivíamos. Considerei, para tanto, que o ambiente escolar se encontra inserido em um contexto maior, a sociedade (CLOCK, 2012).

Como pressuposto para a pesquisa na Graduação, apoiei minha investigação na concepção de qualidade proposta por Gadotti (2013), que considera que muitas variáveis influenciam na qualidade da educação. No estudo do autor, uma das variáveis que interferem na qualidade da educação é a presença ou ausência de valores no contexto educativo. Seguindo a lógica do autor, se uma das variáveis está ausente, ou até mesmo aparece pouco, a educação como um todo não melhora.

É oportuno, nesta ocasião, apresentar as considerações de Gadotti (2013) a respeito de qualidade, que o autor expõe como um conceito relacionado à vida das pessoas, ao seu bem viver. Há um conjunto de variáveis, intra e extraescolares que interferem na qualidade da educação, entre elas, a concepção do próprio sujeito, do que ele entende por educação. Qualidade e quantidade são conceitos complementares, e, até hoje, só tivemos educação de qualidade para poucos. Por isso, a qualidade da educação precisa ser vista de forma sistêmica. A educação só pode melhorar se as variáveis que intervêm na qualidade da educação estiverem presentes.

Gadotti (2013) sustenta que a qualidade é um conceito dinâmico e complexo, que deve se adaptar a um mundo que experimenta profundas transformações. Qualidade trata-se de um conceito político que se modifica dependendo do contexto, e está diretamente vinculado às demandas sociais. Nessa perspectiva, a concepção de qualidade proposta pelo autor associa-se aos aspectos sociais e culturais.

Não existe um padrão único de qualidade, mas parâmetros e fatores que contribuem para essa condição. No caso específico da escola, há um conjunto de fatores que cooperam para a qualidade na educação; trata-se de um todo e, junto a ela, estão inseridas as relações mais amplas que a instituição possui com a sociedade e também as correspondências que o ambiente escolar tem com a comunidade em seu entorno. Com isso, justificamos que a escola é uma extensão das relações sociais e, portanto, não há como conceber o estudo de questões da educação sem a consideração do contexto em que está implantada.

Nesse sentido, o trabalho de Graduação apontou-me caminhos, sugerindo que as concepções de qualidade retratavam as situações presentes na contemporaneidade e os anseios educativos voltavam-se à necessidade de compreensão do que era valor fundamental para que a escola ensinasse e formasse com qualidade, demonstrando que o termo possuía cunho histórico, ou seja, variava com o tempo e o espaço.

Diante de tais colocações, comecei a questionar-me a respeito de quais eram as funções que a escola desempenhava ou o que se esperava que ela desempenhasse, e se os valores seriam uma variável tão indispensável para uma educação de qualidade. Eis aí a temática que me influenciaria anos mais tarde no Mestrado, relacionada à educação em valores. Quando eu refletia a respeito da escola, a todo o momento, pensava em uma escola diretamente vinculada à sociedade da qual fazia parte. A sensação mais aparente que me apresentava era a sociedade “cobrando” da escola demandas ocasionadas pela contemporaneidade.

Talvez a resposta imediata esperada pela sociedade em relação à escola seria a de uma formação tecnicista, em que o ensino deveria estar voltado ao domínio de técnicas, normas e condutas para ser e viver em harmonia na coletividade. No entanto, será que a função da escola se esgotava apenas nisso? Não, é notório que as intenções educativas extrapolem a formação para conviver socialmente. Somos produtos e produtores do contexto social. A escola supera a

função primária de ditar regras da vida coletiva que forma indivíduos socializados. Então, qual seria a função da escola?

No momento em que ingressei no Mestrado, minhas reflexões voltaram-se para que tipo de educação que possuímos nos dias de hoje, que demandas a sociedade impõe à escola e ao professor, e se a escola é um local privilegiado para educar e formar em valores, já que uma das variáveis, a meu ver, que influenciam a educação de qualidade, era a presença e a ausência de valores (CLOCK, 2012). A partir do estudo de referenciais teóricos relativos à contemporaneidade, à função da escola e do professor e à conceituação de valores, foi possível traçar um caminho para nossa investigação de Mestrado. Assim, a partir de agora, destituo-me da primeira pessoa do singular para apresentar a pesquisa construída em parceria com minha orientadora, professores que compuseram a banca de qualificação e membros do grupo de pesquisa.

Assumimos na investigação de Mestrado que a educação deve contribuir para o desenvolvimento integral do sujeito, levando em conta que o ser humano é capaz de construir seus conhecimentos e seus valores. A escola é uma instituição que se encontra na intersecção das forças sociais e não possui fins permanentes e únicos. As funções desempenhadas pela escola alteram-se de acordo com o tipo de sociedade ou do grupo social que atende.

Elegemos como pressuposto de investigação, a concepção de Delval (2010), que considera as instituições educativas como a vivência de constantes contradições entre o que se deseja e o que realmente se pratica. A escola é uma instituição profundamente enraizada na sociedade, e a sociedade autoritária que temos hoje não promoveria uma instituição educativa que não fosse autoritária também. Os professores imersos na conjuntura de uma sociedade de imposições, igualmente mostram-se insatisfeitos com suas práticas, e até mesmo sem referência para atuar na escola ultimamente.

Qual a função do professor no meio educativo? O professor é responsável pelo trabalho com valores? O ambiente escolar é espaço para que isso se concretize? É fato que a escola que almejamos precisa ter uma relação bem diferente com o meio social, diferentemente da relação que possui atualmente, descontextualizada do meio. Grande parte das instituições escolares proporciona uma educação que consiste na transmissão verbal de conhecimentos, sem levar em consideração as necessidades dos sujeitos (DELVAL, 2010).

Creemos, por meio dos estudos realizados para embasar a investigação, ser importante que as pessoas que constituem as escolas reflitam sobre sua função. Na sociedade contemporânea, não cabem mais perspectivas tecnicistas de educação, pois elas têm contribuído pouco para a formação da constituição do indivíduo. É necessário formar alunos com consciência de realidade em que os sujeitos aprendam a examinar, valorar, aceitar e recusar os fundamentos propostos pela sociedade.

O professor é peça-chave para que a educação exerça esse papel de emancipação, que forme o sujeito livre e independente nos seus pensamentos e ações. É por isso que acreditamos que, nessa conjuntura, realizar estudos que tenham como foco o professor são relevantes, pois não é válido abordar um ideal de escola, de ensino, sem compreender o que e como aqueles que são responsáveis pela sua materialização concebem a educação de uma forma ampla. É nesse sentido, portanto, que esta investigação de Mestrado concentra esforços, para compreender as concepções dos professores sobre a educação na construção de valores, bem como identificar se o professor reconhece seu papel frente à educação em valores e se aponta a escola como espaço privilegiado para educar e formar valores.

Partindo dos questionamentos que auxiliaram a nortear a investigação, foi possível delimitar a temática da presente dissertação. Por inúmeras vezes, e leituras incessantes, o tema definiu-se como educação e valores, uma temática ainda ampla. A motivação, segundo Pádua (2004), é importante para que o pesquisador enfrente as inúmeras dificuldades que um processo de pesquisa apresenta. E com a temática eleita não foi diferente. A investigação, nessa configuração, organizou-se em duas temáticas abrangentes, “educação” e “valores”, buscando a relação entre elas, suas interfaces, seus conceitos e suas possibilidades.

O binômio “educação e valores” remetem-nos, segundo Arantes (2007), a complexas e controversas relações do ser humano consigo mesmo e com a sociedade em que vive. Compreender a definição de valor e como os seres humanos se apropriam da cultura e se inserem eticamente no mundo faz parte da preocupação acadêmica de interessados em estudar educação e valores e suas possíveis relações. A temática torna-se relevante no meio acadêmico na medida em que contribui para compreender se os valores seriam inatos (que pertenciam ao

indivíduo desde o nascimento), herdados geneticamente, transmitidos pela cultura ou resultante de interações complexas entre as pessoas e o mundo.

Arantes (2007) aponta que a discussão “educação e valores” não é recente e permanece atual; ocupa o centro de atenções de psicólogos, sociólogos, filósofos, educadores e pais, demarcando sua necessidade e importância, à medida que contribui para a formação ética das novas gerações e da construção de sociedades mais justas.

A temática da educação é expressa em estudos de Imbernón (2011), que se preocupa com formação docente e profissional, desenvolvidos e contextualizados na contemporaneidade; Ens e Behrens (2011), os quais apresentam o ser professor e os desafios da docência no nosso tempo; Tozetto (2010), que investiga a especificidade e os saberes necessários à profissão docente; e Delval (2010), o qual relata as possibilidades de construção de uma educação democrática. Os estudos enriquecem o conjunto de temas da área de educação e formação de professores e permitem-nos delinear as características profissionais exigidas na contemporaneidade. E, mais ainda, clarificam os questionamentos para construir uma escola que contribua para uma sociedade democrática e que supere os problemas apontados com a “educação em crise” que presenciamos hoje.

O campo responsável pelo estudo de valores não apresenta condição tão sólida como a temática de educação - formação de professores, pois as investigações enfrentam dificuldades expressas que o próprio termo possui. A unidade de representação do conceito “valor” apresenta uma condição polissêmica, apontada por Lucas (2014) - a definição varia influenciada por correntes de pensamentos axiológicas (ramo da filosofia responsável pelo estudo de valores).

A polissemia modifica-se na forma como o valor é definido, que pode ser expresso por ele mesmo, ou auxiliado por conceitos. O valor pode ser considerado por si só ou com estruturas que qualificam as coisas. Simplesmente pode existir por ele mesmo, inato, ou considerado como construído, produto de nossa consciência do ambiente (ARAÚJO; PUIG, 2007). Fato é que o campo de valores é vasto e requer opções de investigação por parte dos pesquisadores.

Partindo dessa premissa, optamos por essa investigação por considerar valores como construções humanas que revelam opções que o sujeito realiza, expressas por sua afetividade. Apoiamos nossas concepções relacionadas aos valores em Araújo e Puig (2007), por considerar que sua definição de valores e da

forma como são construídos são fundamentais para uma educação que vise à formação ética e moral das futuras gerações. As contribuições dos autores materializam-se com a construção social e psicológica de valores, na definição da construção de valores e estratégias que possibilitam a educação em valores. Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) também colaboram na investigação da temática, pois oferecem a hierarquização dos valores que se subordinam entre si. Valores não são entes isolados, mas estão organizados e relacionados, uns com os outros, em sistemas.

Eis que surge aí a dúvida que pode estar intrigando o leitor: existe uma relação entre a educação e os valores? É possível uma investigação com essa temática? Sim, e no nosso caso é o que move a temática da pesquisa. Lucas (2014), em sua pesquisa de doutorado, destaca que, atualmente, a problemática axiológica (valores) não se esgota apenas no campo da Teologia, da Economia e da Filosofia, ela se materializa no campo da educação, expressa em uma prática educativa voltada à formação humana, que possui referenciais axiológicos para formar cidadãos.

Foi possível, assim, formular e delimitar o objeto da pesquisa, que orienta a coleta de dados e auxilia na busca por resultados. O objeto da pesquisa materializa-se nas concepções dos professores a respeito da educação na construção de valores. Dessa forma, este estudo tem a intenção de buscar subsídios a partir da visão dos professores, para apreender a função que os docentes exercem na escola, buscando identificar se eles reconhecem seu papel na educação em valores e se apontam a escola como espaço privilegiado para construção de valores.

O objetivo geral é compreender qual concepção os professores da rede pública estadual da cidade de Ponta Grossa – PR possuem sobre a educação na construção de valores. Os objetivos específicos materializam-se em:

- Analisar qual concepção os professores possuem sobre a função que exercem na escola.
- Identificar se os professores reconhecem seu papel na educação em valores e se apontam a escola como espaço privilegiado para educar e formar em valores.

A investigação foi desenvolvida dentro da perspectiva qualitativa de pesquisa. Denzin e Lincoln (2006) caracterizam a pesquisa qualitativa como

conjunto de práticas materiais interpretativas que tornam o mundo visível. Estas são adequadas à pesquisa, uma vez que permitem ao investigador estudar seus objetos de pesquisa dentro de seus contextos naturais. Creswell (2014) também define pesquisa qualitativa na mesma lógica, como estruturas interpretativas que informam os problemas da pesquisa, abordando os significados dos indivíduos.

Os instrumentos selecionados para a coleta dos dados foram questionários e entrevistas, ambos escolhidos com objetivo de reunir os dados pertinentes ao problema a ser investigado. A utilização e a integração de dois instrumentos de coleta de dados foram realizadas devido à complementação que os recursos técnicos trazem, facilitando a reunião dos dados referentes ao objeto da pesquisa (PÁDUA, 2004).

Os 51 professores sujeitos da pesquisa atuam em seis escolas estaduais da cidade de Ponta Grossa – PR e disponibilizaram-se a responder ao questionário. Em uma etapa posterior de coleta de dados, seis professores concederam entrevista. Os dados coletados foram analisados com auxílio da análise qualitativa de conteúdo, mais especificamente Análise de Conteúdo, proposta por Bardin (2011) envolvendo um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam aos discursos, mediante a interpretação, e permite inferências.

Como referencial teórico, a investigação organizou-se em dois capítulos. No **capítulo I**, trazemos a explicitação do período histórico tratado na pesquisa, a contemporaneidade, para situar o leitor na investigação e também para compreender a influência que o contexto histórico trouxe à educação, especialmente hoje, de como a educação se organiza. São apresentadas características da educação contemporânea, juntamente ao surgimento dos sujeitos educativos, produtos do tempo citado.

São apresentadas também as funções que a escola desempenha atualmente, mediante a explicação da motivação em que as escolas foram criadas. Incluímos, ainda, o papel do professor na sociedade contemporânea. Atentamos, nesse capítulo, para a indispensável função social da escola, requerida no nosso tempo, e depositamos nossas expectativas nos professores que, para atuar na contemporaneidade, precisam redefinir e refletir a função docente.

No **capítulo II**, apresentamos a composição dos valores na sociedade, que devem ser definidos, repensados e discutidos devido às contradições sociais da atualidade. Apresentamos, também, algumas reflexões sobre como os valores são

construídos para que os indivíduos consigam pensar por si próprios e a educação possa favorecer essa ação. Além disso, exibimos, ainda, uma reflexão sobre a educação na concepção de valores, que eduque para a intervenção social dos indivíduos.

Além do referencial teórico, na sequência, no **capítulo III**, apresentamos os procedimentos metodológicos da investigação – situando a pesquisa como abordagem qualitativa, a caracterização dos sujeitos participantes do estudo, os instrumentos utilizados para a coleta de dados e a metodologia utilizada para o seu tratamento.

Em seguida, no **capítulo IV**, apresentamos os dados coletados na investigação, uma análise deles e os resultados encontrados no estudo. Por fim, dispomos sobre as considerações finais da pesquisa.

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO E CONTEMPORANEIDADE

Neste capítulo, apresentamos a influência que a contemporaneidade trouxe para a educação, especialmente nos dias de hoje. Expomos, também, as características da educação e os novos sujeitos educativos, produtos da contemporaneidade. São exibidas as funções que a escola desempenha, atentando para sua função social. Incluímos, ainda, o papel do professor na sociedade atual, que, para atuar nesse período histórico, precisa redefinir e refletir a sua função docente – redefinição da docência.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

A contextualização do tempo histórico tratado na pesquisa situa o leitor na época que a investigação se concretiza. Pensando em períodos históricos, era justo que se concebesse a educação desde o mundo antigo, perpassando pelo Oriente, Grécia, Roma, influências do cristianismo, posteriormente época medieval e período da modernidade. Claro que, para entendimento das formas de educação que compreendemos hoje, do saber pedagógico, dos professores, isso seria de suma importância pelo fato de a educação ser resultado da construção de séculos de história. Contudo, pela extensão de séculos e especificidade de cada período, optamos como recorte da pesquisa tratar do período da contemporaneidade. A época contemporânea traz marcas na educação até os dias de hoje, influenciando a forma como a educação se organiza, como se compreende o professor, as escolas e o saber pedagógico. Eis a importância de que sejam explicitadas as características da época contemporânea, desde seu surgimento, juntamente ao entendimento da educação do mesmo período, pois a transformação que a sociedade viveu no início da contemporaneidade traz sinais ainda no nosso tempo.

O nascimento da contemporaneidade deu-se por volta de 1789, com a Revolução Francesa¹, envolta de desequilíbrios sociais, econômicos e políticos,

¹ Evento crucial que acontece na sociedade europeia, envolto por desequilíbrios sociais, econômicos e políticos – é uma fase de convulsão e de transformação da história, em que as conotações

caracterizando a Europa em um período de “convulsão” e transformação da história. Houve a gradual substituição de conotações medievais da sociedade e preocupação com a renovação, com o futuro – dinamismo social, ideológico e político (CAMBI, 1999).

Segundo Cambi (1999), depois da Revolução Industrial², vieram outros acontecimentos, como a Restauração,³ que trouxeram profundas marcas nas estruturas da sociedade caracterizando-a até os dias atuais. Os anos que compreendem esse período histórico são marcados por tensões revolucionárias e rupturas, orientados por movimentos políticos, sociais, étnicos. A contemporaneidade foi também época da industrialização, dos direitos, das massas e da democracia. Intensifica-se, no contexto contemporâneo, avanços e retrocessos no campo político e uma intensa luta de classes, trazendo à tona a consciência dos sujeitos, juntamente ao “espírito de protagonistas da história”, que nasce em cada indivíduo (CAMBI, 1999).

A expressão “contemporaneidade” remete a um período marcado por transformações em várias esferas da sociedade, oferecendo complexidade ao contexto histórico. A mutabilidade é característica marcante das situações e dos processos ocorridos no momento. Sua compreensão é importante, especialmente por a presenciarmos no nosso próprio tempo. A contemporaneidade também foi época de educação, com cunho social. Incentivada pelas transformações que se operavam na sociedade, a instrução tornou-se o centro da vida social. Os sujeitos superavam suas particularidades para integrar-se na coletividade. A educação, então, passou a ocupar papel específico de mediação e reequilíbrio no sistema social (CAMBI, 1999).

No período contemporâneo, a educação, especialmente, recebeu destaque diante das intensas transformações que a sociedade estava sofrendo. Depositou-se na educação o meio no qual os conflitos - entende-se aqui conflitos do sistema social, poderiam ser equilibrados, ou até mesmo organizados mediante o acesso à cultura escolar.

medievais de sociedade da ordem, da soberania por direito e organicidade das classes são eliminadas (CAMBI, 1999).

² Processo que se inicia na Inglaterra no século XVIII, marcado pelo nascimento do “sistema de fábrica”, da produção em larga escala e de mercado mundial (CAMBI, 1999).

³ Restauração é posterior as revoluções napoleônicas e ao Império – as estruturas que se difundem na Restauração, irão marcar a época contemporânea até os dias de hoje (CAMBI, 1999).

A educação na contemporaneidade veio marcada, segundo Cambi (1999), por uma forte simbiose com a ideologia. A importância social da ideologia encarrega-se de objetivos ideológicos de uma sociedade na transmissão de conhecimentos, de comportamentos e de atitudes mentais. Autores como Pestalozzi, Capponi, Comte e Gentile, citados por Cambi (1999), trazem a função política da pedagogia⁴. Os autores a situam dentro da sociedade, na qual a pedagogia age como síntese orgânica de perspectivas de valores ou, ainda, como centro de rearticulação do próprio ambiente social.

A discussão da educação relacionada à sociedade traz em seu centro uma preocupação ligada aos problemas sociais. A contemporaneidade foi marcada com o vínculo entre pedagogia e sociedade, trazendo inclusive a relação com a ideologia. A educação, nesse período, varia desde modelos tecnocráticos⁵ até modelos emancipatórios⁶, comumente vistos ainda nos dias de hoje (CAMBI, 1999).

A educação, nos moldes atuais, possui ainda profundas marcas do início do período da contemporaneidade, no sentido de a sociedade vincular a formação escolar com a política; também por depositar ideais que variam desde a organicidade da coletividade até os ideais transformadores, em que a educação poderia desencadear mudanças sociais, como se a escola fosse a única responsável por manter a coesão da sociedade.

A contemporaneidade não trouxe apenas mudanças nas estruturas sociais. A educação passou a ocupar papel central nas discussões sociais para a construção do homem moderno, entendido como indivíduo e cidadão, ao mesmo tempo autônomo e socializado, para realizar uma sociedade orgânica, mas que possuísse liberdade e a colaboração de todos. Novos sujeitos ganharam destaque na questão educacional como a criança, a mulher, o deficiente, e, posteriormente, as etnias e minorias culturais (CAMBI, 1999).

O período histórico iniciado há séculos, vivenciado ainda hoje, traz a emergência da educação. De um lado, espera-se seu papel cultural; de outro, seu papel político. A escola não seria mais para conformação, mas para emancipação, por meio da qual a sociedade evoluiria.

⁴ Pedagogia é entendida como educação, segundo Cambi (1999).

⁵ Modelo que sublinha a funcionalidade da pedagogia - educação - escola à sociedade e ao seu desenvolvimento funcional; não aberto à mudança (CAMBI, 1999).

⁶ Modelo com função crítica, emancipatória e transformadora - inovação (CAMBI, 1999).

A escola assumiu sua função social primária no início da contemporaneidade e aconteceu uma virada fundamental. Houve rejeição do intelectualismo e formalismo tradicional, dando ênfase ao “saber fazer” e ao trabalho. Na contemporaneidade, segundo as palavras de Cambi (1999), a escola abriu espaço para o trabalho, ora entendido como trabalho manual - feito em classe, valorizando a habilidade manual do aluno, destinado a reunificar o pensamento e o fazer -, ora como trabalho produtivo, para ser exercido em locais específicos.

O que fica claro nesse período, e vemos ainda nos dias de hoje, é que a sociedade é complexa, e produziu uma necessidade de se ter indivíduos especializados capazes de dar conta de qualquer demanda que exija suas competências e habilidades. A educação não teria apenas a função de superar essas dicotomias sociais que a sociedade contemporânea produziu, mas seu papel seria a de regular e dominar o indivíduo para que as diferenças entre eles não fossem visíveis.

Outra característica marcante apontada por Cambi (1999) diz respeito propriamente às escolas, com a renovação da organização escolar e as reformas. As escolas foram redimensionadas e reprogramadas para adquirir sua funcionalidade social, que atendessem aos interesses da sociedade industrial. A educação foi adaptada aos modelos culturais da sociedade que se considerava produtiva, pluralista e aberta. O saber pedagógico também sofreu alterações e transformações.

Todas as reestruturações que a escola sofreu assemelham-se muito aos dias atuais, pois o ambiente escolar tornou-se uma instituição central da vida social, na qual são delegadas tarefas de reprodução e transmissão, mas também de seleção, entre passado e futuro, com ideais de conservação e mudança. Conclui-se que a escola assumiu um papel na vida social e na organização política contemporânea, em uma função de rearticulação e de fortalecimento da vida coletiva. Apenas a escola poderia assumir as transformações ocorridas na família, no Estado, na sociedade civil, para dar espaço ao “homem - cidadão”, pois o ambiente educativo, mesmo com seu equilíbrio aparente, tem espaço para o social, o cultural, o político e o espiritual (CAMBI, 1999).

Talvez isso nos aponte que as demandas impostas à escola que superam a transmissão de conhecimentos sejam resquícios advindos da concepção contemporânea de que a escola seria o ambiente mais adequado para minimizar e

adequar os alunos às transformações sociais. A escola, desde o início da contemporaneidade, apesar de sofrer inúmeras reestruturações, continuou como a instituição educativa responsável por transmitir os conteúdos historicamente produzidos; trouxe com o momento histórico novas formas de organização, mas suas raízes permaneceram entre o passado e o futuro, e o ideal de conservação e de mudança na sociedade.

1.2 A ESCOLA: ONTEM, HOJE E FUNÇÃO SOCIAL

A educação que praticamos hoje traz um peso da história, como demarcado no item anterior, com particularidades contemporâneas. A educação desenvolvida na atualidade não é puramente resultado das necessidades impostas pela sociedade no presente. Ela foi idealizada e pensada com fins próprios, em cada momento histórico, que a caracterizaram como uma instituição educativa. Isso quer dizer que a educação atual traz marcas inclusive do passado, que dão forma em como a educação se processa e se organiza.

O mundo moderno constituiu-se, a partir do século XV, com a ideia de progresso linear, produtividade racionalista, concepção positivista e a percepção homogênea do desenvolvimento humano. Houve a partir dessas mudanças a necessidade de funcionamento de uma instituição que fosse responsável por transmitir as informações acumuladas socialmente (TOZETTO, 2010). Eis a razão do surgimento de uma instituição que fosse responsável pela transmissão dos conhecimentos acumulados socialmente. Seria a escola o local onde o conhecimento seria tratado de forma hierarquizada, lugar de integração dos indivíduos em um grupo, que possibilitaria o crescimento da pessoa. A escola assume uma importante função de socialização que antes era desempenhada por um grupo social ao qual o indivíduo pertencia.

Os ambientes escolares, nesse momento, segundo Tozetto (2010), representavam a instituição escolar responsável pela socialização objetiva do conhecimento, pois foi criada para transmitir os conhecimentos, organizar, estruturar e estimular a aprendizagem. Até pouco tempo, a escola tinha monopólio do saber. Era o único local em que o conhecimento era discutido e o professor era o detentor do saber. Hoje, mediante a infinidade de informações da sociedade contemporânea, há a necessidade de reorganização da escola e do trabalho do professor, pois não

se pode mais ficar atrelado simplesmente à reprodução dos conhecimentos produzidos socialmente.

A escola atual, nas palavras de Delval (2010), é insatisfatória, porque não realiza as funções que aparentemente lhe são atribuídas. Ao contrário, ela fomenta a submissão e o respeito pela ordem estabelecida. A crítica do autor faz-nos pensar: Para que as escolas foram criadas? Talvez haja um distanciamento das finalidades da escola atualmente, uma vez que o espaço educativo foi criado para ser um local de aprender a pensar de maneira crítica, para refletir sobre os problemas sociais e para adquirir as normas que regem as relações com as pessoas.

Como ponto de partida para a discussão, devemos sinalizar qual a função essencial do estabelecimento escolar, pois a partir disso é possível pressupor, ou até mesmo delinear, porque a educação é alvo de críticas, e é apontada como insuficiente em seu trabalho. Partimos do pressuposto de que a função primeira da escola é ensinar o aluno, mas também acreditamos que ela absorveu diversas funções demandadas da sociedade, do governo e da família, advindas da contemporaneidade.

A escola tem função conservadora, no sentido de “conservação” dos saberes historicamente produzidos, sem considerar essa palavra pejorativa, pois trata de transmitir aos jovens as aquisições da sociedade adulta na qual estão crescendo e a serem participativos nos valores, nas atitudes e nas crenças dominantes, para que contribuam na sociedade e possam perpetuá-la (DELVAL, 2010). Partindo disso, acreditamos que a escola possui a incumbência de aprendizado para adquirir conhecimento para a vida em sociedade. No entanto, como o ambiente educativo muitas vezes torna-se palco ou até mesmo extensão da sociedade, muitas expectativas em relação às suas finalidades são impostas a ela, ultrapassando essas funções essenciais.

As atribuições da escola são múltiplas e transcendem a simples transmissão de conhecimentos. A sociedade deposita no espaço escolar a expectativa dos indivíduos adquirirem hábitos de trabalho ou até mesmo possuir uma conduta socialmente aceitável. Não podemos apontar as funções da escola, mas podemos elencar quais ocupações ela passou a desempenhar. A seguir, Delval (2010) elenca as atividades que a escola desempenha:

- Guardar crianças – manter as crianças ocupadas enquanto seus pais estão em suas atividades.
- Socialização – colocá-las em contato com outras crianças.
- Adquirir normas básicas de conduta social – adquirir as habilidades básicas instrumentais: ler, escrever, expressar-se, aritmética. Adquirir o conhecimento científico. Transmitir-lhe uma ideologia.
- Consciência da identidade nacional.
- Adquirir conhecimento.
- Preparar para o trabalho – adquirir os recursos fundamentais para inserir-se no mundo do trabalho.
- Ritos de iniciação – submetê-las a provas que servem de seleção para a vida social. Estabelecer discriminações entre elas (DELVAL, 2010, p. 31).

A primeira finalidade desempenhada pela escola refere-se, segundo Delval (2010), a guardar crianças. O papel poderia ser considerado como secundário e tem uma utilidade social, pois responde às demandas das novas formas de vida, da incorporação da mulher no trabalho e na progressiva urbanização da sociedade. A escola seria o local onde as crianças permaneceriam fora de seu ambiente domiciliar enquanto a família estaria ocupada com o trabalho.

Outra importante função que os ambientes escolares desempenham é de socializar as crianças. A socialização refere-se à participação da vida social, relacionar-se com outras crianças da mesma idade e adquirir formas de interações com os outros. A escola é um lugar possível para que os indivíduos interajam entre si, tornando-se privilegiado, pois a interação é importante para o desenvolvimento, promovendo a cooperação, a possibilidade de colocar-se no ponto de vista do outro e a reciprocidade (DELVAL, 2010).

A escola nesse viés tem papel socializador no sentido de manifestar nos indivíduos como devem se portar na sociedade e para compreensão do grupo social que fazem parte. O ambiente educativo exerce, então, uma relação social, pois o indivíduo vai adquirir as normas e as condutas esperadas para viver em equilíbrio na sociedade.

As instituições educativas também são veículo para transmitir ideologia e refere-se à terceira função que ela desempenha. *A priori*, a escola deveria ser para adquirir uma forma de pensamento científico e autônomo, e não para ser partidária. (DELVAL, 2010).

A quarta função exercida pela escola é a de transmitir conhecimentos. Nas sociedades tradicionais, o aprendizado para a sobrevivência era realizado nas comunidades. Com as mudanças sociais, o papel de aprendizado, antes apenas

desenvolvido pela família, também passou a ser desempenhado pela escola. As sociedades atuais caracterizam-se pela grande quantidade de conhecimentos acumulados e a função da escola seria então de transmissão.

O próximo desempenho realizado pelos ambientes escolares Delval (2010) elenca como a preparação para o trabalho. A formação oferecida pelo espaço educativo deve contribuir para a aquisição de competências necessárias para o desempenho das funções profissionais futuras. Isso demonstra, ainda hoje, a herança que trouxemos em relacionar a escola ao trabalho, traços da contemporaneidade. A função da escola foi associada ao mundo profissional, gerando a falsa sensação de que quem possuir maior escolaridade terá mais sucesso no trabalho. Isso pode ser um erro, na medida em que a escola não é a única responsável pela integração social do indivíduo, nem garantia. Ela pode favorecer a preparação profissional, mas o papel essencial deveria ser a emancipação e não apenas a capacitação.

E, por fim, o último papel que Delval (2010) elenca que a escola realiza são os ritos de seleção e de iniciação. Antigamente, eram as famílias que desempenhavam essa responsabilidade, simbolicamente oferecendo aos sujeitos o acesso a determinados *status* que o indivíduo deveria adquirir para viver em sociedade. Com o tempo, a escola assumiu esse cargo, em suas atividades escolares, determinando requisitos para desempenhar um papel social. Inseriu as provas em sua organização, manifestando-se como um rito de seleção trazido das sociedades antigas.

Podemos destacar que as funções que a escola desempenha vão além de ensinar conhecimentos. Às vezes, suas colocações são expressas por determinantes sociais, mas não podemos perder de vista que uma educação assim pode ser dogmatizadora ou ideológica. É importante refletir sobre os procedimentos educacionais, o conhecimento escolar e os fins da escola para que a aprendizagem não seja uma atitude passiva e descontextualizada, que o professor não seja submisso ao sistema de educação que está inserido e que a educação não seja uma mera transmissão de conhecimentos.

O dinamismo social supera as ordens da sociedade, fazendo com que a escola não se limite mais a repassar conhecimento, o qual possui múltiplas dimensões, e a escola precisa oferecer ao aluno preparo para a diversidade cultural, social, econômica e humana.

Imbernón (2011) destaca que as instituições responsáveis em educar em todas as instâncias, devem mudar radicalmente, tornando-se algo diferente, apropriadas às mudanças que perpassaram no século XX. Essas mudanças voltam-se à escola, juntamente à profissão docente. Há a necessidade da superação da concepção de mera transmissão de conhecimento acadêmico, que se considera obsoleta para os dias atuais, para uma educação que forme cidadãos aptos a viver em uma sociedade democrática – plural, participativa, solidária e integradora.

O enfoque centralista, transmissor, selecionador e individualista da escola deve ser superado, nas palavras de Imbernón (2011), pensando em uma educação que eduque na vida e para a vida. A educação precisa extrapolar as desigualdades sociais mediante abordagens mais relacionais, dialógicas, cultural-conceituais, comunitárias, em substituição a enfoques tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes. A escola carece refletir sobre o dinamismo social e cultural da sociedade e deixar de ser um lugar que só ensina o “básico”, aqui entendido como as quatro operações, ensinar a socialização e uma profissão, como também reproduzir o conhecimento dominante, para assumir seu papel essencial, complexo, de um ensino que forme cidadãos.

Na contemporaneidade, as transformações que o momento histórico trouxe ocasionaram mudanças para todos os setores da sociedade, especialmente a educação. As demandas sociais depositaram expectativas na educação para minimizar as desigualdades da sociedade, e a educação, dessa forma, tornou-se complexa. Assim, coube à escola a responsabilidade de formar o aluno que tivesse consciência de sua amplitude, tanto na questão de ser um cidadão, como também um sujeito que soubesse atuar na complexidade da sociedade em busca de um ambiente democrático, solidário e igualitário.

A complexificação da instituição educativa e, conseqüentemente, da profissão docente sofreu, segundo Imbernón (2011), mudança radical e vertiginosa das estruturas científicas, sociais e educativas em sentido amplo que são as que dão apoio e sentido ao caráter institucional do sistema educativo:

- Um incremento acelerado e uma mudança vertiginosa nas formas adotadas pela comunidade social, no conhecimento científico e nos produtos do pensamento, a cultura e a arte.
- Uma evolução acelerada da sociedade em suas estruturas materiais, institucionais e formas de organização da convivência, modelos de família, de produção e distribuição, que têm reflexos na mudança inevitável das formas de pensar, sentir e agir das novas gerações.

- Contextos sociais que condicionarão a educação e refletirão uma série de forças em conflito. As enormes mudanças dos meios de comunicação e tecnologia foram acompanhadas por profundas transformações na vida institucional de muitas organizações e abalaram a transmissão de conhecimento e, portanto, também suas instituições. O mito da sociedade da informação deixa muitas pessoas totalmente desinformadas, ao passo que outras acumulam o capital informativo em seu próprio benefício e no de alguns poucos.
- Uma análise da educação que já não a considera patrimônio exclusivo dos docentes e sim de toda a comunidade e dos meios de que esta dispõe, estabelecendo novos modelos relacionais e participativos na prática da educação (IMBERNÓN, 2011, p. 9).

Não há como negarmos que a instituição educativa e a profissão docente são influenciadas por todo o contexto da contemporaneidade, portanto a forma como a educação é vista e a escola se organiza devem ser repensadas, em vista da compreensão da intensa aceleração da sociedade. Não podemos ignorar o momento em que estamos vivendo. A educação não se esgota na formação elementar. A escola precisa preparar a formação do aluno não só com conteúdos formais, mas também educá-lo para a vida.

Podemos destacar ainda que o que mudou na contemporaneidade não foi apenas a sociedade, as mudanças sociais materializaram-se nas escolas, incidindo diretamente no processo educativo. A função da escola preservou-se como sendo a de socialização, mas foi marcada por uma série de tendências que modificaram a forma de vida, de trabalho, das relações sociais e as formas de ensino, ainda presentes nos dias de hoje.

O que nos chama a atenção aqui e afeta a educação diz respeito, segundo as palavras de Delval (2010), às mudanças na situação de crianças e jovens, pois, sendo a escola responsável por educá-los, ela não está alheia a essas mudanças produzidas na sociedade. Os sujeitos que frequentam as escolas mudaram seus perfis e as escolas precisam adequar-se a eles. Os alunos já não seguem todas as orientações do professor passivamente, nem a falta de disciplina é castigada severamente. Os sujeitos de hoje são menos disciplinados e sua relação com os adultos é diferente.

Não foi só o ambiente educativo que alterou. Quem frequenta a escola também não ficou ausente às mudanças produzidas em nossa sociedade ocasionadas pela contemporaneidade. As relações sociais modificaram-se, a infância foi reconhecida como importante fase para o desenvolvimento infantil e

houve também transformações no interior das famílias que alteraram suas estruturas.

As famílias reduziram-se, inclusive devido às formas de trabalho vigentes da sociedade. Houve o desaparecimento das “grandes famílias”, as mudanças nas pautas de conduta sexual, a introdução ao divórcio, diminuição dos matrimônios, fazendo com que as relações com os adultos diminuíssem. O contato com as crianças diminuiu, fazendo com que os meios de comunicação conquistassem espaço nessas relações. Como consequência de todas essas transformações que se produziram no funcionamento das famílias, modificaram-se as características das crianças (DELVAL, 2010). Assim sendo, atualmente, não podemos situar a escola nos modelos aos quais ela foi idealizada, com intuito de formação de indivíduos e socialização, com raízes tradicionais de transmissão de conhecimento, muito menos com ideais críticos, fomentando o indivíduo a pensar por si próprio.

Existe um contínuo de tipo misto, segundo Delval (2010), ou seja, há uma escola que considera que a criança tem de aceder a uma série de conhecimentos, que diferenciam os que foram à escola e os que não foram. Esse tipo de escola constrói uma criança passiva, cuja função é a de receber e armazenar um conhecimento que os outros produziram. Na outra concepção, considera-se que o conhecimento é um processo que as crianças participam dele. Sua função é de produzir, buscar, investigar problemas e adquirir novos conhecimentos. A criança aprende a sistematizar, organizar, buscar, exercendo uma atividade intelectual de investigação.

A construção e a transmissão do conhecimento, que são funções da escola, segundo as palavras de Tozetto (2010), atualmente se dão em uma linguagem frágil e global, pois não há afirmações ou posicionamentos quanto ao papel do professor. A transformação das relações sociais traz para o espaço escolar novos desafios, que nosso tempo precisa considerar.

As escolas que conhecemos hoje, a estrutura, o funcionamento, as práticas e o papel designado de seus agentes não são fruto maduro, nutrido por uma filosofia concreta da educação, mas é um produto histórico criado pela sedimentação de ideias diversas e interesses variados. Sem conteúdos culturais densos, a escolarização perde sua significação moderna de elevação dos sujeitos e de socialização (TOZETTO, 2010).

Não dá para negar que os modelos com raízes tradicionais de transmissão de conhecimento e os modelos com ideais críticos de educação se incorporam na escola. Ora o passado repete a forma como se produz o conhecimento, ora a escola pensa em seus ideais críticos, compreendendo a produção de novos conhecimentos. Naturalmente, são dois modelos ideais, e as escolas que realmente existem participam tanto dos moldes tradicionais como dos críticos (DELVAL, 2010).

Ao se analisar as necessidades da sociedade, do homem e da escola, não há um consenso em relação às funções sociais que ela precisa desempenhar no mundo moderno. Ora a função social é entendida como o papel que a escola desempenha para propagar um modelo cultural que foi acumulado durante anos pela sociedade, ora a função social é compreendida como prática social. O consenso reside no entendimento da educação como construção social.

Tozetto (2010) explica que, para a escola cumprir sua função social, ela precisa considerar as práticas sociais nas quais se insere a comunidade, sendo elas de natureza material, política e simbólica. O acesso de todos é garantido se a escola possuir uma proposta educacional que supere as desigualdades sociais. A escola que cumpre sua função social tem a obrigação de qualificar jovens, de legitimar a diversidade e a heterogeneidade, ter uma gestão que parta da mobilização da periferia e que promova um contínuo aperfeiçoamento dos professores que estão à frente das mudanças.

Para pensar a escola como função social, é preciso considerar que a formação é realizada por sujeitos históricos, e que a educação e as organizações escolares são instituições que foram criadas por esses sujeitos e seus desdobramentos na organização da sociedade. A educação, pautada no viés social, possui um projeto de educação que considera a realidade visando a transformação na medida em que a educação não está pronta e acabada. Não se trata de delegar à escola uma função salvacionista, mas de reconhecer o papel social nos processos educativos, na sistematização e na socialização da cultura. A escola no desempenho de sua função social é formadora de sujeitos históricos, espaço de sociabilidade, que possibilita a construção e a socialização do conhecimento produzido (DOURADO; OLIVEIRA, 2009).

Diante de tais considerações, é possível perceber que o papel social da escola se materializa no momento que esta reflete suas finalidades e ideais. A educação e a formação humana serão aliadas na definição do projeto educativo da

escola, e todos os sujeitos presentes participam da organização. Precisamos repensar o papel da escola frente ao conhecimento, valores e atitudes em prol de um projeto de transformação.

Tozetto (2010) corrobora com a ideia e completa a definição de função social que a escola desempenha, oportunizando ao educando uma relação prazerosa com o conhecimento, propondo situações problematizadoras que minimizam a inércia e a reprodução. A escola pensada com essa incumbência favorece a constituição do indivíduo. O professor será peça fundamental nesse processo. A atuação do professor não poderá ser mecânica e suas ações devem ser interativas, ocorrendo em um movimento dialético, com base nos saberes⁷ e nos conhecimentos⁸.

1.3 PROFESSOR NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Ao olharmos a história da educação, segundo Zirtae e Nonreb (2015), podemos perceber que, na primeira metade do século XX, ocorreram reformas curriculares na formação de professores, mas não na mesma proporção com relação à organização das escolas. Isso quer dizer que a formação que os professores receberam há cem anos é completamente diferente da que eles recebem hoje – os fins da educação são outros. O professor atual tem a complexa tarefa de contribuir para o desenvolvimento de cidadãos com autonomia e capacidade de juízo; e como é natural, as demandas obrigaram a mudar a maioria dos conceitos educacionais, ocorrendo uma revolução na educação.

Não foi só a escola que permaneceu alterada. Houve uma mudança em toda a estrutura curricular dos professores. Assim, o século XXI traz a emergência da transformação tanto da instituição educativa, como da profissão docente⁹, para que sejam apropriadas às demandas da sociedade. Ele representa as mudanças que abalam as instituições educativas em todas as instâncias com função de educar, e também o abandono da concepção predominante do século XX em que a profissão docente era concebida como transmissão de conhecimento acadêmico. A profissão exerce outras funções relacionadas às estruturas sociais, como motivação, luta

⁷ Saberes são compreendidos como os conhecimentos que o professor demanda para o exercício da docência. (TARDIFF, 2002 *apud* TOZETTO, 2010).

⁸ Conhecimentos são entendidos aqui como um aparato que o professor dispõe para atender às exigências que estão implícitas no processo de ensino e aprendizagem. (TOZETTO, 2010).

⁹ A profissão docente é entendida como a soma dos professores que se dedicam à função de educar nas instituições educativas (IMBERNÓN, 2011).

contra a exclusão social, relação com a comunidade, que transcendem a mera transferência de conhecimento; a educação exerce a função de reflexão e formação ampla, em um sentido de constituição do indivíduo (IMBERNÓN, 2011).

Assim, definir qual a função da profissão docente torna-se complexo. Não há consonância que defina como os professores devem conceber, organizar e promover o processo de influência educativa pelos quais são responsáveis na escola. Vivemos em um período, segundo as palavras de Cosme (2011), difícil de construir consensos suficientemente sólidos acerca da intervenção educativa dos professores e suas responsabilidades profissionais. A discussão acerca da função do professor e finalidades da escola é aparentemente nova, ganhando visibilidade nos anos de 1970 e de 1980, em que antes a escola era considerada “estável”.

No espaço marcado pela imprevisibilidade e pela incerteza, os professores optam por participar de um projeto de escola subordinada a uma racionalidade de caráter meritocrático¹⁰, ou em um projeto de escola que se define em função de uma racionalidade comprometida com os valores que caracterizam contextos tendencialmente democráticos.

Diretamente discutindo o trabalho docente¹¹, o professor participa na construção do seu conhecimento profissional, optando por uma decisão estruturante que vai da racionalidade técnico-científica a uma racionalidade que considera o professor como profissional reflexivo. As escolhas que o professor faz relacionam-se aos espaços e aos momentos de gestão curricular, com a mediação pedagógica e com os processos de avaliação (COSME, 2011).

É preciso considerar que a conjuntura da educação se modificou desde o início da contemporaneidade, e a escola reflete o dinamismo cultural e social. O professor, que não está alheio à complexidade das estruturas científicas, sociais e educativas, necessita acompanhar as transformações da escola. Logo, o ensino como enfoque técnico deve ser superado, em vista de uma educação centrada na formação das potencialidades dos sujeitos pensantes, capazes de agir por si próprios.

Ser professor, em um momento que os conhecimentos são subsidiados na sociedade atual, é complexo, no sentido das incertezas em desempenhar a função

¹⁰ “Meritocrático” relaciona-se a mérito, definido pelo dicionário como “merecimento” (FERREIRA, 2010).

¹¹ O trabalho docente está relacionado à totalidade das atividades realizadas pelo professor (TOZETTO, 2010).

de ensinar. Diante da conjuntura de indefinição da atuação docente, Freire (1996) defende uma educação em uma perspectiva progressista. O professor precisa compreender que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou sua construção.

É preciso considerar que o contexto da educação não é mais o mesmo, do início da contemporaneidade no século XVIII. Não é só a escola que necessita repensar suas finalidades na atualidade. A contemporaneidade do século XXI reflete a emergência em redefinir-se o trabalho docente, tendo em vista que não existe apenas uma crise institucional na escola, há também implicações que afetam diretamente os professores e suas práticas. O período histórico demanda que o professor acompanhe as transformações da escola (ENS; BEHRENS, 2011).

O professor tem de ter consciência de seu papel, e o desafio que se coloca ao professor não é uma tarefa fácil de realizar. Tozetto (2010) define:

[...] construir seu saber, buscando uma atuação teórico/prática consciente do mundo social em que está inserido, acaba se tornando uma atividade complexa. O profissional da educação necessita ter uma compreensão do conhecimento em suas múltiplas dimensões, sendo capaz de construir seu pensamento e suas ações voltados às necessidades de seu cotidiano, rompendo com o muro da escola. Ainda, o professor tem como função primordial incentivar a atividade intelectual do aluno, proporcionar condições para que ele aprenda e solucione autonomamente seus problemas. (TOZETTO, 2010, p. 13).

O desafio ocasionado pelo novo tempo ao qual o docente é exposto reflete a instabilidade do mundo atual, e o professor, imerso no contexto contemporâneo, precisa aliar seu trabalho docente com as mudanças do cenário social. A fragmentação do conhecimento, a rapidez na circulação das informações e o avanço tecnológico demandam um reajuste na atuação do profissional imerso na escola, pois o que o professor ensina e o que a sociedade exige estão em descompasso (TOZETTO, 2010).

O professor tem a necessidade de mudar, e a mudança deve partir dele próprio. No período contemporâneo, não cabem mais transformações pressionadas pelo Estado ou emanadas de políticas públicas. O docente precisa adquirir consciência de seu papel como transformador. A educação não vai promover mudanças significativas se os agentes envolvidos não refletirem sobre seu trabalho e o contexto em que estão inseridos. Contudo, os professores sozinhos não podem assumir a responsabilidade da mudança. Os professores são elementos

fundamentais para as modificações na educação, mas faz-se necessário um coletivo forte e organizado para as políticas em educação obterem alterações no trabalho pedagógico (TOZETTO, 2010).

Imbernón (2011) destaca que precisamos “olhar” também qual formação seria necessária para se ter um professor que dê conta da realidade de desregulamentação social e econômica, ideias e práticas neoliberais, da globalização e da mundialização, dos indicadores de desempenho para medir a qualidade educativa e a falsa autonomia da educação. O autor defende, então, uma indispensável redefinição da profissão docente, para que os professores assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos.

Novamente, corroboramos com a ideia de formação de um profissional que seja agente de mudanças, propostas tanto por Tozetto (2010) como por Imbernón (2011), compreendendo o professor, ao mesmo tempo, agente de mudança, individual e coletivamente, um facilitador de aprendizagem, um prático reflexivo.

O processo de formação¹² precisa dotar os professores para tornarem-se sujeitos reflexivos e investigadores. A formação deve defrontar situações de incertezas, contextualizadas e únicas, para decidir e intervir. O professor precisa planejar sua tarefa e assumir uma reflexão sobre sua prática em um contexto determinado, tornando-se um investigador de seu trabalho (IMBERNÓN, 2011).

O que fica claro com as considerações sobre a profissão docente é que o perfil do professor necessita de redefinição, em função das demandas sociais. A contemporaneidade pressiona o professor a ser um sujeito ativo, que se preocupa com o saber intelectual e a realidade social, ao mesmo tempo em que planeja e investiga sua prática. A formação docente também necessita ser revista, evitando a perspectiva técnica, promovendo profissionais prático-reflexivos.

No capítulo a seguir, sobre o *Papel dos valores no contexto educacional*, abordaremos a emergência de resgatar uma perspectiva educacional que considere a diversidade social, cultural, econômica e humana, considerando a escola como espaço privilegiado para educar e formar em valores e o professor, com papel significativo para que isso se materialize.

¹² A formação tem como finalidade permitir que o profissional docente adquira conhecimentos sobre sua profissão, tanto no contexto individual quanto no coletivo (TOZETTO; LAROCCA, 2014).

CAPÍTULO II

PAPEL DOS VALORES NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Neste capítulo, apresentamos a composição dos valores na sociedade, que devem ser definidos, repensados e discutidos devido às contradições sociais, produtos da contemporaneidade. Trazemos, também, algumas reflexões sobre a definição dos valores, como são construídos, para que os indivíduos consigam pensar por si próprios e a educação possa favorecer essa ação, no sentido de a escola ser espaço privilegiado para educar e formar em valores. Também exibimos os domínios dos valores e sua função. Além disso, expomos uma reflexão sobre a educação na concepção de valores, com foco na intervenção social dos indivíduos.

2.1 DEFINIÇÃO, CONSTRUÇÃO, DOMÍNIO E FUNÇÃO DOS VALORES

“Emergência” quem sabe seja essa a palavra da atualidade que representa o momento em que os docentes vivem. Emergir no sentido de “vir à tona” a necessidade de pensar-se em um novo sentido à educação e também no sentido de “rapidez” em refletir em diversos temas ligados à educação. Isso quer dizer, segundo Cortella (2014), que a sociedade, da forma como está organizada hoje, necessita, em caráter de emergência, de revermos e olharmos de outra forma as práticas na educação. Há certo desnorreamento causado pelas rápidas alterações do dia a dia, que muitas vezes causam até a extinção de valores que precisam ser resgatados.

De certa forma, podemos destacar que a escola está em descompasso com a sociedade e que isso afeta os docentes também. As mudanças provocadas pela sociedade contemporânea ocasionam um cenário em que o homem perdeu sua posição central. Vivemos uma crise de valores e a escola imersa nessa conjuntura repensa e refaz suas práticas, reorientando seu trabalho. É urgente que o trabalho com a educação seja pensado para minimizar as desigualdades da sociedade e que promova as potencialidades dos indivíduos.

As sociedades estão cada vez mais multiculturais e pluriétnicas. Segundo Serrano (2002), o multiculturalismo naturalmente afeta cada vez mais as escolas e as comunidades, as quais se converteram em microcosmos da diversidade cultural

da sociedade mundial. A convivência entre pessoas que possuem culturas diferentes torna-se condição primordial para um clima saudável de aprendizagem.

Isso quer dizer que mesmo sendo uma tarefa complexa, a educação pode ser uma oportunidade para formar em um clima multicultural. A grande diversidade de opções que o sujeito encontra no desenvolvimento dos vínculos sociais faz com que a escola adquira relação com a formação da personalidade, fixando marcos de referência que permitem cada um escolher e construir suas múltiplas identidades (TEDESCO, 1995 *apud* SERRANO, 2002).

O que nos interessa aqui são os marcos de referência que uma educação que considera a diversidade possui. Não são modelos que são oferecidos pela educação moral¹³, que reproduzem a sociedade, são referências que proporcionam ao indivíduo agir por si próprio, decidir mediante suas concepções, elaborando sua formação.

Outra emergência imprescindível de ser tratada em nosso tempo refere-se à compreensão da vida humana e suas relações com o mundo social, natural e cultural, em que existem instrumentos fundamentais que permitem ao indivíduo relacionar-se com o mundo – os valores. É justa a compreensão de entender o funcionamento psicológico do ser humano e como cada pessoa relaciona-se com o mundo, pois pode ajudar na construção de estratégias educativas mais eficientes, em prol de uma sociedade mais justa e que considere a diversidade dos indivíduos (ARAÚJO; PUIG, 2007).

Não podemos deixar de falar da educação nos remetendo às complexas formas que o indivíduo se relaciona consigo mesmo e com o mundo sem falar de valores. Os valores, em um sentido amplo, segundo Piaget (1954 *apud* ARAÚJO; PUIG, 2007), referem-se a trocas afetivas que o sujeito realiza com o exterior, com os objetos e com as pessoas, e pertencem à dimensão afetiva constituinte do psiquismo humano. Nesse sentido, os valores fazem parte da educação visto que estão presentes e são construídos nas interações cotidianas, resultantes das ações do sujeito sobre o mundo objetivo e subjetivo em que ele vive (ARAÚJO; PUIG, 2007).

¹³ A educação moral é entendida como a tomada de consciência dos valores, das crenças e das opções vitais de cada pessoa (PUIG, 1995 *apud* SERRANO, 2002).

Quando buscamos conceituação de termo que consideramos relevante é justo que busquemos várias acepções do termo “valor” devido às diferentes perspectivas atribuídas a ele, pois existe uma variação de acordo com as diferentes doutrinas filosóficas que se referem à internalização de valores, que simplesmente o indivíduo interioriza da sociedade, e valores em que o indivíduo constrói mediante suas projeções afetivas, advindos de sua interação com o mundo.

Os conceitos de valor retratam diferentes estudos que se organizam cronologicamente, tornando relevante o campo científico de valores. Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) elaboraram um quadro demonstrativo da evolução das diferentes definições de valores (ver Quadro 1).

Quadro 1 - Definições de valores

AUTOR	ANO	DEFINIÇÃO
SPRANGER	1928	Considera os valores como um conjunto de juízos, reconhecidos pelos padrões sociais e que atuam sobre o comportamento individual.
VERNON	1931	Considera os valores como níveis de aspirações autoconscientes que fazem emergir as realizações pessoais.
ALLPORT	1931	Considera os valores como padrões distintos de comportamento, favorecendo a maturidade individual e a definição de uma filosofia unificadora de vida.
TISDALE	1961	Define os valores como uma inferência motivacional, associando com observações de diferentes metas direcionadas e indicadas para ações alternativas dentro de situações sociais.
WOLMAN WILLIAM	1968	Define os valores como um conceito abstrato que determina para uma pessoa ou grupo social o trabalho relativo de várias metas ou fins, e um sistema de valores como um conjunto de valores adotado individualmente ou socialmente, governando o comportamento individual ou de membros de uma sociedade. Assegura que um valor é um critério ou padrão em termos do qual as evoluções se sucedem.
ROKEACH	1973	Dimensiona os valores como representações cognitivas das demandas sociais e das necessidades individuais que se desenvolvem por experiências vivenciadas pelo sujeito, e de um modo especial através do processo natural de socialização.
CAMPBELL	1976	Os valores são estímulos de prazer ou juízos de valor vantajoso.

Continuação

SEOANE	1982	Considera os valores como crenças relativamente estáveis sobre o que é ou não desejável, e funcionam como normas ou critérios que guiam o pensamento e a ação.
BERGIN	1985	Considera os valores como uma orientação acerca do que é bom, e como é bom para ser alcançado.
SCHWARTZ	1987	Os valores são conceitos ou crenças, pertinentes a estados finais desejados, ou componentes que transcendem a situações específicas, guias de seleções ou evolução de componentes e eventos que são ordenados por importância relativa.
TJELTVELT	1992	Os valores são crenças de compromissos cognitivos, afetivos e de componentes comportamentais.
JUAN JOSÉ VERA	1995	Os valores se constituem num sistema de crenças e ideais de preferências individuais, enriquecidas por componentes afetivos, condutais e cognitivos.
ANDRÉS CONSOLI	1996	Valores são tradições e conformidade relacionados com o peso do valor mental, espiritual, religioso e de perdão. São pontos culminantes das habilidades, do controle próprio e da racionalidade.

Fonte: Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011, p. 33).

Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) explanam sua própria concepção e conceituam valor:

Em economia significa dinheiro; em ética indica a virtude com que se enfrentam graves perigos e se realizam grandes empreendimentos; e em ontologia indica a qualidade pela qual uma coisa possui dignidade, e é por isso digna de estima e de respeito. Valor nesse sentido é aquilo que um ser é digno de ser, uma ação que é digna de ser realizada. (TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011, p. 33).

Lucas (2014) apresenta a origem de valor e esclarece que o termo aparece pela primeira vez nos textos de Dante Alighieri (1265-1321), que era um discípulo de São Tomas de Aquino, que, ao retratar Deus com a conotação de “supremo bem” como o “eterno valor”, utilizou o vocábulo.

Japiassu e Marcondes (2001, p. 187) definem valor em seu sentido literal que significa coragem, bravura, o caráter do homem. Significa aquilo que dá a algo um caráter positivo. A noção filosófica de valor está relacionada àquilo que é bom, útil, positivo; e a algo que deve ser realizado. Do ponto de vista ético, os valores são

os fundamentos da moral, das normas e das regras que prescrevem a conduta correta.

Abbagnano (2012) define valor com uso filosófico, indicando a generalização do termo, para indicar qualquer objeto de preferência ou de escolha, no domínio da ética. Nesse sentido, valor assemelha-se muito à definição do que Araújo e Puig (2007) propõem, afirmando que valores são construídos com base em projeções de sentimentos que os sujeitos lançam sobre os objetos, pessoas e relações. Isso demonstra que, mesmo as conceituações do termo que surgiram para designar de forma ampla valores, relacionam-se às escolhas, tanto positivas quanto negativas, que de alguma forma fazem sentido ao indivíduo e tornam-se projeções de seus sentimentos, na dimensão afetiva.

As diversas conceituações de valores são significativas, uma vez que nos revelam diferentes interpretações do tema, que possuem contribuições enriquecedoras para elucidar o campo científico de valores. Os diferentes conceitos muitas vezes complementam-se entre si, na medida em que definem uma tipologia plural, mas com um sentido único de reconhecer-se e valorizar as potencialidades humanas (TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011).

Araújo e Puig (2007) também definem valor e discorrem a respeito da conceituação como aquilo que a pessoa gosta e valoriza – projeta sentimentos positivos; a valência positiva dos sentimentos é considerada essencial para que o alvo da projeção seja considerado um valor para o sujeito.

Partindo desse pressuposto, é necessário dedicarmos um momento no trabalho para explicar como se dá a construção dos valores, buscando subsídios inclusive da Psicologia, na compreensão do processo que se dá em todo o desenvolvimento do indivíduo.

De modo geral, segundo Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), apesar de as inúmeras definições teóricas acerca dos valores, os autores que investigam o tema constataam alguns elementos comuns, que caracterizam a natureza e a funcionalidade dos valores. Os valores quanto à sua origem são apresentados ora como inerentes à natureza humana, e que representam potencialidades, ora como adquiridos por meio do processo natural da socialização ou da aprendizagem social.

Consideramos como relevante para esta investigação a compreensão dos valores que são construídos pelos indivíduos em processos de socialização cujos efeitos funcionam como guias de conduta e materializam-se na identidade do ser.

Partimos, na pesquisa, do pressuposto de que valores são construídos com base em projeções afetivas. Apoiamos nossas concepções, como pesquisadoras, relacionadas a valores em Araújo e Puig (2007), por considerar que sua definição de valores e a forma como estes são construídos é fundamental para uma educação que vise à formação ética e moral das futuras gerações.

O que fica claro com a definição de valor dos autores Araújo e Puig (2007) é que não podemos considerar valores como uma simples internalização do que a sociedade e a cultura oferecem, pois, se isso fosse verdadeiro, não teríamos tanta heterogeneidade, e todas as pessoas possuiriam os mesmos valores pelo simples fato de pertencer ao mesmo ambiente. Os valores são construídos durante a vida, no processo de desenvolvimento psicológico, organizados em um sistema. O sistema de valores de um indivíduo organiza-se e posiciona-se de forma central na identidade do indivíduo ou na forma periférica. O que determina o posicionamento é a carga afetiva vinculada ao valor.

Nosso sistema de valores e identidade não é rígido e varia de acordo com os contextos e as experiências. A carga afetiva é que vai influenciar a posição do valor. Todos os indivíduos possuem em seus sistemas de valores, valores morais¹⁴ e não morais, constitutivos da identidade (ARAÚJO; PUIG, 2007).

Reconhecendo que os valores se organizam em um sistema de escalas, e a conduta do indivíduo é guiada por múltiplos e mutantes grupos de valores que se relacionam entre si, elencamos na pesquisa um sistema de valores que julgamos importante, por considerar aspectos desenvolvimentistas e efeitos na conduta individual.

Essa não é a única escala de valor existente no campo dos valores. Existem muitos estudos filosóficos, psicológicos e sociológicos que reconhecem os valores de forma sistêmica e organizada, porém elegemos em apresentar a escala de Schwartz (1987), devido à sua importância e a forma didática como explica os valores, e por oferecer classificação dos domínios motivacionais que os valores expressam. Os valores relacionam-se com o poder, autorrealização, hedonismo, estimulação, autodireção, universalismo, benevolência, tradição, conformidade e segurança (TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011).

¹⁴ Valores morais diferenciam-se de valores psíquicos, pois dependem de certa qualidade de interações, não é apenas uma construção de pessoas (ARAÚJO; PUIG, 2007).

Shalom H. Schwartz (1987), citado por Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), propõe uma estrutura psicológica universal de valores humanos e possui em suas investigações estudos contemporâneos que definem valores como representações cognitivas de três unidades universais: necessidades biológicas, necessidades interacionais para coordenação interpessoal, e o bem-estar social para ajustamento do grupo e sobrevivência (ver Quadro 2).

Quadro 2- Escala de Valores de Schwartz (1987) e áreas de domínio

DOMÍNIOS	DESCRIÇÃO	VALORES
PODER	Relaciona-se com o <i>status</i> e o prestígio social, controle e domínio sobre as pessoas e os recursos.	Poder social, riquezas, reconhecimento social, autoridade, preservar minha imagem pública.
AUTORREALIZAÇÃO	Ter estilo pessoal, demonstrando a competência de acordo com o escalonamento social.	Ambicioso, influente, capaz, inteligente, ter êxito.
HEDONISMO	Relaciona-se com a busca de prazer e com a satisfação física, sensual, instintiva de seus próprios desejos e necessidades.	Prazer, gozar a vida.
ESTIMULAÇÃO	Refere-se à necessidade da busca da excitação, aventura e desejo de levar uma vida plena de mudanças e de experiências estimulantes.	Uma vida excitante, audaciosa, uma vida variada, ser atrevido.
AUTODIREÇÃO	A meta que define estes valores é o pensamento, e a ação é independente. Necessidade de escolher, criar e explorar com autonomia e independência.	Liberdade, autorrespeito, criatividade, independência, escolher minhas próprias metas, ser curioso.
UNIVERSALISMO	Compreensão, apreciar, tolerância e proteção de todas as pessoas e da natureza.	Igualdade, harmonia interna, um mundo em paz, união com a natureza, justiça social, tolerância, proteger o ambiente, sabedoria.
BENEVOLÊNCIA	Preservar e melhorar o bem-estar das pessoas com as que se interaciona na vida cotidiana. Comportamento altruísta e pró-social.	Uma vida espiritual, ter sentindo em minha vida, amor maduro, amizade verdadeira, ser leal, ser honesto, ajudar, ser responsável, não ser rancoroso.

TRADIÇÃO	Respeito, compromisso e aceitação dos costumes e ideias que a cultura ou a religião impõem ao indivíduo.	Respeito pela tradição, desapego do mundo, moderado, humilde, aceitar meu papel na vida, ser devoto.
CONFORMIDADE	Impulsos que podem causar danos a outros, e que violam as normas e expectativas sociais.	Honrar aos pais e aos maiores, ser obediente.
SEGURANÇA	Harmonia e estabilidade na sociedade, nas relações interpessoais e ao próprio eu.	Sentimento de pertinência, ordem social, segurança nacional, reciprocidade de favores, segurança familiar, ser limpo.

Fonte: Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011, p. 58).

O quadro 2 expressa os domínios motivacionais que os indivíduos possuem, relacionados às preocupações que os valores propagam. Os valores são designados em nível individual ou coletivo e são resultantes de interações culturais.

O valor, organizador da conduta individual, possui inúmeras funções que se materializam especialmente na personalidade dos indivíduos. Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), no Quadro 3, elencam funções que os valores desempenham:

Quadro 3 - Função dos valores

FUNÇÃO	DESEMPENHO NA PERSONALIDADE DO INDIVÍDUO
MOTIVACIONAL	Relaciona-se com as motivações de suprimentos das necessidades dos indivíduos, que se hierarquizam desde as necessidades de sobrevivência do organismo, até às necessidades superior-cognitivas para propiciar a autoestima e a autorrealização (MASLOW, 1954 <i>apud</i> TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011).
RESOLVER CONFLITOS	Os valores funcionam como parâmetros comparativos, que são estruturas aprendidas de princípios e regras. O sistema de valores é ativado em situações de comportamento, mediante a natureza da situação, para decidir, eleger e resolver conflitos (VERA, 1995 <i>apud</i> TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011).
NORMATIVA	Os valores atuam no controle interno para aceitação e manutenção das normas. Os valores funcionam como normas de juízo e avaliação pessoal, e têm como função ser um sistema de critério que o indivíduo julga o que é certo ou errado, justo e injusto, para julgar sua conduta ou do outro (TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011).

Continuação

AJUSTAMENTO	Os valores servem para preparar o indivíduo a viver em conformidade com a pressão e as exigências sociais, com finalidade de conformidade social. Os valores atuam como mecanismos de defesa, em necessidades, sentimentos e condutas para comportamentos socialmente aceitáveis (VERA, 1995).
DETERMINANTE DE CONDUTA SOCIAL	Os valores são preditores das condutas sociais. A conduta social constitui-se em práticas individuais e coletivas, voluntárias, com fins de atender a padrões convencionalmente estabelecidos pela sociedade. A função dos valores é de transformar atitudes em crenças preferenciais, selecionando atitudes que correspondem às regras socialmente aceitáveis (TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011).

Fonte: A autora com base em Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011).

O quadro 3 expressa as funções que os valores cumprem na conduta individual; demonstra que os valores possuem componentes cognitivos e afetivos, com função autorreguladora do indivíduo. Conclui-se, com a exposição, que os valores possuem múltiplas funções, voltadas aos indivíduos.

2.2 PRESSUPOSTOS BÁSICOS DA EDUCAÇÃO EM VALORES

A educação em valores é uma tarefa complexa, cheia de riscos e incertezas. O sistema educacional encontra-se sobrecarregado de conteúdos de memorização, geralmente abandonando planos de conteúdos curriculares que valorizam procedimentos e atitudes. Atualmente, há uma crescente valorização, por parte dos professores, de uma concepção de escola que não apenas ensina conhecimentos e transmite conteúdos, mas dá importância a tornar a escola um local de convivência, de respeito, de compartilhar, de tolerar e de se formar um bom cidadão (SERRANO, 2002).

A educação pautada na concepção de valores difere-se e muito da concepção tradicional de educação, que pondera o professor como transmissor do conhecimento e o aluno como mero receptor de informação, pois concebe o professor como mobilizador das potencialidades dos sujeitos a serem educados, e os alunos como sujeitos pensantes, capazes de agir por si próprios.

A educação, pensada para educar em valores, que considera a importância de interações sociais e interpessoais que influenciam na formação e na construção de valores, é caminho para formar cidadãos mais conscientes, aqui entendidos

como um sujeito dotado de direitos e deveres que convive socialmente, e que busca uma sociedade mais justa. Dessa forma, é preciso ressignificar a educação, diante das transformações sociais tão intensas e rápidas. Não cabe mais olhar a pessoa em formação como um absorvedor de informações dadas pelo professor. É preciso reconhecer que os alunos são ativos e participantes das trocas afetivas nos processos educativos (FERNANDES, 2014).

Os alunos, compreendidos na ótica de concepção da educação pautada nos valores, são concebidos como sujeitos que devem adquirir na escola condições para atuar socialmente, de relacionar-se com objetos e fatos e desenvolver sua capacidade de aprendizagem. Os valores possibilitam a pessoa adquirir tanto consciência do que ela valoriza como também construir sua identidade pessoal. O conhecimento de si e a tomada de consciência são o caminho para a construção da personalidade autônoma e responsável, segundo Serrano (2002).

Araújo e Puig (2007) também apontam a especificidade dos alunos, que são compreendidos como seres que possuem dimensão afetiva, ligadas a sentimentos e emoções, dimensão biológica, relacionada ao organismo, cognitiva que remonta ao intelectual, e dimensão sociocultural ligadas a crenças, língua e identidade. Dessa forma, os valores são de suma importância para a formação do indivíduo, tornando-o consciente, crítico e reflexivo. Não é somente ressignificar a educação. As escolas especialmente precisam compreender que sua função é a formação integral do aluno. A instituição educativa pode ser instrumento de desenvolvimento de capacidades relacionadas diretamente ao indivíduo, que se referem à capacidade de discernimento da realidade, responsabilidade na sociedade, que motivam os sujeitos a transformações sociais.

A escola, segundo Tozetto (2010), como instituição educativa, não deve ditar normas, mas desenvolver ações, atitudes, valores, comportamentos e crenças que contribuam na formação tanto da atividade docente, como também na qualificação dos jovens aprendizes que buscam a legitimidade do saber útil aos seus projetos de vida. Assim, pensamos a escola que atua no desenvolvimento de valores como mostra o Quadro 4, segundo Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011).

Quadro 4 - Escola na concepção de valores

ESCOLA NA CONCEPÇÃO DE VALORES	DESCRIÇÃO
A ESCOLA COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL	Diz respeito a uma organização reconhecida, regulamentada por Lei, como compromisso do Estado com a sociedade; e como instituição social, a escola forma, qualifica, capacita e prepara o cidadão para vencer na vida.
A ESCOLA E AS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS	Independentemente das mudanças no âmbito político, a escola permanece firme no seu ideário de beneficiar a sociedade na produção de conhecimentos que propiciam mudanças na mentalidade e na qualidade de vida, com influências na Ciência e na tecnologia, promovendo grandes transformações sociais.
A ESCOLA E O CONTROLE SOCIAL	Na promoção de valores e do bem-estar social, é possível a escola manter o controle social por meio da educação, com um papel de conscientização à filosofia do altruísmo e da evitação ao desvio social.
A ESCOLA E A MOBILIZAÇÃO SOCIAL	Um dos ideários axiológicos da escola é a constituição de uma massa crítica social, por meio de estudantes e professores, como atores, que atuam na educação como formadores de opinião e que mobilizam a sociedade para se promover a justiça social.

Fonte: A autora com base em Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011, p. 92).

A exposição dos autores Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), apresentada no quadro 4, faz-nos pensar que a escola pode ser instrumento de desenvolvimento de capacidades relacionadas diretamente ao indivíduo, que se referem à capacidade de discernimento da realidade, responsabilidade na sociedade, que motivam os sujeitos a transformações sociais.

Partindo desse princípio, Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) descrevem o objetivo da educação em valores, que seria a promoção de uma educação que prepara para a vida, que aperfeiçoa o desenvolvimento individual e tem possibilidade real de promover crescimento, socialização e ajustamento intra e interpessoal. Assim, a educação teria como objetivos principais a formação e a emancipação do educando. Os autores discutem, também os pilares da educação em valores e afirmam que a educação na concepção de valores aplica-se em uma aprendizagem pragmática, centrada no desenvolvimento das potencialidades cognitivas e emocionais.

Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011, p. 89) relacionam a educação na concepção de valores, princípios educativos apresentados no Quadro 5 que segue.

Quadro 5 - Pilares da educação na concepção de valores

PILARES DA EDUCAÇÃO NA CONCEPÇÃO DE VALORES	PRINCÍPIOS EDUCATIVOS
APRENDER A CONHECER	Combinando uma cultura geral suficientemente vasta, com a possibilidade de trabalhar em profundidade um pequeno número de matérias. O que significa aprender a aprender, para beneficiar-se das oportunidades oferecidas pela educação ao longo de toda a vida.
APRENDER A FAZER	Não somente para adquirir qualificação profissional, mas de uma maneira mais ampla, competências que tornem a pessoa apta a enfrentar numerosas situações e trabalhar em equipe. Mas, também, aprender a fazer, no âmbito das diversas experiências sociais ou do trabalho que se oferecem aos adolescentes e jovens, quer espontaneamente, fruto do contexto local ou nacional, quer formalmente, graças ao desenvolvimento do ensino alternado com o trabalho.
APRENDER A CONVIVER	Desenvolvendo a compreensão do outro e a percepção das interdependências – realizar projetos comuns e preparar-se para gerir conflitos – no respeito pelos valores do pluralismo, da compreensão mútua e da paz.
APRENDER A SER	Para melhor desenvolver a sua personalidade e estar à altura de agir com cada vez melhor capacidade de autonomia, de discernimento e de responsabilidade pessoal. Para isso, não negligenciar na educação nenhuma das capacidades de cada indivíduo: memória, raciocínio, sentido estético, capacidades físicas e aptidão para comunicar.

Fonte: Elaborado pela autora com base em Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011, p. 89).

Os princípios educativos expostos pelos autores Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), apresentados no quadro 5, demonstram que a aprendizagem é centrada no desenvolvimento das potencialidades cognitivas e emocionais dos indivíduos. Representam o programa da UNESCO “Aprender para o século XXI”, coordenado por Delors, que destaca quatro pilares necessários da educação para o futuro. Os pilares são: aprender a conhecer, aprender a atuar, aprender a viver juntos e aprender a ser. Os pilares representam a sensibilidade diante dos sinais do tempo e da globalidade (SERRANO, 2002).

Cortella (2014) estabelece pilares que a educação precisa constituir, pensando em uma sociedade de mudanças velozes, com aceleração de modos de

pensar, fazer e conviver. Os pilares relacionam-se a uma sólida base científica, a formação de solidariedade social e a constituição da cidadania ativa. A sólida base científica refere-se basicamente ao fato de a Ciência constituir-se como ferramenta poderosa para melhorar a intervenção consciente do mundo, tanto para a melhora da operação técnica da realidade, como também para orientar passos subsequentes. A Ciência é patrimônio da humanidade, patrimônio coletivo, logo é produto da ação humana e todos têm direitos de sua apropriação, uma vez que colaboraram na construção da base científica. A educação deve superar o modelo pragmatista, de apenas trabalhar com a utilidade e o imediato, e aproximar-se novamente da base científica. E, por fim, a constituição da cidadania ativa, considerando a solidariedade como uma ação política.

Cortella (2014) explica que os três pilares precisam aparecer no cotidiano:

A formação de valores de uma ética que se transmute em política, isto é, ação na comunidade, embasada por uma formação científica que nos auxilie a entender e a intervir no mundo de maneira mais eficaz. Esses mesmos pilares também se aplicam à formação dos professores, apoiados em um desenvolvimento continuado no qual não se deve confundir informação com conhecimento, dado que aquela é cumulativa e este é seletivo. Por isso, a seleção de conteúdos, tanto para a formação docente quanto para a relação de ensino, precisa ter como critério a relevância social e histórica de saberes que, não sendo tão somente erudição, não se transformem em meros usos imediatistas e laborais. (CORTELLA, 2014, p. 50).

As estratégias relacionadas à educação de valores não se limitam a tarefas que um educador deve cumprir para atingir os alunos. Momentos pontuais não dão conta de promover os processos psicológicos da construção de valores, visto que a própria construção de valores não se esgota em um momento único. O sistema de valores dos indivíduos não é rígido e varia com os contextos e as experiências. No entanto, propostas concretas relacionadas à educação favorecem as escolas a encontrar estratégias para a construção de valores, por parte dos alunos.

Araújo e Puig (2007) corroboram essa ideia. Os autores discorrem sobre a complexidade do fenômeno de construção de valores. Seria um equívoco pensar e agir de forma fragmentada, pois a educação em valores envolve uma série de aspectos. Alguns responsabilizam a família como principal agente na construção de valores, e desenvolvem um programa só ligado a isso; outros consideram que o problema da contemporaneidade é a falta de limites da juventude e a solução seria

introduzir uma educação de valores rígida e autoritária. As ações pontuais e as intervenções possuem resultados questionáveis.

Enquanto as responsabilidades são discutidas nos ambientes responsáveis em educar, a educação em valores ocupa um lugar muito singelo nas escolas e principalmente no cotidiano escolar. Em determinados momentos, os valores são trabalhados como um recorte disciplinar, demarcado em tempo e espaço definidos, por vezes em atividades transversais destinadas especificamente ao trabalho com valores.

Não são somente os professores que devem assumir uma postura diferente, para educar em valores, atuando em momentos pontuais com valores; a escola também necessita preocupar-se com uma nova organização curricular, novas formas de relações em seu interior e com a comunidade em seu entorno. Propostas educacionais coerentes com princípios buscam reorganizar os tempos, os espaços e as relações escolares, por meio da inserção no currículo, de conteúdos contextualizados na vida cotidiana dos alunos. Os alunos também são ativos, como sujeitos do conhecimento, em uma educação em valores. O sujeito participa de maneira intensa e reflexiva das aulas e constrói sua inteligência, identidade e valores por meio do diálogo estabelecido com seus pares, professores, família, e cultura, na própria realidade cotidiana do mundo em que vive (ARAÚJO; PUIG, 2007).

Serrano (2002) também defende que a escola precisa assumir a função de formação integral do aluno, sem desconsiderar que vivemos em uma sociedade plural, com diferentes sistemas de valores. Não cabe mais na sociedade atual imposição de opções concretas de valores. A educação de valores supõe que a pessoa se envolva em sua própria autoconstrução, que favoreça tanto o autoconhecimento, com o esclarecimento de valores e a formação da identidade do indivíduo.

Além das estratégias de ações e procedimentos que conduzem as escolas à proposta de educação de valores em vista de promover a emancipação social, demonstra-se também a importância da ação do professor, como incentivador das potencialidades dos alunos, que, com um trabalho sistematizado de educação em valores éticos e democráticos, pode levar a uma maior consciência ética e sociopolítica.

A concepção construtivista é a proposta educativa mais coerente, segundo Araújo e Puig (2007), para atingir os objetivos que a educação de valores propõe, uma vez que pressupõe dar voz ao estudante, promovendo o diálogo e questionando a vida cotidiana e os conhecimentos científicos.

O caminho construtivista fornece chave que permite articular os conhecimentos científicos e saberes populares e cotidianos, propiciando condições para que os questionamentos científicos sejam respondidos à luz das curiosidades dos alunos, em suas necessidades e interesses cotidianos. De maneira específica, o construtivismo, ao reconhecer o papel ativo e autoral de alunos na construção e constituição de suas identidades, conhecimentos e valores, coloca o sujeito da educação no centro do processo educativo. Se quisermos promover a formação ética e para a cidadania, pela introdução de temáticas que objetivam a educação em valores no cotidiano das escolas, que tentam responder aos problemas sociais e conectar a escola com a vida das pessoas, poderemos assumir a epistemologia construtivista como referencial (ARAÚJO; PUIG, 2007, p. 36).

Criar uma escola que promova o convívio entre professores e alunos, e que propicie condições para que os alunos aprendam várias formas de intervenção social, não é uma tarefa simples. Araújo e Puig (2007) atentam que o ambiente deve estar alicerçado em três tipos de ações, independentes, mas complementares:

- Inserção transversal e interdisciplinar de conteúdos de natureza ética no currículo das escolas: os conteúdos tradicionais da escola deixam de ser finalidade e passam a ser como “meio”, instrumentos para trabalhar os temas que constituem o centro de preocupações sociais. [...]. Assim, as temáticas que objetivam a educação em valores, que tentam responder aos problemas sociais e conectar a escola com a vida das pessoas, transformam-se no eixo vertebrador do sistema educativo, em torno do qual serão trabalhados os conteúdos curriculares tradicionais. (ARAÚJO; PUIG, 2007, p. 38).

- Introdução de sistemáticas que visam a melhoria e a democratização das relações interpessoais no dia a dia das escolas: A escola que conhecemos tem seu grau de responsabilidade nesse processo de formação que ignora a importância das relações interpessoais e dos conflitos para a formação integral dos seres humanos. Um currículo baseado apenas no mundo externo e em limitações espaciotemporais que justificam as dificuldades que se impõem ao trabalho com as relações humanas faz com que os sistemas educacionais não cumpram um importante papel que lhe é atribuído pela sociedade – a formação de cidadãos autônomos que tenham as competências necessárias para lidar eticamente com seus conflitos pessoais e sociais. (ARAÚJO; PUIG, 2007, p. 48).

- Articulação das ações com a família e com a comunidade onde vive a criança, de forma que tais preocupações não fiquem limitadas aos espaços, aos tempos e às relações escolares: [...] a educação baseada em propostas de resolução de conflitos está cada vez mais difundida em todo o mundo, dentro de perspectivas que buscam melhorar o convívio social e criar bases para a construção de sociedades e culturas mais democráticas e sensíveis à ética nas relações humanas. (ARAÚJO; PUIG, 2007, p. 46).

Os procedimentos de educação em valores pensados a partir da premissa de que é necessário um desenvolvimento individual do sujeito para que ele de fato se forme e adquira emancipação devem ultrapassar a informação e desenvolver a capacidade de análise. Os alunos necessitam adquirir pensamento crítico para questionar os conhecimentos e as situações.

Compreendemos com essas ações que a educação em valores não é algo pontual ou esporádico, que só ocorrem em momentos específicos. Podemos introduzir no dia a dia das escolas ações articuladas com a comunidade, que visem modelos educativos pautados em valores como democracia, justiça e solidariedade, criando um ambiente ético de convívio na escola e fora dela (ARAÚJO; PUIG, 2007).

Por fim, entendemos que a educação em valores deve pautar cotidianamente o objetivo da escola e do trabalho do professor, não em recortes disciplinares ou como atividade transversal. As práticas educativas voltadas aos valores não se esgotam em ações isoladas e fragmentadas realizadas nas instituições escolares. Elas representam ideais de educação pautadas em valores de democracia, ética e cidadania¹⁵. A escola pode ser instrumento de desenvolvimento de capacidades relacionadas diretamente ao indivíduo, que se referem à capacidade de discernimento da realidade, responsabilidade na sociedade, que motivam os sujeitos a transformações sociais.

¹⁵ Cidadania é entendida como pertencer a uma comunidade política. Configura-se em termos diversos nas diferentes sociedades. Está ligada à liberdade (concebida de modo elitista ou universal) ou à justiça (entendida como ordem ou paridade e a ambas, e nesse aspecto identifica-se com o exercício de três gerações de direitos humanos: os civis (p. ex., à vida, à expressão, à propriedade), os políticos (p. ex., à função eleitoral, à associação a partidos e sindicatos) e aos sociais (p. ex., ao trabalho, ao estudo, à saúde) [...] (ABBAGNANO, 2012, p.156).

CAPÍTULO III

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo, descrevemos os procedimentos metodológicos da investigação situando a pesquisa na abordagem qualitativa. Apresentamos, também, a caracterização dos sujeitos participantes do estudo, juntamente aos instrumentos utilizados para a coleta de dados e a metodologia utilizada para o tratamento dos dados coletados.

3.1 A ABORDAGEM QUALITATIVA DA PESQUISA

As técnicas da pesquisa científica, sejam elas quantitativas ou qualitativas, não podem ser compreendidas em si mesmas; a compreensão reside no seu método. Técnicas e métodos não estão separados, é a forma como o processo de pesquisa é desenvolvido que qualifica as técnicas e os instrumentos necessários para a elaboração do conhecimento (GAMBOA, 2013).

Segundo Gamboa (2013, p. 63), as opções técnicas dependem dos caminhos a serem percorridos e dos procedimentos a serem desenvolvidos. Logo, é necessário situarmos a pesquisa em uma abordagem, pois cada uma é apropriada para compreensão de um problema a ser investigado e possui procedimentos próprios que a caracterizam como tal.

A escolha da pesquisa qualitativa, neste estudo, justifica-se na medida em que forneceu compreensão do tema investigado, situando o observador mediante práticas materiais e interpretativas, favorecendo o estudo das coisas, dentro de seus contextos naturais (DENZIN; LINCOLN, 2006).

Creswell (2014) define pesquisa qualitativa como:

A pesquisa qualitativa começa com pressupostos e o uso de estruturas interpretativas/teóricas que informam o estudo dos problemas da pesquisa, abordando os significados que os indivíduos ou grupos atribuem a um problema social ou humano. Para estudar esse problema, os pesquisadores qualitativos usam uma abordagem qualitativa da investigação, a coleta de dados em um contexto natural sensível às pessoas e aos lugares em estudo e a análise dos dados que é tanto indutiva quanto dedutiva e estabelece padrões ou temas. O relatório final ou a apresentação incluem as vozes dos participantes, a reflexão do pesquisador, uma descrição complexa e

interpretação do problema e a sua contribuição para a literatura ou um chamado à mudança. (CRESWELL, 2014, p. 49).

O mesmo autor esclarece que existem características específicas na pesquisa qualitativa que se desenvolveram ao longo do tempo e não são um conjunto definitivo de elementos. A pesquisa qualitativa hoje envolve maior atenção à natureza interpretativa, situando o estudo dentro do contexto político, social e cultural dos pesquisadores, e a reflexão dos pesquisadores nos relatos que apresentam (CRESWELL, 2014).

Dessa forma, Creswell (2014, p. 50) elabora características comuns das pesquisas qualitativas, não apresentadas em ordem específica de importância, conforme apresentamos no Quadro 6 que segue.

Quadro 6 - Características comuns das pesquisas qualitativas

ABORDAGEM QUALITATIVA	
HABITAT NATURAL	Os pesquisadores qualitativos geralmente coletam os dados no campo, no ambiente onde os participantes vivenciam a questão ou o problema em estudo [...].
O PESQUISADOR COMO UM INSTRUMENTO-CHAVE	Os próprios pesquisadores qualitativos coletam dados por meio de exames de documentos, observação do comportamento e entrevistas com participantes. Eles podem usar um instrumento, mas esse é criado pelo pesquisador, utilizando perguntas abertas. Eles não tendem a usar ou se basear em questionários ou instrumentos desenvolvidos por outros pesquisadores.
MÚLTIPLOS MÉTODOS	Os pesquisadores qualitativos reúnem múltiplas formas de dados, como entrevistas, observações e documentos, em vez de se basearem em uma única fonte de dados. A seguir, examinam todos os dados e procuram entender o seu significado, organizando-os em categorias ou temas que perpassam todas as fontes de dados.
RACIOCÍNIO COMPLEXO POR MEIO DA LÓGICA INDUTIVA E DEDUTIVA	Os pesquisadores qualitativos montam padrões, categorias e temas “de baixo para cima”, organizando os dados indutivamente até unidades de informação cada vez mais abstratas [...]. O processo lógico indutivo-dedutivo significa que o pesquisador qualitativo usa habilidades de raciocínio complexo durante todo o processo de pesquisa.
SIGNIFICADOS DOS PARTICIPANTES	Durante todo o processo de pesquisa qualitativa, os pesquisadores mantêm o foco na captação do significado que os participantes atribuem ao problema ou questão, não ao significado que os pesquisadores trazem para a pesquisa ou escritores trazem da literatura [...].

Continuação

PROJETO EMERGENTE	O processo de pesquisa para os pesquisadores qualitativos é emergente. Isso significa que o plano inicial para a pesquisa não pode ser rigidamente prescrito e que todas as fases do processo podem mudar ou trocar depois que os pesquisadores entram em campo e começam a coletar dados [...].
REFLEXÃO	Os pesquisadores “se posicionam” em um estudo de pesquisa qualitativa. Isso significa que os pesquisadores transmitem (isto é, em uma seção sobre o método, uma introdução ou em outros locais do estudo) o seu <i>background</i> (p. ex., experiências profissionais, experiências culturais, história), como isso informa a sua interpretação das informações em um estudo e o que eles têm a ganhar com o estudo.
RELATÓRIO HOLÍSTICO	Os pesquisadores qualitativos tentam desenvolver um quadro complexo do problema ou questão em estudo [...].

Fonte: A autora, adaptado de Creswell (2014, p. 50).

Em suma, a partir da explanação do quadro 6, a pesquisa qualitativa é utilizada quando uma questão ou problema precisa ser explorado. A pesquisa qualitativa possibilita estudar um grupo ou população, identificar variáveis que não podem ser medidas facilmente ou escutar vozes antes silenciadas. Ela dá poder ao indivíduo para compartilhar suas histórias e minimizar as relações de poder que existem frequentemente entre pesquisador e participantes do estudo (CRESWELL, 2014).

O estudo qualitativo demanda, inclusive, segundo Creswell (2014), um forte comprometimento para estudar um problema e suas demandas de tempo e recursos. Possui rigorosidade e o investigador precisa empenhar-se, com um tempo prolongado, no campo. É necessário também o pesquisador engajar-se em um complexo e demorado processo de análise dos dados, para reduzi-los a temas e categorias. E, por fim, compreender que participar de formas de pesquisa nas ciências humanas e sociais não têm diretrizes firmes ou procedimentos específicos, a pesquisa está constantemente desenvolvendo-se e mudando.

Dessa forma, amparadas em Denzin e Lincoln (2006) e Creswell (2014), podemos encontrar elementos comuns da pesquisa qualitativa em nossa investigação, pois a análise qualitativa que realizamos das informações não foi uma mera descrição dos dados. O ambiente ou *habitat* natural para a coleta de dados foram as escolas, e os pesquisadores foram instrumentos-chave para a investigação.

Trazendo as características qualitativas para a nossa investigação, as pesquisadoras coletam os dados mediante questionários e entrevistas – múltiplos métodos, ambos organizados pelas pesquisadoras; após isso, por meio da indução, categorias foram organizadas para que o significado dos sujeitos da pesquisa fosse captado. Assim, foi possível exercer a reflexão da temática, oferecendo a interpretação do estudo e possíveis contribuições à questão da pesquisa.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS DA PESQUISA

O estudo foi realizado com professores de diferentes áreas da rede pública estadual de ensino, prioritariamente vinculados ao Núcleo Regional de Educação (NRE) da cidade de Ponta Grossa – Paraná. Os sujeitos que concordaram com a participação foram convidados a preencher um questionário com dados relevantes sobre disciplinas em que atuam, tempo de magistério, padrões que cumprem na escola, formação profissional. Em seguida, os que se disponibilizaram, responderam a questões discursivas relacionadas à temática da pesquisa: a educação na construção de valores.

Ao final do instrumento de coleta de dados, havia um campo não obrigatório para que os sujeitos que optassem por fornecer mais informações sobre o tema investigado preenchessem dados pessoais para posterior entrevista, mediante agendamento prévio.

Foram selecionadas seis escolas de grande porte da rede pública estadual em nível fundamental e médio, e 51 (cinquenta e um) professores disponibilizaram-se para responder ao questionário que foi aplicado no ano de 2014. Após a aplicação dos questionários, 16 (dezesesseis) professores disponibilizaram-se à entrevista, mas apenas 6 (seis) aconteceram de fato. As entrevistas foram realizadas no ano de 2014, nas próprias escolas que os docentes atuavam, com agendamento prévio e com duração aproximada de 15 (quinze) a 30 (trinta) minutos.

Os dados obtidos nos instrumentos de coleta de dados nos permitiram realizar a descrição qualitativa do grupo de professores que participaram da investigação. A maioria dos professores é do sexo feminino, atuando em maior parte nas disciplinas de Língua Portuguesa e Educação Física, cumprindo seus padrões de contrato em uma ou duas escolas. A formação de grande parte reporta-se às áreas de Letras, Pedagogia, História e Educação Física. Há a prevalência de

professores que exercem o magistério há mais de vinte anos. Optamos por não apresentar separadamente a caracterização dos seis sujeitos provenientes do segundo momento de coleta de dados- entrevista, por se tratar do mesmo grupo do questionário.

Elegemos os professores como sujeitos da pesquisa, pois acreditamos que o estudo possa contribuir para a reflexão dos docentes em perceberem a escola como espaço de construção de valores; e que é necessária a participação e a ação de todos para superar as adversidades que o modelo de sociedade atual ocasiona. Contudo, acreditamos que a investigação auxiliará na percepção de que a escola é um espaço privilegiado em que alunos e professores possam dialogar e refletir sobre valores éticos e cidadania.

3.3 OS INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

Pádua (2004) esclarece que a coleta e o registro dos dados pertinentes ao tema a ser investigado é a fase decisiva da pesquisa científica e que devem ser realizados com máximo rigor e empenho do investigador. Partindo desse pressuposto e da abordagem da pesquisa escolhida, buscamos instrumentos de coleta de dados que dessem conta de cumprir os objetivos da pesquisa e nos fornecessem a compreensão dos contextos ou ambientes dos participantes, visto que não podemos separar as pessoas dos locais que estão inseridas.

Conforme já descrito no momento da coleta de dados, dois instrumentos foram utilizados para desvelar o tema investigado, que serão apresentados no quadro 7 a seguir.

- Questionário: composto por nove perguntas que caracterizam o perfil do professor, e quatro perguntas relacionadas diretamente à temática da investigação “escola como espaço de construção de valores”.
- Entrevista: estruturada com seis tópicos base, que aprofundam a temática da investigação “escola como espaço de construção de valores”. Os tópicos foram organizados como elementos para que o sujeito investigado discorresse sobre a temática e não como perguntas objetivas que limitassem os participantes da pesquisa a dar um único tipo de resposta.

Quadro 7 - Esquema de organização do questionário e roteiro da entrevista

QUESTÕES ABERTAS DO QUESTIONÁRIO	TÓPICOS RELACIONADOS À ENTREVISTA
✓ Em sua opinião, qual é a função social que a escola desempenha? ✓ Qual é o papel do professor nos dias atuais? ✓ O que você entende por valores? E como considera que eles se fazem presentes na escola? ✓ Qual a relevância dos valores para a nossa sociedade? Por quê?	✓ Você acha que existe uma relação entre função social da escola e valores? ✓ Qual o real papel da escola? ✓ Escola frente às mudanças da sociedade? ✓ O professor está preparado para atuar frente às novas demandas da sociedade? ✓ Como a escola pode contribuir com a cidadania? ✓ Ação da escola comprometida com a cidadania?

Fonte: A autora (2016).

Antes da coleta dos dados necessários ao desenvolvimento da pesquisa, é relevante que o pesquisador se comporte de acordo com padrões éticos relativos à pesquisa. Isso se dá com a utilização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE A), proposto pela Plataforma Brasil. No termo, os sujeitos investigados foram informados sobre o tema de estudo, optando ou não pela participação. As assinaturas dos termos foram coletadas antes da realização das entrevistas com a garantia de anonimato dos investigados.

Acreditamos que não podemos utilizar um único instrumento de coleta de dados, visto que cada instrumento tem suas potencialidades e limitações. A utilização de questionário e entrevista é apropriada pensando na abordagem de pesquisa qualitativa, por subsidiar-nos múltiplas perspectivas para análise da situação que nos propusemos a investigar. A opção por tópicos, nas entrevistas semiestruturadas por parte das pesquisadoras, justifica-se pela possibilidade de os sujeitos da investigação discorrerem sobre a temática, estimulando os entrevistados a expressarem-se.

3.3.1 Questionário: primeira etapa de coleta dos dados

A elaboração do questionário constitui-se em fase importante de coleta de dados, pois sua finalidade é conter questões relevantes da pesquisa, relacionando-se a hipótese que se quer demonstrar, provar ou verificar. O questionário é

elaborado no momento em que se tem um conhecimento razoável do tema proposto para pesquisa (PÁDUA, 2004).

Pádua (2004, p. 72) define questionários como instrumentos de coleta de dados que são preenchidos pelos informantes, sem a presença do pesquisador. O questionário (APÊNDICE B) elaborado continha indicações que expressam as finalidades do estudo, juntamente a orientações de como preencher o questionário, e a opção de identificação pessoal ou anonimato. Possuía, ainda, questões objetivas e subjetivas que os sujeitos pesquisados foram convidados a responder. O questionário permite-nos compreender como o coletivo entende a temática investigada, expresso por suas concepções a respeito da “escola como espaço de construção de valores”.

As questões objetivas eram relacionadas aos dados etários, sexo, local de trabalho, disciplinas que atuam, carga horária em sala de aula, tempo de magistério, número de escolas que cumpre seus padrões de contrato, religião e formação profissional, a fim de caracterizar os sujeitos participantes da pesquisa e elaborar o perfil dos professores.

As questões subjetivas tinham como finalidade identificar a função da escola e qual o papel dos valores no contexto educacional, na visão dos professores. Buscava, ainda, identificar se os professores reconheciam seu papel frente aos valores e analisar qual a concepção deles sobre a função que exerciam na escola e se apontavam a escola como espaço para construção de valores.

Havia, também, ao final do questionário, um campo não obrigatório para que os sujeitos que optassem por fornecer mais informações sobre o tema investigado preenchessem com dados pessoais para posterior entrevista, mediante agendamento prévio.

Para aprofundar as informações prestadas, optou-se também pela realização de um roteiro da entrevista (APÊNDICE C), para os sujeitos que se disponibilizaram a fornecer mais informações sobre o estudo, no momento de aplicação do questionário. Concederam entrevista relativa à temática investigada, 6 dos 16 professores que informaram no questionário seu interesse em participar da pesquisa.

3.3.2 Entrevista: segunda etapa de coleta de dados

A segunda etapa de coleta de dados também compreendeu fase significativa da pesquisa e concretizou-se com os professores que informaram seu interesse no final do questionário fornecendo dados pessoais sobre a disposição em prover informações adicionais sobre o conteúdo do instrumento na modalidade de entrevista, mediante agendamento prévio.

Pádua (2004) define entrevista como uma técnica alternativa de coletar dados não documentados sobre um determinado tema. As entrevistas têm suas limitações, dependendo da técnica adotada, visto que as informações prestadas podem não ser fornecidas de modo preciso ou o entrevistador distorcer as informações. Dessa forma, a modalidade de entrevista escolhida para o estudo foi a semiestruturada, por nos proporcionar que o entrevistado falasse livremente sobre os assuntos que fossem surgindo como desdobramento do tema principal. O pesquisador tem, assim, função de incentivador e organiza previamente um conjunto de questões sobre o tema a ser estudado (PÁDUA, 2004).

As entrevistas foram realizadas nas dependências da própria escola que os professores atuavam e foram gravadas em áudio, com o consentimento dos sujeitos, em dia e horários marcados por eles próprios. Enfatizamos no momento da entrevista que haveria a preservação da identidade do indivíduo, juntamente à não identificação da escola da qual faziam parte. Os professores foram informados, também, que a entrevista seria transcrita para análise dos pesquisadores.

O roteiro da entrevista foi elaborado e pensado para permitir uma análise qualitativa das respostas dos entrevistados. O roteiro continha tópicos sobre a temática “educação na construção de valores”, que foram conduzidos de acordo com as respostas dos entrevistados. A distribuição do tempo para cada assunto foi calculada previamente, inclusive a atenção dos objetivos a serem atingidos pela pesquisa, juntamente à formulação de perguntas que evitassem respostas dicotômicas (PÁDUA, 2004).

3.4 SOBRE O TRATAMENTO DOS DADOS COLETADOS

A interpretação dos dados coletados é uma das etapas de um projeto de pesquisa; como procedimento para analisar as informações da investigação, a

metodologia escolhida foi a Análise de Conteúdo (AC). A metodologia permite analisar as respostas escritas dos professores pesquisados no questionário, e também os discursos transcritos das entrevistas realizadas, pois acreditamos que tal metodologia de análise dos dados – análise de conteúdo – possui instrumentos metodológicos adequados que se aplicam aos discursos e permite inferências por parte do pesquisador.

Bardin (2011) define análise de conteúdo como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. A AC descreve analiticamente o conteúdo das mensagens e refere-se ao tratamento da informação contida na mensagem. A análise pode ser uma análise de “significados” ou uma análise de “significantes”. Seu objetivo é a manipulação de mensagens – conteúdo e expressão desse conteúdo –, para evidenciar os indicadores que permitam inferências sobre outra realidade, que não a da mensagem (BARDIN, 2011).

Para operacionalização da AC, a metodologia aborda fases necessárias para que se tenha uma organização da análise. Bardin (2011) elenca três polos cronológicos que serão apresentados a seguir (Quadro 8): pré-análise; exploração do material e tratamento dos resultados; inferência e interpretação.

Quadro 8 - Organização da Análise de Conteúdo

POLOS CRONOLÓGICOS	DESCRIÇÃO DAS FASES DE ANÁLISE
PRÉ- ANÁLISE	É a fase da organização propriamente dita, que tem por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais. Possui três fatores, que não seguem uma ordem cronológica – escolha dos documentos a serem submetidos à análise, formulação dos objetivos e das hipóteses e elaboração dos indicadores que fundamentam a interpretação final. A leitura fluente é a primeira atividade realizada e consiste de entrar em contato com os documentos que serão analisados e conhecer o texto. A escolha de documentos para análise é realizada <i>a priori</i> e representa seleção de documentos para fornecer informações sobre o problema levantado. A formulação das hipóteses e dos objetivos consiste em levantar uma hipótese, considerada como uma afirmação provisória que nos propomos verificar, recorrendo aos procedimentos de análise. Há também a referência dos índices e a elaboração de indicadores, no qual o índice representa a menção explícita de um tema em uma mensagem. E, por fim, a preparação material, que consiste, antes da análise, de preparar o material reunido.
	É uma fase longa e que demanda tempo, pois consiste em operações de codificação, decomposição e enumeração. Representa a aplicação

EXPLORAÇÃO DO MATERIAL	sistemática das decisões tomadas na fase de análise. Os dados brutos são transformados de forma organizada e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição das características pertinentes do conteúdo. A codificação compreende a escolha de unidades de registro, a seleção de regras de contagem e a escolha de categorias.
TRATAMENTO DOS RESULTADOS OBTIDOS E INTERPRETAÇÃO	Os resultados obtidos passam por fases como operações estatísticas, provas de validação, síntese e seleção dos resultados, inferências e interpretação, que permitem inclusive novas análises ou utilização dos resultados de análise com fins teóricos ou pragmáticos. As interpretações levam as inferências no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade, e significa verdadeiramente o discurso enunciado, o que querem dizer, em profundidade, certas afirmações, aparentemente superficiais. Durante a interpretação dos dados, é preciso voltar atentamente aos marcos teóricos, pertinentes à investigação, pois eles dão o embasamento e as perspectivas significativas para o estudo. A relação entre os dados obtidos e a fundamentação teórica é que darão sentido à interpretação.

Fonte: A autora com base em Bardin (2011).

A AC, apresentada no quadro 8, dá-nos como possibilidade a elaboração de deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência. Possibilita-nos, também, a divisão dos componentes analisados em categorias, que permitem a classificação dos elementos segundo características comuns. Também é uma metodologia que nos permite inferências, específicas e gerais, que funcionam como um instrumento de indução para se investigar causas, representadas pelas variáveis inferidas (BARDIN, 2011).

Dessa forma, elegemos a AC como metodologia adequada para nossa pesquisa, pois ela nos desvela os sentidos expressos nos questionários e nas entrevistas, por meio de interpretação, e nos permite categorizar as informações por meio de significantes¹⁶ comuns. Por meio da AC, pudemos verificar significantes presentes nas falas dos professores pesquisados e atribuímos sentido a eles, buscando compreensão da “escola como espaço de construção de valores”.

No desdobramento da análise dos dados da pesquisa, o enfoque da análise de conteúdo deu-se com a análise categorial, definida por Bardin (2011), como operações de desmembramento do texto em unidades, em categorias segundo agrupamentos analógicos. Além de aplicar-se aos discursos diretos, favoreceu-nos na análise do conteúdo mediante suas técnicas e seus procedimentos.

¹⁶ Significantes representam o que Bardin (2011) define como a unidade de registro. É a unidade de significação codificada e corresponde ao segmento de conteúdo considerado unidade base, que visa à categorização.

CAPÍTULO IV

APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

O presente capítulo é organizado primeiramente com a apresentação e análise dos resultados obtidos no questionário e posteriormente com as entrevistas. Com a exposição dos dados obtidos no questionário, juntamente as suas análises, foi possível elaborar categorias que facilitaram a compreensão do ponto de vista dos professores sobre o objeto da pesquisa: concepção¹⁷ sobre a educação na construção de valores.

4.1 APRESENTAÇÃO DOS DADOS DO QUESTIONÁRIO

Os resultados obtidos com o questionário foram organizados seguindo a lógica da AC com a apresentação dos significantes das respostas dos professores, que permitiram a categorização. Esse instrumento de coleta de dados foi disposto com questões fechadas e abertas, como explicitado no capítulo dos Procedimentos Metodológicos da Investigação. As questões abertas do questionário permitiram-nos localizar os significantes nas falas dos sujeitos da pesquisa para que pudessem ser agrupadas. O agrupamento desses significantes deu origem às categorias que apresentaremos a seguir. As categorias foram geradas a partir das perguntas do questionário que foram divididas e organizadas em quatro grupos indicados pelas letras **A**, **B**, **C** e **D**.

- A) Em sua opinião, qual é a função social que a escola desempenha?
- B) Qual é o papel do professor nos dias atuais?
- C) O que você entende por valores? E como considera que eles se fazem presentes na escola?
- D) Qual a relevância dos valores para a nossa sociedade? Por quê?

O **Grupo A**, assim, compõe as categorias que foram geradas a partir dos significantes encontrados na primeira pergunta do questionário: Qual é a função

¹⁷ Concepção entendido aqui como compreensão, entendimento, baseado na ideia do verbo conceber, que o dicionário define (FERREIRA, 2010).

social que a escola desempenha? O agrupamento dos significantes encontrados nas respostas dessa pergunta permitiu organizar cinco categorias para a função da escola, sendo elas:

- CATEGORIA IA – Formação para a cidadania.
- CATEGORIA IIA – Formação para a constituição do indivíduo.
- CATEGORIA IIIA – Formação para o mercado de trabalho.
- CATEGORIA IVA – Ensino e aprendizagem.
- CATEGORIA VA – Outras funções.

No **Grupo B**, estão as categorias que foram geradas a partir dos significantes encontrados na segunda pergunta do questionário: Qual é o papel do professor nos dias atuais? O agrupamento dos significantes encontrados nas respostas para essa pergunta nos permitiu organizar três categorias para o papel do professor, a saber:

- CATEGORIA IB – Professor como transformador.
- CATEGORIA IIB – Professor como profissional do conhecimento.
- CATEGORIA IIIB – Professor que desempenha vários papéis sociais.

No **Grupo C**, estão as categorias que foram geradas a partir dos significantes encontrados na terceira pergunta do questionário: O que você entende por valores? E como considera que eles se fazem presentes na escola? O agrupamento dos significantes encontrados nas respostas para essa pergunta nos permitiu organizar duas categorias para o conceito de valor, e como os professores investigados consideram que eles se fazem presentes na escola. São elas:

- CATEGORIA IC – Concepção de valor como orientação de conduta e comportamento.
- CATEGORIA IIC – Concepção de valor para garantia de bem-estar da sociedade.

No **Grupo D**, estão as categorias que foram geradas a partir dos significantes encontrados na quarta pergunta do questionário: Qual a relevância dos valores para

a nossa sociedade? Por quê? O agrupamento dos significantes encontrados nas respostas para essa pergunta nos permitiu organizar duas categorias para a relevância dos valores para a nossa sociedade, sendo elas:

- CATEGORIA ID – Concepção positiva de valor.
- CATEGORIA IID – Concepção negativa (ausência) de valor.

A partir disso, foi possível elaborar o Quadro 9 que segue, o qual apresenta as categorias geradas a partir de cada pergunta do questionário, mediante o agrupamento dos significantes das respostas dos professores. Também exibimos a frequência de significantes das categorias, expressas em porcentagem.

Quadro 9 - Categorias emergentes das respostas dos professores investigados

QUESTÃO ABERTA DO QUESTIONÁRIO	SIGNIFICANTES	CATEGORIAS E PORCENTAGENS DE FREQUÊNCIA
GRUPO A: FUNÇÃO DA ESCOLA	Formar cidadãos, emancipação, cidadãos críticos, cidadãos participativos, formar para a cidadania, aprender a ser cidadão, promover a cidadania, exercer cidadania, cidadão crítico e participativo.	IA - 21,56%
	Oportunizar o indivíduo a se desenvolver, promover o desenvolvimento do aluno, desenvolvimento integral, socializar, orientar e demonstrar a realidade, formação integral, criar pessoas melhores, socializadora, integradora e facilitadora, ensinar o aluno no mundo, inserção do adolescente no mundo, interação com o mundo.	IIA - 37,25%
	Preparar para o mercado de trabalho.	IIIA - 1,96%
	Ensinar, transmissão de conhecimento, educar e ensinar, passar conhecimento, transmitir conhecimento historicamente acumulado, instruir – transmitir conhecimento científico, fonte de transmissão de conhecimento, promotora de conhecimento.	IVA - 9,80%
	Todas, inclusive as que não competem, “abraçando” um papel, a escola tem mais função social, desempenha funções sociais, assistência social e psicológica, a escola faz tudo, a escola toma para si	VA - 29,14%

Continuação

	várias demandas, trabalhar com valores, papel assistencialista e pedagógico, papel social.	
GRUPO B: PAPEL DO PROFESSOR	Boa formação, desenvolver o pensamento crítico, transformador, atua nas diversas áreas de formação, ferramentas para o exercício da cidadania, formador e educador, ações que atendam às necessidades dos indivíduos, além de ensinar, transformar o aluno em um ser crítico, formar o sujeito para a vida, incentivar o aluno para ser alguém, transformar e conscientizar, formadores de caráter, orientador positivo, ensinar os alunos a questionarem, pensarem, formação de caráter, formador – ser um exemplo.	IB - 31,37%
	Instrumento de circulação do conhecimento, orienta e ensina, mediador ensino e aprendizagem – desenvolver interesse em estudar, transmitir os conhecimentos, ensinar, incentivador na construção do conhecimento, levar o conhecimento científico, ensinar o conteúdo, mediador dos conhecimentos, facilitador do conhecimento, direciona o conhecimento construção conhecimento, apresentação de conteúdos, despertar no aluno interesse, promover aprendizagem significativa, transmitir o conteúdo, colaborar para a produção de novos conhecimentos, intermediar.	IIB - 49,01%
	Além de conteúdos, trazer valores, desenvolve diversos papéis, várias funções ao mesmo tempo, papel de pai e de mãe, desempenha distintos papéis, professor é médico, psicólogo, artista, professor ganhou novas atribuições, de tudo um pouco.	IIIB - 19,60%
GRUPO C: CONCEITO DE VALOR E SUA PRESENÇA NA ESCOLA	É algo subjetivo, atos que praticamos, somos e vivemos, características que norteiam nossas ações, atributos de qualidades pessoais, te faz ser humano, são aqueles passados pela família, valor à vida, ética e fé, presentes em nossas ações, presentes no modo de ser, pensar e agir, aquilo que tínhamos e conhecíamos do passado, princípios do ser humano, diretrizes para a nossa vida, são aqueles ensinamentos que recebemos, são vivências que aprendemos, são qualidades que atribuímos aos seres, conceitos que designam como a pessoa deve ser, norteiam a conduta, características de comportamento, são adquiridos em nossa vida são ações, atitudes, são orientações, fazer escolhas, boa conduta, são atitudes, modo de agir, são saberes, junção de questões éticas, qualidade ligada à moral, critérios para viver a vida, essencial, ensinar, conjunto de atitudes, caráter da pessoa, atitudes que norteiam a vida do indivíduo, aprende com os pais.	IC - 68,62%
	Fazer certo as coisas, conjunto de regras, convivência saudável, convívio harmonioso, valores são regidos pela sociedade, importantes para uma boa convivência, melhor indivíduo, certo, errado convivência em comunidade, norte para convivência em sociedade,	IIC - 31,37%

Continuação

	bem-estar das pessoas, convivência social saudável, viver em sociedade, ascender na sociedade.	
GRUPO D: RELEVÂNCIA DOS VALORES NA SOCIEDADE	Convívio com o outro muito melhor, harmonia, futuro pacífico e sustentável, importante, convivência, limites, mantém a sociedade, bons princípios, garantia da ordem, sociedade justa e igualitária, moldamos a sociedade, regras de convívio, sociedade mais justa e equilibrada, mundo melhor, bem-estar da sociedade, grande relevância, caráter humanizador, sociedade harmoniosa e igualitária, sociedade saudável, sociedade tranquila, sociedade melhor, formação de bons cidadãos, estrutura o pensamento, bom senso, limites, respeitar, importantíssimo.	ID - 60,78%
	Contaminada pela corrupção, falta deles, resgate, valor desvirtuado, sociedade conflitante, falta de valores, degradante, valores confusos, consequências desastrosas, valores não existem, corrupção, sem valores, resgatar valores, sem valores, sem cultura, alienada, sociedade precisa de valores, crise de valor, sociedade não sobrevive sem regras, se não há valores há caos na sociedade, carente de valores, repensar os valores.	IID - 39,21%

Fonte: A autora (2016).

Optamos no momento seguinte da apreciação dos dados, analisar apenas as categorias emergentes dos grupos que apresentaram porcentagem maior do que 10. Dessa forma, as categorias IIIA - Função da escola: formação para o mercado de trabalho, e IVA – Função da escola: ensino e aprendizagem, não serão consideradas.

4.1.1 Análise das categorias representativas do Grupo A

As categorias que apresentaremos a seguir foram geradas a partir da primeira questão aberta do questionário relacionadas à função que a escola desempenha. O agrupamento em forma de categorias nos permitiu realizar análises, baseadas no referencial teórico utilizado para embasar a presente dissertação.

Categoria IA – Função da escola: formação para a cidadania

A categoria IA relacionada à função da escola como formação para a cidadania representa 21,26% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

A função social da escola é preparar as crianças, adolescentes, jovens e adultos para se tornarem sujeitos que possam exercer a cidadania. (P¹⁸40).

A escola desempenha a função social de emancipação/autonomia dos indivíduos que por ela passam. (P2).

Preparar a criança/adolescente para ser um cidadão crítico e participativo na sociedade. (P42).

A categoria revela que a concepção da função da escola, para estes participantes da pesquisa, associa-se a escola possuir a responsabilidade de preparar a pessoa para a vida, uma socialização completa, para a emancipação social. Para Cambi (1999), na contemporaneidade, há a emergência da educação; espera-se da educação além de seu papel cultural, seu papel político. A escola não seria mais para a conformação, mas para a emancipação.

Imbernón (2011) também demarca que a função da escola deve superar a transmissão de conhecimentos e pensar inclusive na formação do cidadão. O dinamismo social supera as ordens da sociedade, fazendo com que a escola não se limite mais a repassar conhecimento – o conhecimento tem múltiplas dimensões, e a escola precisa oferecer ao aluno preparo para a diversidade cultural, social, econômica e humana. Há a necessidade de superação das diretrizes da escola – transmissora, centralista e selecionadora para diretrizes culturais e contextuais. A fala do professor P25 representa essa ideia:

Hoje a escola acumula funções, além dos conteúdos curriculares; ela desempenha também a formação do cidadão.

A caracterização da escola com finalidade de formação para a cidadania - propostas pelos professores investigados demonstram que estes associam o ambiente educativo como meio para proporcionar que os alunos adquiram

¹⁸ Para preservar a identidade dos professores que participaram da presente pesquisa, eles foram representados pela letra "P", seguidos da numeração 1 (um) até 51 (cinquenta e um) que perfazem o total de professores que integraram a investigação.

consciência de seus direitos e obrigações por meio da educação, e também sejam livres e autônomos, adquirindo o estatuto de pertencimento da sociedade. Expressam essa ideia os seguintes professores:

A função social da escola é a formação de cidadãos capacitados para viver em sociedade, sabendo de seus direitos e principalmente seus deveres. (P18).

Desse modo, podemos acreditar que a função social da escola seria a de oferecer meios intelectuais, culturais e psicológicos para que nossos educandos tornem-se cidadãos críticos e participativos na sociedade em que vivem. (P13).

Além de ser também um espaço para que o aluno aprenda a ser um cidadão crítico e consciente de seus direitos e deveres. (P28).

Cambi (1999) destaca que a consolidação da educação na contemporaneidade traz em seus ideais a educação como substituição da política. Transferindo essa discussão diretamente para a escola, nós pesquisadoras podemos relacionar que, ao mesmo tempo em que a instituição educativa possui a função de formar o indivíduo com liberdade e colaboração, também é o meio para operar a construção também do cidadão, autônomo e socializado, capaz de realizar uma sociedade orgânica.

Delval (2010) atenta que o princípio da escola deveria ser para adquirir uma forma de pensamento científico e autônomo e não para ser partidária, concordando com a concepção dos professores investigados que a escola tem função de formação para a cidadania. Para o autor, em uma sociedade democrática, tal como temos hoje, a escola não deveria transmitir a ideologia dominante. Uma escola para ter autonomia tem de ser uma escola leiga e que compreenda que o conhecimento é um processo, e as crianças participam dele. Sua função é de produzir, buscar, investigar problemas e adquirir novos conhecimentos. A criança aprende a sistematizar, organizar, buscar, exercendo uma atividade intelectual de investigação.

Imbernón (2011) vai além dessa ideia de escola para a formação para a cidadania. O autor afirma que é necessária uma educação que forme cidadãos aptos a viver em uma sociedade democrática – plural, participativa, solidária e integradora. Isso se dará com a superação do enfoque centralista, transmissor, selecionador e individualista da escola, pensando em uma educação que eduque na vida e para a vida. O pesquisador destaca ainda que as instituições educativas devem mudar

radicalmente, tornando-se algo diferente, apropriados às mudanças que perpassaram a sociedade em que vivemos.

Há, nas palavras de Imbernón (2011), a necessidade da superação da concepção de mera transmissão de conhecimento acadêmico - que se considera obsoleta para os dias atuais, para uma educação que extrapole as desigualdades sociais mediante abordagens mais relacionais, dialógicas, cultural-conceituais, comunitárias, em substituição a enfoques tecnológicos, funcionalistas e burocratizantes.

Fernandes (2014) aponta que o caminho para a formação de cidadãos conscientes é uma educação pautada dos valores. Contextualizando a afirmação do autor para o ambiente educativo, é possível perceber que uma educação ou uma escola pautada nos valores considera a importância de interações sociais e interpessoais e que estas influenciam na formação e construção de valores; esse é caminho para formar cidadãos em prol de uma sociedade mais justa.

Inferimos, também, por meio das respostas, que os professores também concebem a escola como o instrumento para que os alunos atinjam a consciência de viver em sociedade e, mediante ela, sejam livres, singulares, participativos e façam a diferença na comunidade em que vivem. As falas seguintes anunciam a ideia:

Formar cidadãos críticos para que façam a diferença em sua comunidade. (P1).

A função de educar e formar cidadãos aptos a ocupar um lugar na sociedade, satisfatório ao desempenho de suas atividades profissionais. (P26).

Formar cidadãos que sejam capazes de adquirir conhecimentos relevantes para tornarem-se críticos e possam mudar, transformar a sociedade numa sociedade mais justa e consciente de suas ações. (P36).

De promover a cidadania com senso crítico e transformador da sociedade por parte do aluno. (P37).

Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) discorrem sobre a escola e as transformações sociais que os professores esperam que ela consiga realizar. A escola necessita permanecer firme no seu ideário de beneficiar a sociedade na produção de conhecimentos que propiciem mudanças na mentalidade e na qualidade de vida, com influências na ciência e na tecnologia, promovendo grandes transformações sociais.

Ao analisar a categoria encontrada, em síntese, observamos que os professores associam a função da escola primeiramente para a emancipação. Seria a instituição educativa o meio para qual o cidadão seria formado. Podemos inferir que escola pensada nesse viés de formação seria concretizada por meio da educação em valores. Acreditamos que a escola seja capaz de promover mudanças significativas tanto na forma como o indivíduo pensa como também em suas ações. Atentamos, porém, que a escola sozinha não pode promover essas mudanças nas estruturas sociais, mas o início da discussão sobre os papéis da escola já é um caminho para pensarmos a educação de outra forma.

Categoria IIA – Função da escola: formação para constituição do indivíduo

A categoria IIA, relacionada à função da escola como formação para a constituição do indivíduo, representa 37,25% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

Desenvolvimento integral do aluno, preparando para a vida. (P5).

Dividir responsabilidades conjuntas com a sociedade e família, vislumbrando a formação integral para que possam assumir outros papéis sociais. (P12).

De criar pessoas melhores para o mundo, de forma que permita a vida, a consciência, a saída da alienação, de opiniões externas ao indivíduo. (P15).

A categoria revela que a concepção da função da escola, para estes participantes da pesquisa, associa-se à formação do indivíduo, no sentido de formação da personalidade do sujeito. Os professores associam a intenção da escola de contribuir com o sujeito em seu desenvolvimento, especialmente favorecendo o sujeito a ser capaz de resolver problemas, pensar por si mesmo e adquirir normas de conduta para viver em sociedade.

Serrano (2002) corrobora com a ideia de formação para constituição do indivíduo no sentido de que as instituições educativas precisam assumir a formação integral do aluno e têm papel além de acumular saberes; elas têm a função de aprendizagem do saber estar e fazer (atitudes, valores e normas), levando em conta que vivemos em uma sociedade plural, com diferentes sistemas de valores. A educação em valores é o caminho para essa formação, visto que proporciona a

formação da identidade do indivíduo, no sentido de ensinar os alunos a tomar decisões e de escolher entre múltiplas opções.

Tedesco (1995) citado por Serrano (2002) também associa a escola em relação à formação da personalidade do indivíduo, fixando marcos de referência que permitiam cada um escolher e construir suas múltiplas identidades. O ambiente escolar seria a oportunidade de o indivíduo constituir-se, por meio dos vínculos sociais que ela proporciona – aprender a conviver.

Completam a explanação Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), ao descreverem o objetivo da educação de valores como a promoção de uma educação que prepara para a vida, que aperfeiçoa o desenvolvimento individual e tem possibilidade real de promover crescimento, socialização e ajustamento intra e interpessoal.

Observamos que os autores Serrano (2002) e Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), quando tratam da formação do indivíduo, associam os valores para que o processo de formação integral na escola se concretize. Araújo e Puig (2007) também discorrem sobre a constituição do indivíduo, incluem a dimensão afetiva no processo de formação e afirmam que os valores são de suma importância para a formação do indivíduo, tornando-o consciente, crítico e reflexivo. As falas seguintes anunciam essa ideia:

Formação integral do futuro cidadão, conhecedor dos seus direitos e deveres na sociedade. (P10).

Função de formação. (P16).

De ensinar o aluno no mundo, fornecer as bases teóricas dos conhecimentos científicos, formar o sujeito crítico, leitor, capaz de atuar em sociedade, não como mero espectador da vida, mas agente que possa gerir seus projetos pessoais. (P27).

A escola desempenha a função de formadora de indivíduos para produzir novos conhecimentos, compreender e transformar o mundo em que vivem. (P34).

Desenvolver um ser humano pensante e disposto a contribuir com a sociedade de forma positiva. (P39).

Inferimos que os professores investigados concebem a escola como o instrumento de promoção das potencialidades do indivíduo, sejam elas cognitivas ou emocionais, para favorecer a constituição do sujeito. Há professores também nessa categoria que concebem que a constituição do indivíduo é permeada pela

socialização. A socialização seria promovida pela interação dos sujeitos, vista como fator de desenvolvimento pessoal. As falas seguintes exemplificam a afirmação:

Nos dias atuais vejo que, para os alunos, a escola realmente desempenha uma importantíssima função social: a de socializar. (P7).

A principal função é a socializadora, onde o aluno desenvolve a capacidade de aceitar, compreender a opinião do outro, favorece a relação dialógica, permitindo, dessa forma, a capacidade de cooperação. (P21).

A escola é o local de socialização. Atualmente, é também o lugar onde o aluno tem contato com uma rotina e sistematização da educação. (P51).

Delval (2010) esclarece a ideia de socialização que, nesse momento, não se refere à concepção do professor exposta a seguir. A ideia que o professor P47 possui é de socializar conhecimentos, mas isso não é garantia que a escola contribua para a constituição do indivíduo.

A função social da escola é “socializar” os conhecimentos produzidos pela humanidade ao longo de sua história [...].

Referimo-nos à socialização, embasados em Delval (2010), como participação da vida social. A escola é um lugar possível para que os indivíduos interajam entre si e torna-se privilegiado, pois a interação é importante para o desenvolvimento, promovendo a cooperação, a possibilidade de colocar-se no ponto de vista do outro e a reciprocidade. A instituição educativa nesse viés tem papel socializador, no sentido de inculcar nos indivíduos como devem se portar na sociedade e para compreensão do grupo social que fazem parte.

Ao analisar a categoria encontrada, em síntese, observamos que os professores associam a função da escola para a constituição do indivíduo. A constituição do indivíduo seria promovida por meio da educação de valores ou facilitada pela socialização dos sujeitos. A escola pode ser instrumento de desenvolvimento do indivíduo e exercer uma relação social, considerando valores como organização da conduta, para adquirir normas e condutas para viver em sociedade. A socialização também é capaz de promover o desenvolvimento do sujeito, no sentido que a interação é positiva para a constituição da pessoa.

Categoria VA – Função da escola: outras funções

A categoria VA, relacionada à função da escola que desempenha outras funções, representa 29,41% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

Todas, inclusive as que não a competem. (P9).

A função da escola sempre foi e é ensinar, porém os profissionais que trabalham na escola exercem funções que não lhe competem, ou seja, a escola assume hoje muitas funções que são da família. Por isso, o foco de ensino e aprendizagem fica, muitas vezes, em defasagem. (P11).

Ultimamente, vem “abraçando” para si esse papel social, que, na minha opinião, não cabe à escola. Tem atuado, muitas vezes, em certos assuntos que dizem respeito à família, tais como: educar o aluno, alimentar o aluno, fornecer material escolar ao aluno [...]. (P14).

Deveria ser só de formação, mas atualmente é dar educação, assistência social, psicológica, entre outras, e funções pedagógicas. (P31).

A escola não é somente o espaço de construção do saber, hoje ela desempenha também papel assistencialista e também psicológico, e formação de crianças e adolescentes [...]. (P46).

Os participantes da pesquisa apontam que a escola possui funções múltiplas que transcendem à transmissão de conhecimento. As funções são advindas de demandas sociais e a escola passa a desempenhar a função que antes era da família, ou de outros grupos sociais.

Cambi (1999) esclarece que as demandas impostas pela sociedade que a escola assumiu e passou a desempenhar são resquícios advindos da concepção contemporânea. A concepção refere-se que apenas a escola poderia assumir as transformações ocorridas na família, no estado, na sociedade civil. Só a escola proporcionaria a ideia do “homem-cidadão”, por ter espaço para o social, o cultural, o político e o espiritual.

As falas seguintes representam a ideia das novas funções desempenhadas pelas escolas:

A função social da escola pode ser vista muito além do informar conhecimento, formar o aluno para a cidadania. Atualmente, a escola recebe uma carga muito grande que a família, sociedade e governo impõem, transferindo para a escola. (P24).

Atualmente a escola faz tudo. Exerce todas as funções e acredito que faz além do que deveria. (P32).

A escola tem desempenhado na função de passar para os alunos o conhecimento e hoje a educação, o respeito que algumas famílias não estão conseguindo transmitir, passando para a escola uma obrigação que não é nossa. (P33).

É a encarregada de transmitir conhecimento historicamente acumulado, mas nos tempos atuais ela está hipertrofiada de funções que não é dela. (P35)

Mas sabemos que infelizmente a escola vem desempenhando outros papéis, que não são, ou que não deveriam ser seus, como alimentação, cuidados com a saúde (dentista), bolsa família, bolsa escola, e o pior de tudo, ela tem precisado intermediar na educação dos filhos, visto os inúmeros problemas que a modernidade trouxe e traz para as famílias, cada vez mais desajustadas. (P48).

Delval (2010) esclarece que as funções que a escola desempenha são múltiplas e transcendem a simples transmissão de conhecimentos. A sociedade deposita na escola a expectativa dos indivíduos adquirirem hábitos de trabalho ou até mesmo possuir uma conduta socialmente aceitável. Inferimos que os professores apontam a multiplicidade de funções que as escolas desempenham, não que elas deveriam cumprir. Delval (2010) explica isso, uma vez que o autor aponta as incumbências que a escola desempenha - não que o autor considere ou corrobore que deva ser sua função. Tozetto (2010) clarifica a motivação de não haver consensos quanto às funções da escola e completa essa ideia ao explicar que as instituições educativas hoje são um produto histórico criado pela sedimentação de muitas ideias e interesses variados, fazendo com que a escolarização perca sua significação.

4.1.2 Análise das categorias representativas do Grupo B

As categorias que apresentaremos a seguir foram geradas a partir da segunda questão aberta do questionário relacionadas ao papel que o professor desempenha nos dias atuais. O agrupamento em forma de categorias nos permitiu realizar análises, baseadas no referencial teórico utilizado para embasar a presente dissertação.

Categoria IB – Professor como transformador: educação em uma forma ampla

A categoria IB, relacionada à função do professor como transformador representa, 31,37% das respostas dos 51 professores investigados. Foi nomeada

amparada nos estudos de Mendes (2015) que propõe, em sua investigação, uma categoria de professores que associam sua função com potencial de gerar mudanças tanto nos alunos como na sociedade. Engloba respostas como:

Um transformador. (P3).

Um mediador, que atua nas diversas áreas transpondo sua formação, para garantir a educação de todos com equidade e qualidade. (P12).

No atual contexto em que vivemos, o professor enfrenta o desafio de fornecer ao seu aluno “ferramentas” para que ele perceba que é essencial para o exercício da cidadania, saber se expressar, defender pontos de vista, posicionar-se frente a assuntos polêmicos, e também o que é muito importante definir quais são seus valores. (P13).

O professor é peça fundamental na vida do educando. É ele que, além de ensinar, transforma esse aluno num ser crítico em busca de um bem comum. (P25).

O professor deve transformar e conscientizar seus alunos para que possam agir na sociedade com o objetivo de fazer a diferença, através do conhecimento e encaminhamentos adquiridos durante o processo educativo. (P36).

Os participantes da pesquisa associam o papel do professor como um sujeito que tem possibilidade de transformar a sociedade. Freire (1996) destaca esse modelo de professor e aponta que formar é muito mais que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas. Para ele, ensinar exige criticidade. As práticas progressistas desenvolvem a curiosidade crítica, criam possibilidades para que os próprios alunos produzam ou construam o conhecimento.

As respostas dos professores a seguir representam a expectativa que os próprios docentes depositam em sua função:

Imprescindível para uma boa formação de nossos jovens. (P1).

O de formar o sujeito para a vida com conhecimentos científicos e como modelo de conduta para o bem, que faça a diferença entre aquilo que ele irá precisar ao longo da vida. (P27).

Incentivar o aluno para ser alguém na sociedade. (P32).

Tozetto (2010) aponta a prática do professor como agente social e cultural, no sentido de promover o crescimento dos alunos, por meio da transposição de obstáculos na construção do saber. A educação, dessa forma, passa a exercer papel de referência para o exercício da cidadania.

Tozetto (2010) faz-nos crer que a função do professor é associada a um profissional que é capaz de proporcionar mudanças nos alunos, um facilitador de aprendizagem, um prático reflexivo. Contudo, a autora afirma que os professores sozinhos não podem assumir a responsabilidade de mudança na sociedade. Os professores são elementos fundamentais para as modificações na educação, mas faz-se necessário um coletivo forte e organizado para as políticas em educação obterem alterações no trabalho pedagógico.

Imbernón (2011) também descreve essa expectativa depositada no professor, não no mesmo sentido de Tozetto (2010), que descreve o professor como um sujeito que é capaz de promover transformação, mas relacionada à aprendizagem. O significado que Imbernón (2011) traz refere-se à profissionalização docente, capaz de ter repercussão educativa e social de mudança e de transformação.

Formador e educador. (P16).

Formador, embora muitos ainda interpretam como mero agente de ensino-aprendizagem de conteúdos [...]. (P46).

As concepções da categoria atribuem inclusive ao professor à função de formação crítica dos alunos, e a educação é compreendida em uma forma ampla, no sentido de mudança de estrutura da sociedade.

O professor deve ter o papel de instrumentalizar o aluno, para que este possa, de forma autônoma, desenvolver o pensamento crítico. (P2).

O professor precisa estar comprometido e gostar do que faz. Num segundo momento, ter consciência do sujeito que ele tem na sala de aula, seu contexto, sua história, e então realizar ações que atendam seu plano de trabalho e as aspirações e necessidades do aluno, tudo aliado ao currículo e o projeto da escola e do sistema. (P24).

Hoje se faz necessário ensinar os alunos a questionarem, pensarem, e construir suas próprias opiniões [...]. (P40).

Freire (1996) vai além. Ele considera que o professor deve ensinar, com compreensão que a educação é uma forma de intervenção do mundo. Intervenção para lá dos conteúdos aprendidos. Para o autor, há a necessária conscientização e desmascaramento do que foi aprendido. É a ideia de ir além da ideologia dominante.

Inferimos que os professores investigados depositam na sua profissão a responsabilidade de formação dos sujeitos - crítico e transformador. Concebem também a sua função como capaz de transformar a sociedade. Nós, enquanto

pesquisadoras, acreditamos que os docentes são capazes de promover mudanças na sociedade, tanto quando a aprendizagem é concebida como potencializadora das aptidões do sujeito, por parte dos professores, como também que sua profissão tem como papel a formação crítica dos alunos.

No entanto, nós cremos, apoiadas em Imbernón (2011), que, para que isso se realize, há a necessidade da indispensável redefinição da profissão docente, para que os professores assumam novas competências profissionais no quadro de um conhecimento pedagógico, científico e cultural revistos.

Categoria IIB – Professor como profissional do conhecimento

A categoria IIB, relacionada à função do professor como profissional do conhecimento, representa 49,01% das respostas dos 51 professores investigados. Foi nomeada amparada nos estudos de Mendes (2015) que propõe, em sua investigação, uma categoria de professores que associam sua função ao ensino e à aprendizagem. Engloba respostas como:

Educação formal, tenta transmitir os conhecimentos da sua disciplina, porém os alunos estão muito desinteressados. (P10).

O professor é o mediador da aprendizagem, aquele que desafia seus alunos para o conhecimento e a pesquisa. (P11).

Ensinar, levar o aluno a pensar, buscar o conhecimento. (P14).

Ensinar o seu conteúdo, contextualizando com a vida social do aluno. (P19).

Hoje o papel do professor não se caracteriza mais como transmissor de conhecimento, mas sim na construção desse conhecimento [...]. (P28).

O papel do professor é de transmitir o conteúdo referente à sua disciplina. (P42).

Intermediar o conhecimento conforme sua área [...]. (P48).

Mediador do conhecimento. (P49).

Os participantes da pesquisa associam o papel do professor como peça-chave para que a educação se concretize no sentido da promoção de conhecimentos, tanto concebendo sua atuação como transmissora ou como mediadora de conhecimento. As respostas dos professores P31 e P50 representam a inferência:

Mediador de conhecimento, por vezes mediador de conflitos. (P31).

Transmitir conteúdos [...]. (P50).

Freire (1996) concebe o papel do professor como aquele que supera a concepção de transmissão de conhecimento. Suas considerações apontam que o professor deve criar possibilidades para a produção e para a construção do conhecimento.

Imbernón (2011) também rejeita o ensino técnico como transmissão de conhecimento acabado e formal. O autor embasa indiretamente a ideia do professor como mediador, no sentido que compreende o conhecimento em construção e não imutável.

Acreditamos, como pesquisadoras, que os modelos de atuação docente propostos por Freire (1996) e Imbernón (2011) contribuem mais na educação e na aprendizagem, visto que o papel do professor é considerado como algo maior, e o professor atua como um mediador do conhecimento e facilitador da aprendizagem. Perspectivas técnicas contribuem pouco para uma formação crítica dos alunos e estão obsoletas para os dias atuais. Depositamos nossas expectativas, em relação à atuação dos professores, nas respostas proferidas a seguir:

O professor é instrumento que proporciona a circulação do conhecimento dentro da sala de aula, mas exerce um papel social maior, considerando os conhecimentos que os alunos levam consigo e conduzindo as aulas de maneira a ser um articulador de interesses, ideias e projetos. (P4).

Nos dias de hoje, o professor orienta e ensina o aluno “aprender a aprender”. O professor é um mediador. (P5).

O papel do professor é o de mediador dos conhecimentos escolares, procurando contribuir para a formação de uma sociedade melhor, mais crítica, reflexiva e pensante. (P20).

O papel do professor nos dias de hoje é de despertar no aluno o interesse, a curiosidade de buscar novos conhecimentos. (P33).

Mediador do conhecimento técnico em que o aluno possa produzir o saber com auxílio do professor. (P37).

O papel do professor é promover uma aprendizagem significativa, apresentando aos alunos situações didáticas que exijam reflexão e ação, e uma postura investigativa diante do conhecimento. (P41).

Categoria IIIB – Professor que desempenha vários papéis sociais

A categoria IIIB, relacionada à função do professor que desempenha vários papéis sociais representa 19,60% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

Nos dias de hoje, o professor desenvolve diversos papéis: psicólogo, professor, pai, mãe, juiz de paz. (P9).

Nos dias atuais, o papel de professor é meio difícil de distinguir, já que a sociedade atribui ao professor várias funções ao mesmo tempo [...], fazendo outras coisas que deveriam ser de responsabilidade de outros profissionais. (P18).

O papel de pai e de mãe, pois além de ensinar sua disciplina (português, matemática) tem que ensinar, educar, boas maneiras para os alunos. (P23).

O papel do professor hoje é de médico, psicólogo, artista, padre; enfim, eu me refiro a uma desorientação da sociedade que reflete imediatamente na escola. (P29).

Nos dias atuais, o papel do professor ganhou novas atribuições. [...] E muitas vezes, “pai”, conselheiro, psicólogo e, às vezes, “babá” dos filhos dos outros. (P34).

De tudo um pouco: professor, educador, conselheiro, virou um generalista. (P35).

[...] esse papel misturou-se a outros (psicólogo, assistente social, ouvinte, entre outros), o que dificulta o trabalho pedagógico. (P47).

Os participantes da pesquisa associam o papel do professor a um profissional que desempenha muitos papéis sociais que se desdobram em sua função docente. Cosme (2011) aponta essa dificuldade de construir consensos suficientemente sólidos acerca da intervenção educativa dos professores e suas responsabilidades profissionais. O tempo em que vivemos, a contemporaneidade, espaço marcado pela imprevisibilidade e pela incerteza, há modelos de atuação que variam de acordo com cada instituição educativa. As respostas dos professores a seguir expressam a ideia do autor:

O professor desempenha nos dias de hoje diferentes ou distintos papéis; não tão somente o papel de transmitir conhecimentos, mas também de conduzir o aluno a ter uma visão de respeito, ou seja, mostrar valores que talvez esse aluno desconheça pela sua própria vivência em família. (P26).

Nos dias de hoje, os pais estão trazendo seus filhos para a escola e atribuem ao professor a função da educação, formação de caráter, ensinamento de valores; mas a formação do professor não é essa, e sim a de ensinar, transmitir conhecimento, ser a ponte. (P44).

Tozetto (2010) concorda que, com a mudança do cenário social, é exigido dos professores domínio de diversos e diferentes conteúdos de áreas variadas, como serviço social, medicina, enfermagem, psicologia. Contudo, a autora atenta que, com isso, a escola está deixando em aberto sua verdadeira função, a de ensinar, ao absorver as diversas funções da sociedade, do governo e da família.

Imbernón (2011) também concorda que o cenário educacional mudou e complexificou-se. Entretanto, o autor afirma que a profissão docente já não tem mais como função a transmissão de conhecimento acadêmico. A profissão também exerce funções sociais, mas, para que ela exerça essas funções, é requerido uma nova formação: inicial e permanente.

Inferimos que os professores investigados se concebem como profissionais que desempenham múltiplas funções, que superam o ensino e a aprendizagem. As funções são advindas da sociedade. Concordamos com Cosme (2011) na dificuldade em se definir as funções docentes resultantes das inúmeras demandas na contemporaneidade. Corroboramos, também, com Tozetto (2010), ao considerar que as funções que o professor está exercendo o fazem deixar de lado o desenvolvimento da atividade intelectual do aluno. No entanto, como atenta Imbernón (2011), acreditamos que a função do professor deve ter sim um cunho social, mas não assistencialista, como levantadas pelos professores investigados.

4.1.3 Análise das categorias representativas do Grupo C

As categorias que apresentaremos a seguir foram geradas a partir da terceira questão aberta do questionário relacionadas ao conceito de valor, e como os professores investigados consideram que eles se fazem presentes na escola. O agrupamento em forma de categorias nos permitiu realizar análises, baseadas no referencial teórico utilizado para embasar a presente dissertação.

Categoria IC – Concepção de valor como orientação de conduta e comportamento

A categoria IC, relacionada à concepção de valor como orientação de conduta e comportamento, representa 68,62% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

Valores são características que norteiam nossas ações, portanto se fazem presentes em todos os ambientes que o ser humano esteja [...]. (P5).

São princípios do ser humano, através do exemplo. (P16).

São diretrizes para nossa vida e a vida em sociedade. Fazem-se presentes na escola, pois estão presentes em cada um, e cada pessoa carrega e transmite seus valores a cada momento, em tudo que faz e fala. (P17).

Valores são características de comportamento que o indivíduo, ou uma sociedade, se comporta e interage. E no dia a dia, em todos os momentos. (P25).

Valores são ações, atitudes que assumimos diante de uma determinada situação. Eles vêm primeiramente de casa, de uma família e são trabalhados no contexto da escola em atividades cotidianas. (P27).

Os participantes da pesquisa associam a função dos valores como guia das ações¹⁹ ou atitudes, determinando condutas socialmente desejáveis. Os valores têm a finalidade de moldar o indivíduo para viver em sociedade. Araújo e Puig (2007) destacam que são os valores, esses instrumentos, que permitem o indivíduo relacionar-se com o mundo, no sentido de favorecer na compreensão da vida humana e também as relações com o mundo social, natural e cultural.

Allport (1931 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011) também concorda que os valores favorecem a conduta do indivíduo, pois auxiliam na maturidade individual, como padrões de comportamento, guiando uma filosofia unificadora de vida. Wolman William (1968 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011) completa a ideia de valores como orientação de conduta e comportamento, pois são os conjuntos de valores que governam os comportamentos individuais ou de membros da sociedade. O autor assegura ainda que valor é um critério ou padrão em termos do qual as evoluções se sucedem.

Algumas respostas dos professores a seguir comprovam a ideia da concepção de valor como orientação de conduta e comportamento:

Valores são os atos que praticamos, somos e vivemos. E o faz presente no dia a dia que vamos fazendo uma troca, aperfeiçoando esses valores. (P3).

São aqueles passados pela nossa família e se faz presente em todas nossas ações sejam elas de fundo moral, social e os que perpassam a compreensão do bom viver e os que demonstram caráter e bom senso. (P12).

¹⁹ Ações, nesse momento, referem-se às atividades que o indivíduo realiza, relacionadas ao seu comportamento; são consideradas como atitudes, uma vez que são expressões com sentido aproximado, no sentido de deliberar um ato de acordo com sua postura.

Conjunto de atitudes que devemos ter para com todos, a fim de nos tornarmos seres humanos cada vez mais dotados de honestidade, caráter, responsabilidade, integridade e amor. Ao ministrarmos nossas aulas, os valores estão presentes e sendo lembrados o tempo todo [...]. (P45).

Para Tjeltvelt (1992 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011) valores são crenças de compromissos cognitivos, afetivos e de componentes comportamentais. Isso corrobora com a ideia dos valores como orientadores de condutas e comportamentos. Araújo e Puig (2007) vão mais além, afirmando que valores têm função determinante da conduta social - são preditores das condutas sociais. Estas constituem-se em práticas individuais e coletivas, voluntárias, com fins de atender a padrões convencionalmente estabelecidos pela sociedade.

A assertiva de Araújo e Puig (2007), além de oferecer-nos a finalidade dos valores, aponta que, para lá de promover a orientação de conduta e comportamento, os valores funcionam como mecanismos de ajustamento social. Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) também apresentam essa função – a função dos valores é de transformar atitudes em crenças preferenciais, selecionando atitudes que correspondem às regras socialmente aceitáveis. As respostas dos professores a seguir comprovam as ideias dos autores Araújo e Puig (2007) e Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011):

Eu acredito que os valores estão presentes na escola através do modo de ser, de pensar e de agir de nossos educandos. [...] E é nesse momento que a escola deve intervir fazendo com que o aluno descubra quais valores que ele deve desenvolver ou adquirir para que se torne um cidadão de bem. (P13).

São conceitos que designam como a pessoa deve ser, essas teorias são o alicerce para uma boa prática, porém, na maioria das vezes, deve haver um bom educador para auxiliar o entendimento dos conhecimentos teóricos e práticos para garantir o desenvolvimento das capacidades necessárias nos alunos. (P21).

Fazer suas escolhas, sempre respeitando a vida do próximo. (P30).

Valor é uma qualidade; característica ligada à moral; é pessoal, depende do caráter, da personalidade da pessoa. Por meio dos valores (sociais e éticos) a sociedade tem suas regras estabelecidas visando um convívio saudável. Os valores se fazem presentes nos conteúdos das diferentes disciplinas, nas atitudes, falas de professores, dos alunos e funcionários da escola, dos pais e familiares. (P40).

[...] é um conjunto de atitudes que norteiam a vida de um cidadão [...]. Assim, a escola na medida em que transmite o conhecimento, incentiva, conduz o aluno a perceber valores [...]. (P48).

Podemos também observar nas respostas dos professores investigados que, além de considerar valores como orientadores de conduta e comportamento, os professores apontam que a responsabilidade para com os valores é da família. A escola desenvolve esse papel, apesar de não ser sua função. As respostas que seguem exemplificam essa concepção:

Entendo que valores são os atributos de qualidades pessoais que trazemos conosco (advindo da educação recebida em casa) ou assimilamos no dia a dia. Na escola eles deveriam ser assimilados pelos que não trazem de casa. (P7).

São aqueles passados pela família, valor à vida, ética profissional, fé, compromisso com a sociedade. Não estão presentes na escola, os alunos vêm sem nenhuma base familiar. (P10).

Valores é aquilo que tínhamos e conhecíamos no passado, que recebíamos de nossas famílias: moral, ética, educação. Hoje em dia esses valores estão bem ausentes da escola [...]. (P14).

Valores são aqueles ensinamentos que recebemos de nossos pais, nas nossas casas, como respeito, educação, humanidade etc. Vejo que esses valores estão desaparecendo das escolas, pois nossos alunos não recebem de casa a devida educação. (P18).

Valores são vivências que aprendemos com nossas famílias e em nossas convivências sociais [...]. (P19).

São orientações que recebemos inicialmente em casa, tem um sentido de certo e errado. Os alunos deveriam vir para a escola com os valores familiares, mas não é o que se percebe hoje. (P29).

Valores são critérios que as pessoas levam em conta para viver sua vida, que, na maioria das vezes, são herdados da família. A escola é um espaço de diversidade, sendo, assim, valores diversos. (P42).

Os valores morais são respeito, bondade, amor, compreensão, responsabilidade, entre outros. Devem estar presentes na escola, mas precisam vir de casa, é essencial que os alunos adquiram valores em casa para que possam respeitar os valores e as regras da escola. (P43).

Os valores são construídos dentro do convívio familiar, é função da família ensiná-los, porém nos dias atuais os professores têm tentado ensinar o que são valores porque os alunos, em sua maioria, chegam à escola sem nenhum valor [...]. (P44).

Valores é aquilo que aprende com seus pais no âmbito de sua casa. A clientela não traz isso de sua casa para a escola. (P49).

Serrano (2012) atenta que é papel da escola a educação em valores, visto que tem responsabilidade na formação integral do aluno - humanizadora. A escola não pode retrair-se, delegando a função a outras instituições, como família ou igreja. Araújo e Puig (2007) também discorrem sobre a complexidade dos valores. Para os

autores, a educação de valores envolve uma série de aspectos – há a responsabilização da família como o principal agente de construção de valores. Outros consideram que o problema da sociedade atual é falta de limites e defendem uma educação em valores rígidos e autoritários, mas ações pontuais e intervenções apresentam resultados questionáveis.

Observamos, no papel de pesquisadoras, que, enquanto as responsabilidades são discutidas nos ambientes responsáveis em educar, a educação em valores ocupa um lugar muito singelo nas escolas e no cotidiano escolar. É possível verificar, nas respostas dos professores, a concepção de valor como mecanismo de ajustamento social, orientando condutas e comportamentos.

Inferimos que, mesmo havendo a desresponsabilização por parte dos professores com relação à educação em valores, apontando a família como responsável para tal função, os professores desenvolvem a tarefa na escola, ou como recortes disciplinares ou como atividades transversais, não como uma postura consciente. A educação em valores não se esgota em um momento único de aprendizagem, ela depende do contexto e das experiências e de estratégias que favoreçam a construção de valores.

Categoria IIC – Concepção de valor para garantia de bem-estar da sociedade

A categoria IIC, relacionada à concepção de valor para a garantia de bem-estar da sociedade, representa 31,37% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

São valores morais que afetam a conduta das pessoas. É um conjunto de regras estabelecidas para que possa existir uma convivência saudável dentro de uma sociedade. (P4).

Valores: conjunto de ideias ou “regras” que ajudam a desenvolver um convívio harmonioso e de respeito entre as pessoas. Na escola, os valores se fazem presentes na educação, cordialidade, amizade, respeito, compreensão da hierarquia existente etc. [...]. (P6).

São passados desde muito cedo pela família, se fazem presentes através do relacionamento, da convivência e praticados dia a dia. Estão um pouco confundidos, mas são importantes para uma boa convivência. (P11).

São coisas que devemos fazer para nossa melhor convivência na sociedade. Na escola quando ensinamos boa educação para os alunos. (P23).

Valores que aprendemos em casa e repassamos em todos os lugares [...]. Precisamos para conviver em sociedade e na escola está presente para que haja um ambiente harmônico. (P33).

Pode-se dizer que valores são determinados conhecimentos, necessários para se viver em sociedade, que são construídos desde o nascimento ao final da vida [...]. (P47).

Os participantes da pesquisa associam a função dos valores para preparar os indivíduos a viver em conformidade e harmonia na sociedade. Os valores controlariam as ações dos indivíduos, vivendo de acordo com as normas e as expectativas sociais.

Vera (1995 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011) aponta essa função de ajustamento dos valores proposta pelos professores investigados. Na concepção da autora, os valores servem para preparar o indivíduo a viver em conformidade com a pressão e as exigências sociais, com finalidade de conformidade social. Os valores atuam como mecanismos de defesa, em necessidades, sentimentos e condutas para comportamentos socialmente aceitáveis.

Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) também apontam domínios que os valores exercem. Benevolência é um desses domínios e refere-se aos valores que tem finalidade de preservar e melhorar o bem-estar das pessoas com as que se interaciona na vida cotidiana. As falas dos professores P15, P38 e P41 expressam, respectivamente, essa ideia:

Conjunto de costumes, cultura e educação que fazem a pessoa ser um indivíduo melhor para si, para os outros e para o meio que o cerca [...].

Conjunto de adjetivos que proporcionam o bem-estar a todas as pessoas que fazem parte de um determinado ambiente [...]

Entendo que valores são princípios básicos necessários para a convivência social saudável, como também pode ser compreendido como o conjunto de atitudes que definem a identidade de um ser humano [...].

Conformidade representa outro domínio dos valores proposto por Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) que designa valores como garantia de manutenção de normas e expectativas sociais. As respostas dos professores a seguir expressam esse domínio:

Podemos traduzir como: fazer as coisas certas. (P1).

Vejo como a relação do certo e o errado para se viver em sociedade. Alguns alunos chegam desprovidos de qualquer tipo de valor, alguns por não terem limites em casa, outros são reprodução do meio em que vivem. (P31).

São o norte para a convivência em sociedade [...]. (P34).

Conjunto de adjetivos que proporcionam o bem-estar a todas as pessoas que fazem parte de um determinado ambiente. Acredito que o exemplo advindo por parte dos professores propicia uma ampla assimilação dos alunos em relação aos valores. (P38).

Inferimos que os professores investigados depositam nos valores a garantia de bem-estar e convivência da sociedade. Os valores têm como finalidade ajustar os indivíduos e também conformá-los para que haja uma boa coexistência. A resposta do professor P28 vai ainda além, responsabilizando vários setores da sociedade:

Valores é tudo aquilo que aprendemos na família, na escola e na vida em sociedade e que são necessários para uma boa convivência em comunidade [...].

Nós, pesquisadoras, consideramos oportuna essa afirmação, pois valores não são resultantes de uma construção única de apenas um setor da sociedade. Atenemos que são as interações propostas pela família, pela escola e pela convivência social que proporcionam a construção de valores e não a aprendizagem. Valores são construções afetivas individuais, como destacam Araújo e Puig (2007), resultantes de processos de socialização.

4.1.4 Análise das categorias representativas do Grupo D

As categorias que apresentaremos a seguir foram geradas a partir da quarta questão aberta do questionário relacionadas à relevância dos valores para a nossa sociedade. O agrupamento em forma de categorias permitiu-nos realizar as análises, baseadas no referencial teórico utilizado para embasar a presente dissertação.

Categoria ID – Concepção positiva de valor

A categoria ID, relacionada à concepção positiva de valor, representa 60,78% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

Valores [...]. Tornam o convívio com o outro muito melhor. (P2).

É a base de um futuro mais pacífico e sustentável [...]. (P4).

Os valores são muito importantes para a nossa sociedade [...]. Os valores são necessários a uma boa convivência. (P5).

Os valores são a única coisa que ainda mantém a sociedade [...]. (P9).

São relevantes [...]. Garantir a ordem, e os princípios básicos dos objetos sociais. (P12).

Por serem de extrema importância para a sociedade, representam um conjunto de regras estabelecidas de convívio, e que são imprescindíveis à sociedade. Quando todos se respeitam, o mundo se torna melhor [...]. (P20).

É de suma importância, pois são eles que conduzem o bem-estar de uma sociedade. (P25).

A categoria representa os docentes que consideram os valores como uma concepção positiva, no sentido que o indivíduo projeta cargas afetivas positivas aos valores, realizando representações de que a presença de valores garante a harmonia na sociedade. Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) apontam os domínios que os valores exercem. Segurança é um deles e representa a categoria, pois os valores relacionados a sentimento de pertinência, ordem social, segurança nacional, associam-se à harmonia e à estabilidade na sociedade, nas relações interpessoais e ao próprio eu. As respostas dos professores que seguem corroboram com a ideia de concepção positiva de valor:

Os valores são fundamentais para a vivência em sociedade. (P31).

Uma sociedade saudável é uma sociedade que possui valores. Sem eles, vira bagunça, anarquia, desordem [...]. (P35).

É importante que os valores sejam trabalhados não somente na escola, mas em todas as instituições sociais, porque dessa forma poderemos construir uma sociedade melhor, mais justa e igual para todos [...]. (P37).

Por meio dos valores é mantida a ordem entre as pessoas, permitem o bom funcionamento da sociedade, e ainda possibilitam respeitar a própria vida e dos demais ao nosso redor. (P40).

Para Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011), valores também possuem finalidade de controle social. E essa função seria desempenhada na escola, no sentido de a escola exercer esse papel de comando social, por meio da educação, na promoção de valores e do bem-estar social com um papel de conscientização à

filosofia do altruísmo e da evitação ao desvio social. As respostas a seguir representam essa ideia:

A educação que traz o respeito, cooperação, tolerância, carinho e muita harmonia. (P3).

O ensino de valores deve ser entendido como uma prática social concreta, complexa e laboriosa, leva a considerar a escola como campo de saber, o que é indispensável para a formação e o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e equilibrada. (P21).

São importantíssimos os valores, pois aí é que faria a diferença na escola, em casa, na sociedade, na igreja [...]. (P50).

Ao analisar a categoria encontrada, em síntese, inferimos que os professores depositam nos valores a garantia da ordem social e sua presença afiança a convivência saudável na sociedade, visto que, para se viver, é necessário ter normas, princípios e regras.

Categoria IID – Concepção negativa (ausência) de valor

A categoria IID, relacionada à concepção negativa de valor, representa 39,21% das respostas dos 51 professores investigados. Engloba respostas como:

Hoje em dia a relevância se dá pela falta deles. [...]. Tenta-se a todo instante seu resgate. (P7).

Muito importantes, mas esquecidos e não praticados pela maioria das pessoas, o que gera muita violência. (P11).

Total relevância. Nossa sociedade só está como está devido à falta de valores [...]. (P14).

Se os valores existissem, nossa sociedade seria muito diferente, pois onde os valores estão presentes não existe nem corrupção [...]. (P18).

Vivemos uma crise de valor e mudança de paradigmas [...]. A fim de promover uma sociedade solidária, ética, com práticas de respeito e solidariedade, imprescindíveis no mundo em que vivemos. (P41).

Nos dias atuais, vivemos uma crise de valores [...]. (P45).

A categoria representa os docentes que consideram os valores como uma concepção negativa, no sentido que a presença de contravalores (valores com cargas afetivas negativas), ou até mesmo a ausência de valores, influenciam de forma prejudicial à sociedade.

Cortella (2014) demarca a emergência de nosso tempo e aponta que há certo desnorreamento social causado pelas rápidas alterações, no dia-a-dia, que causam a extinção de valores que precisam ser resgatados. As respostas dos professores a seguir representam a ideia de ausência de valores na sociedade:

Nossa sociedade está contaminada pela corrupção; ao cobrarmos atitudes respeitadas de nossa comunidade, podemos vir a fazer a diferença. (P1).

Na atual conjuntura, em que a sociedade valoriza o ter e não o ser, os valores ficam confusos e em segundo plano [...]. (P15).

A sociedade precisa resgatar valores com ênfase familiar [...]. (P24).

A sociedade atual está carente de valores. Estes são relevantes para se conviver com outras pessoas, os valores limitam ações e atitudes [...]. (P47).

Vera (1995 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011) relata uma função mais específica dos valores, relacionadas à resolução de conflitos. Os valores funcionam como parâmetros comparativos - como estruturas aprendidas de princípios e regras. O sistema de valores de um indivíduo é ativado em situações de comportamento, mediante a natureza da situação, para decidir, eleger e resolver conflitos.

Optamos destacar a concepção de Vera (1995 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011) pelo fato de os professores investigados depositar nos valores o meio para resolver os conflitos da sociedade. As respostas a seguir comprovam a afirmação:

É de total importância para se viver em sociedade, pois se cada um tiver um valor [...] não teremos uma sociedade concisa, mas conflitante. (P8).

Percebemos que hoje os alunos estão cada vez mais insensíveis em relação ao outro, eles acham que tudo é normal, o desrespeito com o outro toma conta da escola. (P29).

A nossa sociedade precisa de valores para que não haja, ou diminua o bullying, o racismo, o respeito e diversidade de gênero e cultural. (P34).

Os valores são fundamentais, necessários, pois se não há valores, a sociedade vai ao caos [...]. (P44).

Inferimos que os professores investigados consideram que uma sociedade que possua ausência de valores, ou mesmo valores negativos – contravalores –, apresenta indivíduos desajustados, falta de harmonia na convivência social, gerando

um mal-estar na sociedade. Os valores na categoria representam o meio pelo qual os conflitos sociais seriam resolvidos.

4.2 ANÁLISE DOS DADOS ORIGINADOS DAS ENTREVISTAS

O segundo momento de coleta de dados materializou-se com a realização das entrevistas com os sujeitos da pesquisa e constitui-se como período importante na pesquisa para que seja possível captar, nas respostas dos professores investigados, concepções relevantes relacionadas à temática investigada. As entrevistas complementam a compreensão da educação na construção de valores proposta pelo questionário.

Os professores identificaram-se na primeira etapa de coleta de dados, sendo possível nomeá-los nesse período. Para preservar a identidade dos professores que participaram da presente pesquisa, eles serão representados pela letra “P”. Dessa forma, organizam-se em P7, P25, P26, P38, P41e P48. As caracterizações em formato de letra seguidas de número aconteceram na primeira etapa de coleta de dados – questionário. Logo é possível estabelecermos um paralelo entre as respostas escritas no questionário e as respostas por meio do discurso dos entrevistados.

As entrevistas avançaram em relação aos questionários por apresentar questões mais intimamente relacionadas à temática da educação e dos valores. Os tópicos da entrevista baseiam-se nas questões do questionário, mas as superam na medida em que se aproximam mais da realidade do professor. Dessa forma, foi possível captarmos indícios que os questionários não capturaram e até mesmo diferenças apresentadas pelos grupos de professores entrevistados.

As entrevistas possibilitaram-nos uma complementariedade na coleta dos dados e apontaram-nos vestígios, similaridades e até mesmo dicotomias nas concepções dos professores a respeito da temática. Proporcionaram, ainda, a possibilidade de responder aos objetivos propostos pela pesquisa relacionados à concepção dos professores sobre a função que exercem na escola e mais ainda identificar se os professores reconhecem seu papel na educação de valores e se apontam a escola como espaço privilegiado para educar e formar em valores.

Optamos por apresentar cada entrevista dos professores separadas, seguidas das impressões das pesquisadoras para que seja possível percebermos o

que os dados mostram, tanto no momento do questionário como no da entrevista, analisando as semelhanças e as diferenças apontadas pelos professores sobre a educação e os valores.

No item a seguir, apresentamos fragmentos de falas dos docentes entrevistados, que se relacionam aos tópicos da pesquisa, juntamente às análises. Cabe ressaltar que apresentamos apenas as partes principais das respostas dos professores. As falas dos docentes seguem a lógica de fidedignidade, a fim de manter o rigor na transcrição da entrevista, por isso pode haver erros relacionados à Língua Portuguesa.

4.2.1 Professor P7

A entrevista com P7 foi de fácil agendamento. A entrevistada apresentou muito entusiasmo em relação a discursar sobre a temática educação na construção de valores e concordou com a gravação em áudio da entrevista. A professora demonstrou riqueza de detalhes em seu discurso. Finalizou sua entrevista discorrendo sobre os valores: “Não deveria ser papel da escola, valores, mas já que é, façamos o possível”.

No momento do questionário, localizando a professora P7, observamos que a docente, por meio de sua resposta, considera a escola com função de formação para a constituição do indivíduo, com importante função socializadora. O professor, segundo a entrevistada, é considerado como profissional do conhecimento e incentivador dos alunos. Para P7, valores são atributos de qualidades pessoais que cada pessoa possui, considerando, assim, valores como orientação de conduta e comportamento. Ela aponta, também, que faltam valores hoje em dia e que a educação em valores deveria vir de casa.

Delval (2010) descreve a função socializadora que a escola desempenha, apontada por P7, como um espaço privilegiado para a interação dos alunos. Como pesquisadoras, concordamos que a escola tem esse viés, com vista ao desenvolvimento dos indivíduos, mas atentamos que a função da escola não se esgota nisso.

Freire (1996) também esclarece o papel do professor como responsável pela criação de possibilidades para a produção e para a construção do conhecimento, exposta por P7, como encarregado de incentivador e facilitador do conhecimento.

Também, na qualidade de pesquisadoras, consentimos com essa importante função do professor, de que ensinar não é transferir conhecimento, mas é uma postura crítica e inquieta, que favorece a criação do conhecimento.

Com relação à definição de valores, Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) apontam que são representações cognitivas e preferenciais do indivíduo, conforme as demandas sociais. A definição dos autores vai ao encontro da resposta de P7, na consideração de valores como atributos pessoais. Destacamos que valores são sim predicados pessoais, mas envolvem diferentes aspectos sociais, culturais, psíquicos explanados por Araújo e Puig (2007), superando a ideia de valor apenas como uma projeção de algo que o sujeito valoriza.

A seguir, no Quadro 10, apresentamos os fragmentos de falas da professora P7:

Quadro 10 - Fragmentos das falas da professora P7

RELAÇÃO FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA – VALORES	Acho que é função da escola trabalhar com valores, mas não acho que vai ser o que vai fundamentar, é, não há trabalho pedagógico em cima de valores que vá consertar uma criança vinda de um lar de risco [...]. A base de valores, com certeza, o aluno traz da família, a escola pode dar uma “maquiada”, pode tentar ajudar, mas não vai fazer milagre. Alguns sim, alunos trazem valores, isso de casa, a gente percebe que alguns trazem né, infelizmente não são todos nem a maioria, são alguns que trazem essa base.
REAL PAPEL DA ESCOLA	Eu acho assim, a escola tinha que formar o currículo do aluno, que deveria ser o ideal. Que a gente nem precisasse se preocupar com valores, porque todos viriam, com todos os valores “formadinhos de casa”, só que a gente sabe que é minoria. Às vezes a gente tem que pulverizar nosso trabalho, tratando de outros assuntos, que não são pedagógicos, que não são curriculares, pra cuidar de coisas que deveriam vir de casa.
ESCOLA E O PROFESSOR FRENTE ÀS MUDANÇAS DA SOCIEDADE	A escola “tenta”, tenta fornecer um ambiente favorável, para que as necessidades de realização social dos alunos sejam satisfeitas, a gente tenta lutar pra contemplar o maior número de ponto possível, pra essa formação integral do aluno. No entanto, infelizmente, diante das estruturas que a gente possui [...] Está bastante complicado [...]. Alguns professores estão preparados sim, principalmente aqueles que a gente vê que nasceram pra isso. Aquele professor que ama a profissão, que tem dom mesmo, que sinceramente acho que não é meu caso, cá entre nós, mas eu faço o possível. [...]. Está faltando para o professor estrutura organizacional, financeira, psicológica, todos esses sentidos, esse aporte que está faltando [...]. Mas a gente vem com uma ideia e todo ano é diferente. Eu não sei como vai ser no meu ano que vem, eu não sei onde vou lecionar. E cada ano você vai com uma expectativa diferente, escola diferente, é turma diferente.

ESCOLA CONTRIBUIR COM A CIDADANIA - AÇÕES	A escola lutando para ajudar nesses aspectos que a gente conversou, a gente “tenta”, apesar de não ser o papel da escola, no meu ponto de vista, o papel da escola deveria ser curricular. Acabou, só que não tem como você se manter só no currículo hoje em dia, o ser humano não vem com a formação básica de casa, de valores, que você precisa ajudar, [...] não tem como “fechar os olhos pra isso”. A escola tem o projeto pela Paz [...].
--	---

Fonte: A autora (2016).

Ao analisar os dois momentos de coleta de dados (questionário e entrevista), verificamos que a professora P7 apresenta diferenças com relação às suas concepções atreladas tanto ao papel que atribui à escola como também à função do professor. No questionário, a escola é apresentada com função de constituição do indivíduo, e o professor, como profissional responsável pelo conhecimento. Na entrevista, ela aponta a escola com funções curriculares e pedagógicas e professor como sujeito capaz de dotar os alunos com formação integral. É possível verificar dicotomias com relação às concepções da professora, tanto das finalidades da escola como do professor.

A entrevista também nos assinala indícios de que a professora considera a escola como espaço para educar e formar em valores, mas que desenvolve essa função, não por acreditar que seja seu papel, mas pelo fato de a família não desempenhar a responsabilidade pelos valores. Serrano (2002) demarca a ideia de que P7 indica, que a escola deve desempenhar papel na educação de valores, mas a entrevistada não responsabiliza a escola, diferentemente da autora que atribui a formação integral do aluno como compromisso da escola.

O professor, imerso na conjuntura escolar, também realiza seu papel relacionado aos valores, que P7 pondera como “que não são pedagógicos”, porém não como uma postura consciente de quem é sim responsável pela formação integral do aluno, mas como uma atitude passiva de que acredita que apenas é importante educar e formar em valores, não como uma função essencial. Martinez (1992 *apud* SERRANO, 2002) apoia nossa preocupação, em que os professores modifiquem sua postura. Há uma urgência pedagógica frente aos problemas sociais; são necessárias reorientações éticas e morais para que a atuação do professor não se restrinja a acumular saberes – papel do professor é sim provocar mudanças de comportamento e despertar os valores.

Acreditamos na mudança de concepção da professora P7 relacionadas à escola e ao professor. Os professores têm papel essencial na educação em valores, e a escola é espaço privilegiado para que isso aconteça. Apoiadas em Araújo e Puig (2007), defendemos, como pesquisadoras, que não é somente os professores que precisam assumir uma atitude diferente para educar em valores. As escolas também necessitam preocupar-se com uma organização curricular distinta, também com relações diferenciadas ao seu interior e à comunidade, para que possuam propostas educacionais coerentes que contribuam para os valores.

4.2.2 Professor P25

A entrevista com P25 foi de fácil agendamento. O entrevistado apresentou muita sensibilidade em relação a discursar sobre a temática educação na construção de valores e concordou com a gravação em áudio da entrevista. Ele demonstrou conhecimento sobre a temática e descreveu a forma como organiza suas práticas voltadas ao ensino de valores.

O professor finalizou sua entrevista discorrendo sobre os valores:

Quando se fala em escolas, a gente pensa, todas, há escolas e escolas, e a nossa escola, ela procura trabalhar diariamente, não só através de projetos, de convites, de palestrantes, de qualquer coisa, que venha oferecer pra nós aqui e esteja relacionada a valores, imediatamente as portas serão abertas. E não só, como eu disse, essas pessoas vêm até nós, nós vamos atrás delas. Mas realmente cada escola é uma escola. [...] Aqui o trabalho com valores é muito intenso, e em outra escola que trabalho é bem superficial, muito superficial, e faz muita falta para os alunos e também para os professores, porque se você trabalha num local onde predominam esses valores, é melhor de trabalhar. [...] Se não tem, gera insatisfação. (P25).

No momento do questionário, localizando o professor P25, observamos que o docente, por meio de sua resposta, considera a escola com função de formação para a cidadania, além dos conteúdos curriculares. Acreditamos que as instituições educativas têm a função de formar para cidadania, concordamos, assim, com P25. Embasamos nossas considerações em Tedesco (2015), que aponta a função da escola de formar cidadãos, e Imbernón (2011), que defende que os ambientes escolares devem ensinar a complexidade de ser cidadão e as diversas instâncias em que se materializa: democrática, social, solidária, igualitária, intercultural e ambiental.

O professor, por meio de sua concepção, é considerado como transformador, tendo em conta a educação de uma forma ampla e responsável pelo senso crítico dos alunos. Podemos embasar a resposta de P25 em Freire ao destacar o modelo de professor que considera que ensinar demanda criticidade; é muito mais que treinar destrezas. Anuímos a ideia ao apontar que a atuação docente tem responsabilidade na formação dos sujeitos – crítico e transformador.

Para P25, valores são características de comportamento que o indivíduo possui, considerando, assim, valores como orientação de conduta e comportamento. Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011) demarcam a função dos valores apontada pela entrevistada, como função normativa e de ajustamento social. P25 assinala também que valores são imprescindíveis para a sociedade e conduzem ao bem-estar. Vera (1995 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011) aprofunda a representação de valor com função de ajustamento, ao estabelecer que eles preparam o indivíduo a viver em conformidade com as pressões sociais. Consentimos que os valores desempenham múltiplas funções na personalidade dos indivíduos, mas acreditamos que são componentes afetivos construídos pelos sujeitos para que eles se relacionem com o mundo.

A seguir, no Quadro 11, apresentamos os fragmentos de falas do professor P25.

Quadro 11 - Fragmentos das falas do professor P25

RELAÇÃO FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA – VALORES	Olha, a relação social hoje em nossas escolas, ela tem essa função também. Você além de ensinar os conteúdos de praxe, da forma como nossos alunos estão chegando nas escolas, está sendo fundamental nós trabalharmos essa questão. Eu diria que não, é função da escola trabalhar com valores, porém, pelo que a gente está vendo, tem que trabalhar. Com certeza, a família é a responsável por essa situação de ensino de valores, mas, infelizmente, não é o que a gente tem visto por aí. Os alunos não estão trazendo isso de casa, é uma minoria, que vem todo moldado, todo lapidado.
REAL PAPEL DA ESCOLA	Olha, passa o conhecimento, de praxe. Bom, a escola virou “multi”, o professor passou a ter várias funções, de psicólogo, de educador, de professor, várias funções.
ESCOLA E O PROFESSOR FRENTE ÀS MUDANÇAS DA SOCIEDADE	O professor não está preparado para atuar com as novas demandas, a grande maioria de forma alguma. O professor não está dando conta de sua função, e está faltando muita coisa para o professor, está faltando formação, está faltando tempo, está faltando boa vontade, está faltando políticas públicas, está faltando renda, está faltando muita coisa. O professor sai da universidade com o intuito de ensinar, aquele

	conteúdo que está lá no currículo, e quando ele se depara com o que se encontra na sala de aula, ele vê que ele tem que mudar, tem que mudar a forma. Ele vai ter que reservar um tempo, daqueles 45 minutos, para trabalhar valores, isso diariamente, não é uma vez ou outra, é diariamente. Exatamente, cada aluno é um aluno, tem uma história, sua singularidade.
ESCOLA CONTRIBUIR COM A CIDADANIA – AÇÕES	Bom, hoje vemos que é difícil, mas ela deve. Se lá fora não está sendo cumprida, aqui a gente tem que fazer alguma coisa, pra que as coisas mudem. As coisas lá fora mudem. Esse é o nosso trabalho também hoje. Olha, nós trabalhamos, por exemplo, a questão multidisciplinar, diversidade, coisas que nós não deveríamos estar trabalhando. Coisas que os pais já deveriam ter trabalhado na educação, o respeito, ver que todas as pessoas são diferentes, que cada um tem que lutar pelo que quer, seus objetivos, eles não estão vindo assim. Nós gostaríamos que viessem, mas não. [...]. Acontece trabalhar com valores na nossa escola. O que é interessante pelo menos aqui nessa escola, não precisam vir lá de cima leis, a gente já trabalha naturalmente, a gente vê a necessidade, é de acordo com as necessidades dos alunos que a gente vai montando. Todas as escolas, de uma forma superficial ou não, alguma coisa, pelo menos se a equipe pedagógica não cobra, um ou outro professor deve estar trabalhando.

Fonte: A autora (2016).

Ao analisar os dois momentos de coleta de dados (questionário e entrevista), constatamos que o professor P25 apresenta semelhanças com relação as suas concepções relacionadas ao papel que atribui à escola. Com relação à função do professor, P25 até segue o mesmo direcionamento em suas respostas, porém aponta, no final de seu discurso, que os docentes estão desempenhando vários papéis em virtude de como os alunos estão nas escolas.

No questionário, a escola é apresentada com função de formação para a cidadania, além de desempenhar a função de conteúdos curriculares. O professor é concebido como um transformador, na medida em que é peça fundamental na vida do educando; tem função de transformar o aluno em um ser crítico.

Na entrevista, professor P25 aponta a escola com funções curriculares, de “passar conhecimento”, “ensinar conteúdos” e traz também que tem função social. O entrevistado compreende a função social da escola como o trabalho com valores, em vista da família não estar realizando essa função, que, na opinião dele, não cabe à escola.

É possível verificar que P25 apresenta as mesmas concepções com relação às finalidades da escola, aprofundando na entrevista quais funções que a escola passou a desempenhar ou assumiu em função de o aluno não trazer os valores de

casa. Com relação às concepções do entrevistado, relativos ao papel do professor, observamos diferenças nas respostas, pois, no primeiro momento, atribui a função de formação para o cidadão, mas, no segundo momento, afirma que o professor está desempenhando muitas funções na escola, que não está preparado para atuar na escola, e o intuito do professor é ensinar.

A entrevista também nos assinala vestígios de que o professor considera a escola como espaço para educar e formar em valores, mas que a instituição educativa desenvolve essa função pelo fato de os alunos não trazerem isso de casa. O professor, para P25, não está preparado para desempenhar sua função, visto que a formação que possui é para ensino, mas realiza esse trabalho de valores pois considera a escola espaço privilegiado para que isso aconteça.

Observamos que P25 possui uma postura consciente com relação ao papel da escola e do professor para formar e educar em valores, porém não acredita que seja sua função. Atentamos, como pesquisadoras, que isso já é um caminho para que as concepções desse professor sejam modificadas. A escola tem sim função social, como proposta por Tozetto (2010), mas é necessário que o entrevistado compreenda que a função social está intimamente ligada à formação humana, ou seja, aos valores.

Concordamos com P25, na afirmação de que a educação sobrevém de mudanças sociais velozes que os professores nem sempre estão preparados. Apoiamos essa ideia em Cortella (2014) o qual afirma que a educação precisa ser revista, em virtude de a sociedade possuir transformações velozes e novas formas de pensar, agir e conviver. Porém, como atenta o autor, ainda sim, possui responsabilidade na formação dos valores, na medida em que tem de oferecer sólida base científica, formação para a solidariedade social e constituição da cidadania ativa.

4.2.3 Professor P26

A entrevista com P26 foi de fácil agendamento e a entrevistada não ficou à vontade com a gravação em áudio da entrevista, porém concordou. Finalizou sua entrevista discorrendo sobre os valores: “Valores são imprescindíveis, mas é preciso trabalhar mais, em virtude dos problemas envoltos que estão aí, infelizmente a escola precisa aprofundar isso mais”.

No momento do questionário, localizando a professora P26, ressaltamos que a docente, por meio de sua resposta, considera a escola com função de formação para a cidadania, para ocupar um lugar na sociedade. Acreditamos, como pesquisadoras, como afirmamos na apreciação de P25, que as instituições educativas têm a função de formar para cidadania, e, dessa forma, concordamos também com P26. Transpondo esse entendimento da educação, proposto por Imbernón (2011) para a escola, novamente atentamos à necessária educação democrática para formar futuros cidadãos, com aproximação do ensino aos aspectos éticos, coletivos, comunicativos, comportamentais e emocionais.

O professor, por meio da visão da entrevistada, desempenha vários papéis sociais, que supera a função de transmitir conhecimentos. Admitimos, como pesquisadoras, que o cenário educacional mudou e complexificou-se, como afirma Imbernón (2011); e Zirtae e Nonreb (2015) completam que ser professor é diferente de como era no século XX. O que queremos dizer e defendemos é que o contexto histórico de hoje é outro e distintas funções são requeridas do professor. A mera transmissão de conhecimento acadêmico está obsoleta. Em outras palavras, a nova era requer um profissional diferente, com preocupação pedagógica, científica e cultural. Contudo, essas funções devem estar pautadas com finalidades de formar o cidadão.

Para P26, valores são adquiridos em nossa vivência humana considerando assim como orientação de conduta e comportamento. Ele sinaliza também que valores colaboram como uma aptidão para o cidadão utilizar seu lugar social. Valores têm sim função normativa, como proposta por Tavares Filho, Tavares e Tavares (2011). E, como aprofunda Willians (1979 *apud* TAVARES FILHO; TAVARES; TAVARES, 2011), são agrupamentos de normas que guiam não somente as ações, mas também o juízo e as atitudes. Esses valores constituem como princípios aceitáveis para o convívio social. Como pesquisadoras, corroboramos que os valores desempenham esse papel na sociedade, mas demarcamos o cuidado em incumbir os valores com essa função, uma vez que a própria sociedade organizaria princípios e regras, ao invés de os próprios sujeitos refletirem e construírem.

A seguir, no Quadro 12, apresentamos os fragmentos de falas da professora P26:

Quadro 12 - Fragmentos das falas da professora P26

RELAÇÃO FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA – VALORES	Sim, sem dúvida. Seria a integração dos alunos no todo. A escola deve, sempre, é necessário trabalhar com valores, mesmo que não seja função, a escola acaba indo para esse lado. Porque a sociedade está bem, se faz necessário em virtude dos problemas que estão ao redor. A base dos valores deve estar na família, [...] e os alunos, muito poucos, trazem isso de casa, principalmente porque a família está partilhada, está desestruturada [...].
REAL PAPEL DA ESCOLA	A função da escola é a formação, é a parte intelectual, mas ultimamente, atualmente, está sendo atribuída a ela, esse fator de valores. A escola está “pegando” uma responsabilidade que não é só dela, uma parte sim. A família, vou usar um termo pejorativo, está “jogando assim” e a escola que “dê um jeito” e, muitas vezes, a escola não consegue, porque a educação básica vem da família, no meu ver.
ESCOLA E O PROFESSOR FRENTE ÀS MUDANÇAS DA SOCIEDADE	Nem sempre o professor está preparado, nós estamos “pegando” a coisa assim, em virtude, e a própria estrutura não favorece isso. Muitos alunos em sala de aula, isso desfavorece. Como o professor vai perceber ali a situação de cada um, no decorrer você acaba verificando. Muitas vezes você fica de “mãos atadas” que tua função é parte, é o ensinar, o conteúdo, mas, muitas vezes, você foge disso, você tem na escola aquele currículo para cumprir, aquele objetivo. A gente “tenta” não é? Nós fazemos o possível. Falta para o professor apoio. Inclusive, nós temos a inclusão aí, você sabe disso, e o professor não está preparado. Eu não estou preparada, porque eu não tenho formação. [...]. O ambiente favorece o ensino e estamos equiparados com grandes, a tecnologia apoia bastante. O que tem que mudar como eu já disse, é a estrutura, é inadmissível um professor trabalhar com 30, 40, 50 alunos dentro de uma sala. [...]. Não tem qualidade, o que eles querem é quantidade.
ESCOLA CONTRIBUIR COM A CIDADANIA – AÇÕES	Sim, claro, na formação do cidadão. É na escola que o aluno aprende muitos dos valores. Pra sociedade, o social é essencial nessa parte. Sim, a escola colabora bastante nesse sentido, ao meu ver. Projetos são desenvolvidos e acredito que desenvolve muitos valores, projetos na área de educação [...]. A escola é o local mais privilegiado para desenvolver esses projetos, pois como eu te falei, a família está multifacetada, e é infelizmente na escola que o aluno vai aprender certos valores.

Fonte: A autora (2016).

Ao analisar os dois momentos de coleta de dados (questionário e entrevista), verificamos que a professora P26 apresenta diferenças em relação as suas concepções relacionadas ao papel que atribui à escola. Sobre a função do professor, P26 apresenta semelhanças em relação as suas respostas, aprofundando na entrevista as intempéries que considera o professor estar exposto.

No questionário, a escola é apresentada com função de formação para a cidadania, com função de educar e formar cidadãos para ocupar um lugar na sociedade. O professor é concebido como um profissional que desempenha muitos papéis sociais, não só de transmitir conhecimento, mas também de valores. Durante a entrevista, a fala da professora P26 vai de encontro a essa ideia ao apontar que a escola desempenha a função intelectual, formação, mas os valores não são seu papel. Para P26, os valores deveriam vir da família. A escola absorveu essa função que não é sua. A entrevista também nos assinala vestígios de que a professora considera que a escola está desempenhando a responsabilidade pelos valores, mesmo não sendo sua função, e se contraria, em um segundo momento, por considerar a escola como espaço privilegiado para a formação do cidadão, onde se “aprende muitos dos valores”.

O professor, para P26, também realiza seu papel relacionado aos valores, porém observamos nas respostas da entrevista que ela desempenha essa função não por considerar que isso é imprescindível e que a educação tem sim responsabilidade de formação integral, mas por ser delegada uma função pela família e o professor absorvê-la.

Confiamos na mudança de concepção da professora P26, tanto relacionadas à função da escola bem como do professor. Serrano (2002) aponta que a escola deve desempenhar papel na educação de valores. Os professores devem assumir a responsabilidade de formação integral do aluno, não delegando a função a outras instituições, como a família. Imbernón (2011) também atenta a inquestionável mudança de visão das instituições educativas e as funções que o professor deve desempenhar. É necessária uma nova cultura profissional e mudanças de posicionamentos de todos que trabalham na educação, em vista de uma educação mais relacional, dialógica, cultural-contextual e comunitária.

4.2.4 Professor P38

A entrevista com P38 foi de fácil agendamento e o entrevistado concordou com a gravação em áudio da entrevista.

No momento do questionário, locando o professor P38, destacamos que o docente, por meio de sua resposta, considera a escola com função de ensino e aprendizagem, auxiliando e instruindo os indivíduos. Tozetto (2010) define a escola

como essa função, como a instituição capaz da socialização objetiva do conhecimento, pois sua finalidade é de transmitir os conhecimentos, organizar, estruturar e estimular a aprendizagem. Atentamos, na qualidade de pesquisadoras, que a escola é esse espaço privilegiado, mas não é o único. Conforme esclarece Tozetto (2010), até pouco tempo a escola tinha monopólio do saber. Hoje, mediante a infinidade de informações que a sociedade contemporânea traz, há a necessidade de reorganização da escola e do trabalho do professor, pois não se pode mais ficar atrelado simplesmente à reprodução dos conhecimentos produzidos socialmente – a escola tem também função social em vista da superação das desigualdades sociais.

O professor, por meio de seu papel, é considerado como transformador, considerando a educação de uma forma ampla e com função de formador. Freire (1996) esclarece a representação do docente como um sujeito que tem possibilidade de transformar a sociedade, mediante atuação crítica. Corroboramos de forma contundente a essa ideia, uma vez que as práticas progressistas contribuem para a formação de um sujeito autônomo e consciente.

Para P38, valores são adjetivos que proporcionam o bem-estar das pessoas no ambiente, considerando, assim, valores como garantia de bem-estar da sociedade. O professor aponta, ainda, que valores são a base para a formação de bons cidadãos. Novamente, como em P26, concordamos que os valores desempenham papel regulador na sociedade, como Tavares Filho, Tavares e Tavares (2001) demarcam; mas atentamos igualmente o cuidado em encarregar os valores com essa função, uma vez que a sociedade apontaria quais eram os valores aceitáveis e o sujeito apenas o reproduziria, sem realizar sua construção afetiva.

A seguir, no Quadro 13, apresentamos os fragmentos de falas do professor P38.

Quadro 13 - Fragmentos das falas do professor P38

RELAÇÃO FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA – VALORES	Bom, pelo que eu compreendo, acredito que a função social seria todo o papel que a escola vai desempenhar, no meio da sociedade que ali habita. [...]. Acredito que não é função da escola diretamente os valores, indiretamente eu acho que é. [...]. Os valores, aprendem isso em casa, e os alunos trazem isso de casa, e não estão trazendo isso de casa, porque cada vez a gente consegue perceber a falta de interesse dos pais.
REAL PAPEL DA ESCOLA	Auxiliar e instruir todos os indivíduos que atuam ou participam da

Continuação

	escola.
ESCOLA E O PROFESSOR FRENTE ÀS MUDANÇAS DA SOCIEDADE	Acho que não está dando conta da função, mas é relativo, porque depende o que significa valores para cada professor. Às vezes o que eu tenho de valor é diferente do que o outro professor tem. Como que eu vou conseguir dar isso de exemplo para os alunos, se pra mim valor é uma coisa, e pra outro professor é outra. Então os alunos ficam meio sem referência.
ESCOLA CONTRIBUIR COM A CIDADANIA – AÇÕES	Eu acredito que se, ao invés de ter reuniões pra ficar discutindo plano pedagógico e plano de aula etc., faz uma reunião pra todo mundo “falar a mesma língua”, por exemplo, os alunos de minhas turmas, sendo dentro de meu horário de aula ou fora, quando eu vejo, eu peço pra eles recolherem o lixo, mas eu peço só para meus alunos. Eu não posso obrigar os outros alunos a fazer isso. [...] Claro, o professor pode ter ações pontuais com valores [...]. Por isso que, às vezes, eu acho que a maioria das reuniões o tema é inútil, muito repetitivo, falam de planejamento, tem professor que está lecionando há 20 anos e já sabe fazer planejamento, não tem que ficar marcando reunião pra isso. Agora marca uma reunião para passar as normas do colégio [...]. E botar isso em prática, se cada professor falar a “mesma língua”, melhora muito. A questão da indisciplina, a parte social melhora muito. Pelo menos o que eu tenho visto com meus alunos, eu “pego” além da matéria.

Fonte: A autora (2016).

Ao analisar os dois momentos de coleta de dados (questionário e entrevista), averiguamos que o professor P38 apresenta semelhanças com relação as suas concepções relacionadas ao papel que atribui à escola. Sobre a função do professor, P38 apresenta dicotomias em suas respostas, apesar de considerar, no final de seu discurso, docentes como formadores de caráter.

No questionário, a escola é apresentada com função de proporcionar ensino e aprendizagem e para auxiliar e instruir os indivíduos. O professor é concebido como formador de caráter, considerando, assim, o professor como um transformador que compreende a educação de uma forma ampla.

Na entrevista, a professora P38 aponta a escola também com funções de instrução. Já, em relação ao professor, que antes considerava como um papel maior de formação de caráter, nesse momento considera como instrutor – ensino e aprendizagem.

A entrevista também nos assinala vestígios que o professor considera que a escola tem função social, no sentido de a instituição educativa oferecer colocação para os indivíduos na sociedade. A escola, para P38, não tem função diretamente de

trabalhar com valores, mas desempenha esse papel visto que a família não o faz. O professor, para o entrevistado, não está preparado para desempenhar sua função, mas, em contrapartida, desempenha ações pontuais com valores, porque, para ele, os alunos “não estão trazendo isso de casa”. Considera, também, que ações pontuais com valores contribuem com a melhoria da escola.

Acreditamos na mudança de concepção do professor P38 relacionadas à escola e ao professor. Concordamos com o professor ao considerar a escola com função de ensino e aprendizagem, porém cremos, como pesquisadoras, que os professores têm responsabilidade essencial na educação em valores, e a escola é espaço privilegiado para que isso aconteça. Serrano (2002) ampara a ideia de escola como esse ambiente, ao afirmar que a escola não é só espaço onde se ensinam conhecimentos e transmitem conteúdos, mas um lugar onde se aprende a viver com os outros, a respeitar, a ser tolerante e se formar cidadãos.

A postura de P38 é consciente com relação aos valores, pois é possível perceber no discurso do professor a importância de se formar e educar em valores, mas isso deve ser assumido em seu papel como professor. Ações pontuais e intervenções, como apontam Araújo e Puig (2007), possuem resultados questionáveis e agir de forma fragmentada com relação à construção de valores é um equívoco, pois a educação em valores envolve uma série de aspectos. Contudo, há expectativas em relação ao entrevistado, pois já desenvolve procedimentos de educação em valores, mesmo que em momentos esporádicos.

4.2.5 Professor P41

A entrevista com P41 foi de fácil agendamento e a entrevistada estava à vontade para discorrer sobre a temática “educação na construção em valores”. Concordou com a gravação em áudio da entrevista.

No momento do questionário, localizando a professora P41, observamos que a docente, por meio de sua resposta, considera que a escola desempenha outras funções, completando que não há clareza quanto ao seu papel, pelo fato de a escola absorver para si novas demandas da sociedade. Concordamos, como pesquisadoras, amparadas em Cosme (2011), que há dificuldades na definição das funções docentes, advindas da contemporaneidade, como P41 afirma que as escolas estão desempenhando muitas funções. No entanto, atentamos, apoiadas

em Tozetto (2010), que a escola não pode subtrair sua função que é ensinar, para absorver funções que são da sociedade, governo e da família.

O professor, por meio de sua concepção, é considerado como um profissional do conhecimento, capaz de promover a aprendizagem e postura investigativa nos alunos. Embasamos a ideia de P41 em Freire (1996) e concordamos com a representação da entrevistada, uma vez que ser professor supera a transmissão de conhecimento – o docente é um mediador do conhecimento e facilitador da aprendizagem.

Para P41, valores são princípios básicos para a convivência social saudável, compreendendo valores como garantia de bem-estar da sociedade. Aponta, além disso, que vivemos uma crise de valores e mudanças de paradigmas. Mais uma vez, como em P26 e P38, concordamos, como pesquisadoras, que os valores desempenham papel regulador na sociedade, como Tavares Filho, Tavares e Tavares (2001) demarcam. Conciliamos, também, que há um esvaimento, ou até mesmo extinção, de valores na sociedade atual, como Cortella (2014) lembra, mas a educação é o caminho de promover novas formas para nortear a sociedade.

A seguir, no Quadro 14, apresentamos os fragmentos de falas da professora P41:

Quadro 14 - Fragmentos das falas da professora P41

RELAÇÃO FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA – VALORES	Eu acredito que sim, porque eu entendo assim, que a função social se refere ao papel principal da escola, porque que estamos aqui, pra que serve a escola né? E valores, o trabalho com valores, que eu entendo também que foi resgatado de uma época para cá, que acabou se perdendo, é ele tem a ver com o desempenho dos papéis que a gente exerce na escola, então eu acho que não tem como separar a função que a escola exerce, do trabalho com valores que deve ser resgatado e construído no cotidiano da escola. [...]. Eu entendo que é uma das funções da escola trabalhar com valores, é eu entendo assim, que o aluno tem que vir para a escola com esses valores já internalizados, mas infelizmente a realidade que se mostra é outra. E a gente acaba, diante dessa desestruturação da família, que faz com que o aluno conheça poucos valores, ou pratique pouco, ou exercite pouco, a gente acaba delimitando na escola a importância dos valores. Embora eu entenda que a escola tem uma parcela de responsabilidade do ensino de valores [...]. A gente percebe que cada vez menos os alunos trazem isso de casa, mas também a gente não pode generalizar e entender que em momento algum a família não está colaborando, que tem muitos pais que colaboram muito. [...]. A gente percebe, infelizmente, que os pais entregam para escola essa responsabilidade. Aí tendo em vista a função social da escola acaba em segundo plano [...].
---	---

REAL PAPEL DA ESCOLA	Eu acho que o foco é o processo ensinar e aprender. Infelizmente... e a “agente”, toda a oportunidade que “a tem” de encontro com o professor, reunião, de semana pedagógica a gente fala disso. A escola perdeu a função, a gente sabe qual é a função, mas a gente tem a consciência que a gente se perdeu no meio do caminho. E a gente começou a se perder a partir do momento que a família se desestruturou [...].
ESCOLA E O PROFESSOR FRENTE ÀS MUDANÇAS DA SOCIEDADE	Não, eu acho que nenhum de nós da escola está preparado. Eu acho que a gente teve que estar tendo que reconstruir assim, sabe, não é o correto, mas a gente tá tendo que, acho que a palavra é essa, reconstruir nossos saberes mesmo, eu acho que a gente vem com saberes e esses saberes vão se aprofundando, só que a gente tem a ideia de que a gente tá falando pouco, está discutindo pouco essa questão na escola. Porque a gente está perdendo muito tempo com essas outras situações. Integralmente o professor não está dando conta de sua função [...]. Motivar está muito difícil. Eu acho que o professor tem que rever a prática, no sentido de a minha aula que eu dava ano passado, já não cabe mais [...]. O professor foi formado para cumprir a função social [...], pra dar conta do processo de ensinar, para que o aluno possa aprender. Só que também tem uma distância, uma lacuna muito grande entre a formação inicial da faculdade e o dia a dia da escola. Eu acho que talvez a gente entra em crise por conta disso, que o que a gente percebe que o aprendeu lá a gente não consegue dar conta na prática.
ESCOLA CONTRIBUIR COM A CIDADANIA – AÇÕES	Muito, na verdade eu acho que a gente faz muita ação pontual, eu acho que a gente tinha que partir para situações permanentes assim, a gente faz muita ação pontual [...]. Às vezes a gente tem que fazer projeto, mas eu tenho medo de projeto, porque projeto tem começo, meio e fim, então a gente tenta incluir isso no currículo mesmo, e trabalhar ao longo do cotidiano, das situações didáticas, difícil é, mas alguns professores até conseguem ter um outro olhar. Não é fácil, que o professor não está dando conta de ensinar. [...] Eu acho que a escola não pode “fechar os olhos para isso”, porque a nossa clientela, eu acho que a clientela de todas as escolas, nosso alunado mesmo, dá a impressão que ele espera da escola, essa tomada de atitude, no sentido mostrar para ele que está faltando respeito, [...] falta eles protagonistas [...].

Fonte: A autora (2016).

Ao analisar os dois momentos de coleta de dados (questionário e entrevista), observamos que a professora P41 apresenta semelhanças com relação as suas concepções relacionadas ao papel que atribui à escola – há na entrevista o aprofundamento da temática com os valores. Sobre a função do professor, P41 apresenta também similaridades em suas respostas, seguindo a mesma lógica de compreensão tanto na entrevista como no questionário.

No questionário a escola é apresentada com função de proporcionar aos alunos o acesso ao conteúdo escolar e ao conhecimento sistematizado. Contudo,

esse papel está secundarizado, como aponta P41 devido à escola tomar para si novas demandas, não havendo clareza em qual função a escola deve desempenhar. O professor é concebido como promotor de aprendizagem – profissional do conhecimento.

Na entrevista, a professora P41 aponta a escola também com função de ensino e aprendizagem, e, novamente, traz a concepção de que “a escola perdeu sua função”. Em relação ao professor, igualmente segue a mesma lógica na sua resposta do questionário, considerando o professor como responsável em ensinar. Complementa, ainda, que os professores não estão preparados para as novas mudanças da sociedade e o professor necessita reconstruir seus saberes docentes. Apoiamos essa representação em Imbernón (2011), quando P41 descreve que o magistério se tornou complexo e diversificado. A profissão exerce outras funções sociais, que os saberes não se restringem mais a transmissão do conhecimento acadêmico ou transformação do conhecimento comum do aluno em conhecimento acadêmico; mas que, para que a profissão desempenhe outras funções com relações sociais e se concretize, é requerida uma formação inicial e permanente.

A entrevista, além disso, assinala-nos sinais de que, para P41, a escola tem uma função social, que considera um dos principais papéis da escola – o trabalho com valores. A entrevistada reconhece que a escola tem uma “parcela de responsabilidade no ensino de valores” e que isso deve ser resgatado e construído na escola. No entanto, em alguns momentos, a escola desempenha a função sozinha de educar e formar em valores em virtude da desestruturação familiar. Atenta que a escola faz muitas ações pontuais com valores, como projetos, que tem validade já pré-determinada e isso traz poucos resultados.

Depositamos nossas expectativas nessa professora entrevistada, pois é possível notar uma postura consciente com relação aos valores em suas concepções. Notamos que há uma preocupação de P41 pelo fato de os valores ocuparem um lugar muito singelo nas escolas e que, mesmo que as responsabilidades sejam partilhadas pela escola e pela família, a entrevistada não exime o papel do professor na educação em valores. A educação em valores, segundo Serrano (2002), é uma tarefa complexa, cheia de riscos e incertezas, necessita de uma formação adequada, mas a conscientização dessa ideia por parte dos professores já é caminho para a mudança e melhoria da sociedade.

Acreditamos, como pesquisadoras, como P41, apoiadas em Araújo e Puig (2007), que ações esporádicas e isoladas não compreendem a educação em valores. Educação em valores refere-se a ações articuladas com a comunidade, que visem modelos educativos amparados em valores a fim de criar um ambiente ético na escola.

4.2.6 Professor P48

A entrevista com P48 foi de fácil agendamento e a entrevistada foi minuciosa na descrição da temática “educação na construção em valores”. Concordou com a gravação em áudio da entrevista.

No momento do questionário, localizando a professora P48, observamos que a docente, por meio de suas respostas, considera que a escola desempenha outras funções que não são suas, absorvendo inclusive papel dos pais. Aderimos, como pesquisadoras, como em P41, que as escolas estão desempenhando muitas funções que não são suas; a escola tem função primária de ensinar. Cambi (1999) explica que essa concepção de que a escola assumiria as transformações da família e de outros grupos sociais é herança do início da contemporaneidade, em que a função delegada às instituições educativas era de proporcionar a ideia do “homem-cidadão”.

O professor, segundo a professora, é considerado como profissional do conhecimento, intermediando o conhecimento. Assentimos, como em P7 e P41, que o professor tem papel de incentivador e facilitar do conhecimento, embasadas em Freire (1996).

Para P48, valores são um conjunto de atitudes que norteiam a vida do cidadão, ponderando, assim, valores como orientação de conduta e comportamento. A professora aponta, também, que a sociedade precisa repensar os valores. Novamente, como em P26 e P38, e agora em P48, admitimos, como pesquisadoras, que os valores desempenham papel mediador na sociedade, como Tavares Filho, Tavares e Tavares (2001) definem. Corroboramos, também, que há um esgotamento, ou até mesmo extinção de valores, na sociedade atual, como Cortella (2014) defende, mas a educação em valores pode produzir a oportunidade de compreensão dos problemas sociais e desempenhar uma tarefa humanizadora.

A seguir, no Quadro 15, apresentamos os fragmentos de falas da professora P48:

Quadro 15 - Fragmentos das falas da professora P48

RELAÇÃO FUNÇÃO SOCIAL DA ESCOLA – VALORES	Ter função social tem, penso que uma coisa bem forte da escola é a função social, que seria levar o conhecimento elaborado para os alunos. Tem valor sim, aliás, a escola precisa trabalhar valores o tempo todo [...]. Porque os valores que estão vindo da casa, não posso dizer que sejam, estão...baixos. Na verdade, é isso, são muito baixos, não é! Ou então, não estão sendo entendidos pelos filhos, se os pais estão passando valores para eles, eles não tão entendendo. Não podemos responsabilizar a escola pelo ensino de valores, a função é do pai e da mãe. A escola está fazendo aquilo que não é papel dela, de maneira tão acentuada, ela teria que ajudar os pais no ensino dos valores. [...]. Nesse vai e vem, a escola deixa o papel dela de intermediar o conhecimento [...].
REAL PAPEL DA ESCOLA	A escola existe, eu penso, para ajudar o aluno a caminhar, se formar para o futuro. Então, por isso que a gente fala em intermediar o conhecimento elaborado. [...]. O aluno tem o conhecimento dele, ninguém pode negar isso, a gente não deve, né. Você deve simplesmente pegar o conhecimento dele, e vai ajudando e como uma pedra ir afunilando, vai aparando as arestas devagarinho e vai melhorando, melhorando, descobrindo e abrindo janelas para ele, ajudando ele abrir janelas, não abrindo para ele, mas dizendo ali tem uma janela e você pode abrir. [...]. O conhecimento é um desafio. E qualquer um [...] pode conquistar esse conhecimento. Só que a pessoa tem que estar interessada né, tem que ter um lugar adequado, ter que ter tempo, tem que ter essa consciência e disposição, a consciência que ela tem que voltar para casa e estudar em casa, que a escola não faz milagre em 4 horas [...] dá impressão que tudo o que o professor faz em sala, o aluno perde lá fora, fica desarrumado. [...]. A escola infelizmente faz o que pode, mas não o que devia.
ESCOLA E O PROFESSOR FRENTE ÀS MUDANÇAS DA SOCIEDADE	Os novos que estão chegando, a gente vê que não. Porque primeiro é uma coisa lógica. Falta prática, porque você não estando na prática, a teoria é muito bonita, sempre é mais bonita a teoria, bonita e às vezes complicada [...]. Claro, o professor precisa de muito estudo. [...]. Quando os estagiários chegam e dão de cara com aquela realidade tão pesada, até desistem. [...]. Eu acho difícil o professor dar conta da função, eu sempre disse isso para mim, eu acho muito difícil, porque veja bem eu cansava de falar isso para os professores e para os alunos. [...] veja como é difícil, como que vai dizer que todo professor está preparado. [...]. O professor precisa estudar muito, muito, ele precisa ser dono da disciplina dele, ele tem que possuir o conhecimento científico, o conhecimento da disciplina. Isso é obrigação do professor. [...]. Falta estudar o professor e não é por falta de oferta. [...]. Eu acho que o professor foi formado para usar esse conhecimento que ele tem, em prol do aluno, como um mediador do conhecimento, não que ele é o dono do conhecimento, não é. [...]. Eu penso assim, que o professor é um mediador do conhecimento, [...] e ele passa aquilo [...]. O professor teria de ter um conhecimento bem forte, ter menos alunos, menos aulas, salário mais consistente, mais forte, que ele possa sobreviver mesmo [...]. O professor da

Continuação

	universidade é o ideal, ele tem que estudar muito, ler muito, ele é obrigado a estudar, mas ele tem tempo para isso. [...]. Você tem que ser um professor pesquisador. [...]. O professor não pode parar de estudar.
ESCOLA CONTRIBUIR COM A CIDADANIA – AÇÕES	Tem, quando você pensa um cidadão sem valores, que cidadão ele é? Ele não tem nem consciência dos direitos e deveres, às vezes o dever ele até conhece, mas os direitos. [...]. Uma pessoa que tem valores, foi cultivado valores dentro delas, ela tem consciência do que é mais correto, do que é menos correto e ela atua, ela vai saber conversar com as pessoas, vai saber reivindicar direitos da forma correta. [...]. Ir à câmara municipal é um exercício de cidadania, claro que é, isso é uma ação da escola comprometida com a cidadania. [...]. Isso não está acontecendo na escola, uma hora falta condução para levar o aluno. [...]. Os alunos não conseguem fazer o conhecimento andar por todos os lugares. Vão em alguns lugares pontuados, e o resto eles não conseguem ver. [...]. Escola tem que ser um lugar sagrado, igual você vai na igreja. [...]. Você tem amar sua escola. [...]. Eles gostam do espaço físico da escola, mas não gostam da sala de aula. [...]. Uns sim e outros não!

Fonte: A autora (2016).

Ao avaliar os dois momentos de coleta de dados (questionário e entrevista), observamos que a professora P48 apresenta semelhanças com relação as suas concepções relacionadas ao papel que atribui à escola. Ela acentua suas considerações na entrevista, descrevendo as funções que a escola passou a desempenhar, denominada como “outros papéis”, mas ainda dando ênfase na função de promoção de conhecimento elaborado. Sobre a função do professor, P48 apresenta também paridades em suas respostas, considerando como papel de profissional do conhecimento.

Na entrevista, a professora P48 assinala a escola que desempenha outras funções, que superam a intermediação do conhecimento. Aponta inclusive a função social da escola, mas não aprofunda a questão. Sinaliza indícios que a escola está desempenhando o papel de valores que a família deveria desempenhar. Não considera que seja papel da escola e ainda completa que é de maneira “tão acentuada, ela teria que ajudar os pais nos valores”.

Em relação ao professor, novamente segue a mesma coerência na sua resposta do questionário, ponderando o professor como responsável em promover o conhecimento - mediador. Conclui que os professores não estão preparados para as novas mudanças da sociedade e relata que a escola pode ter ações que contribuam com os valores e a cidadania. Talvez, como assinala Serrano (2002), a educação fracassou, porque os professores esqueceram de seu compromisso com as ações e

também pelo fato das emergências do dia-a-dia. Mas, ao mesmo tempo, apresenta e desvenda a educação em valores como via de igualdade, respeito, compreensão, tolerância, responsabilidade e liberdade, como uma espécie de sensibilidade diante dos novos tempos. Acreditamos que a educação em valores pode promover mudanças na sociedade, uma vez que proporciona novas formas de pensar, aliadas à criticidade dos alunos, tanto havendo melhora na qualidade de vida individual como coletiva.

Ao analisar a professora entrevistada, é possível observar que P48 tem consciência da importância dos valores para a formação integral do aluno, mas ela realiza esse papel não por considerar que a escola é um espaço privilegiado para que isso aconteça, nem como uma postura de que tem discernimento que é sua responsabilidade de professora, mas para formar cidadão com valores, visto que a sociedade não o está fazendo.

Nós, pesquisadoras, consideramos que as concepções relativas à escola e ao professor P48 podem ser modificadas, até mesmo pelo fato da entrevistada já considerar valores como importantes para formar um cidadão. Por isso, apoiadas em Cortella (2014), defendemos uma formação docente baseada em formação de valores, embasada em uma formação científica que auxilie a entender e compreender o mundo. A formação docente deve considerar a relevância social e histórica. Assim, a educação não será só erudição para usos imediatistas e laborais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa, assumimos o propósito de desvelar a concepção de alguns professores a respeito da educação na construção de valores. A temática, ainda que abrangente, permitiu-nos assinalar vestígios que pudessem apontar se os professores reconheciam seu papel frente aos valores e se apontavam a escola como espaço privilegiado para que isso acontecesse. Os dados foram coletados tendo como depoentes um grupo de professores, por acreditarmos que eles são os principais responsáveis pela materialização da educação. Os professores pertenciam a seis escolas que concordaram em participar do estudo vinculadas ao NRE de Ponta Grossa – PR. Não fixamos uma quantidade de referência para uma amostragem exata dos docentes previamente, pois nossa preocupação não era atribuir julgamento avaliativo a eles, nem às escolas; nossa intenção foi ouvir aos professores para que pudssemos compreender como concebiam a educação em valores.

As opções metodológicas foram selecionadas também para elucidar a temática proposta. A escolha da pesquisa qualitativa justifica-se na medida em que nos fornece a compreensão do problema da investigação e nós, na qualidade de pesquisadoras, pudemos coletar os dados nas escolas e elaborar os métodos, questionário e entrevista, os quais favoreceram a reunião de respostas e sua posterior interpretação. Amparamos esse momento em Pádúa (2004), Denzin e Lincoln (2006), Gamboa (2013) e Creswell (2014).

Para a construção da temática da educação de valores, apoiamos nossa ideia também em Cortella (2014). Para o autor, é preciso rever, olhar de outro jeito a educação e alterar o modo de como fazemos e pensamos as coisas e também como refletimos sobre as práticas educacionais. Os alunos de hoje não são os mesmos; assim, os aspectos da educação apontam a importância de olhar a realidade, porque a educação lida com o futuro. Partindo disso, acreditamos que a educação em valores orienta os professores, no sentido de nortear para o desenvolvimento do cidadão, oferecendo qualidades essenciais que favorecem outra disposição de pensar e fazer nos diversos temas ligados à educação (CORTELLA, 2014). Assim, defendemos em nosso trabalho que a educação em valores poderia proporcionar uma educação mais humanizadora, que poderia minimizar as dicotomias sociais que

vivemos e oferecer novas formas de pensar a educação, pois os métodos advindos ainda do século XIX trazem pouco impacto para as pessoas que vivem em um contexto de transformações velozes do século XXI.

Preferimos, na investigação, primeiramente questionar os sujeitos investigados em relação às suas concepções sobre a escola, sobre o professor e sobre os valores, para que pudéssemos perceber se as respostas nos apontariam a educação na construção de valores ou alguma relação de responsabilidade de cada um desses segmentos. Para isso, amparamos o tratamento dos dados na metodologia de Bardin (2011) por ela melhor subsidiar a organização dos dados no momento de pré-análise, favorecer a codificação, a decomposição e a enumeração, e permitir-nos inferências e interpretações.

No primeiro momento de coleta de dados, capturamos alguns indícios que apontavam que os professores atribuíam à escola a responsabilidade tanto para formação para a cidadania, como para a constituição do indivíduo, expressas na categoria “IA” e “IIA”. Para nós, isso já foi um começo, pois os professores investigados já consideravam que a transmissão de conhecimento por parte da escola não era suficiente para o dinamismo social que vivíamos. Elegemos, nesse momento, autores que corroborassem com essa ideia, como Cambi (1999), o qual atenta o papel político da educação; Imbernón (2011), que destaca a necessidade de superação da escola centralista, selecionadora e transmissora; e Fernandes (2014), o qual discorre que o caminho para formar cidadãos em prol de uma sociedade mais justa é a educação na construção em valores.

Preocupamo-nos, na qualidade de pesquisadoras e professoras, nessa ocasião, com a segunda categoria de maior evocação relacionada ao papel da escola. Muitos professores atribuíam que ela desempenha funções inclusive de valores que não eram suas. Essa categoria, na medida em que analisamos as respostas advindas do questionário relativas ao papel do professor, já nos apontava vestígios que encontraríamos mais tarde nas entrevistas, desresponsabilizando a escola como espaço privilegiado para que isso acontecesse. Serrano (2002), em seus estudos, embasa nosso juízo, pois defende que a escola não pode retrair-se, delegando a função a outras instituições, como família, igreja, etc.

Grande parte dos sujeitos investigados atribuíram ao professor o papel de profissional do conhecimento, representado pela categoria “IIB”, que considerava o professor como responsável pelo conhecimento. A minoria conferia ao professor a

responsabilidade pela educação em uma forma ampla, expressa na categoria “IB” e professor que desempenhava outros papéis, que não pedagógicos, a categoria “IIIB”. Isso nos apontou que os professores pouco reconheciam a sua função frente aos valores, por delimitar seu papel essencialmente ao conhecimento, seja como mediador ou transmissor.

Não nos satisfizemos, como pesquisadoras, apenas com os apontamentos que nos sugeriam os questionários. Eles nos davam possibilidades de responder os objetivos que nos propusemos, mas não em sua integralidade. Conseguimos, no primeiro momento de coleta de dados, responder qual concepção que os professores possuíam sobre a função que exerciam na escola, mas as contradições dos sujeitos ficaram mais claras quando questionados sobre seu papel de professores frente aos valores e a responsabilidade da escola como espaço privilegiado para os valores.

Assim, optamos por realizar as entrevistas por crer que transpareceriam mais essas contradições relacionadas ao papel da escola e ao do professor frente aos valores - até mesmo pelo fato de podermos comparar os dois momentos de coleta de dados (as respostas), observando similaridades ou desregularidades. No momento da análise, estabelecemos parâmetros embasados em nossos objetivos da pesquisa, para que percebêssemos as frequências no momento de conclusão de nossa investigação. Observamos nos seis professores investigados se eles se reconheciam frente à educação em valores, como uma atitude consciente ou passiva. Também consideramos se o professor apontava a escola como espaço privilegiado para a materialização dos valores e se a escola desenvolvia essa função como uma responsabilidade em vista de uma formação integral.

Assim, mediante os dois momentos de coleta de dados, pudemos clarificar as questões que nos propusemos para desvelar a temática da educação na construção de valores do início de nossa pesquisa. Grande parte dos professores investigados consideram que a escola pode até ser um espaço para educar em valores, mas que a instituição educativa está desempenhando essa função pelo fato da família não estar realizando seu papel, que, nas concepções dos professores, não é da escola. Não há grande destaque para a escola como espaço privilegiado para que isso se materialize. Notamos, também, que apenas um professor responsabiliza-se pela educação em valores, como uma atitude consciente, de que é

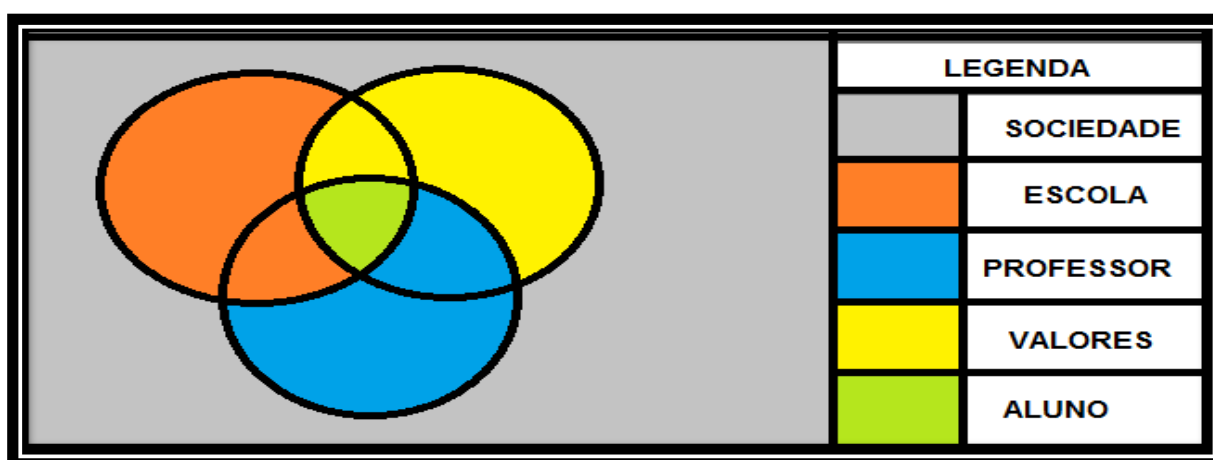
sim seu encargo. A maioria até desenvolve a função frente aos valores, mas como uma atitude passiva, no qual lhe foi delegada uma demanda que não é sua.

Compreendemos que os novos tempos trouxeram o que Cortella (2014) aponta como um certo “desnorreamento da sociedade”. As mudanças vieram com o esvaziamento ou até mesmo a extinção dos valores que regiam a história. Contudo, se quisermos mudar a realidade, devemos acreditar que a educação possa facilitar a formação de indivíduos que tenham criticidade e consciência de si mesmos; o futuro é gestado hoje, dessa forma, a educação em valores pode construir indivíduos com atitudes que propiciem mais a cultura e a socialização democrática.

Serrano (2002) também responsabiliza a escola e o professor frente aos valores. A escola não pode delegar sua função a outras instituições, nem se eximir da formação integral do aluno. A educação implica na formação integradora de valores, conhecimentos e destrezas em vista da paz, da promoção dos direitos humanos e da democracia e do desenvolvimento.

Percebemos, com a realização da investigação, que a educação na construção de valores não se materializa apenas em uma instância. É necessário um coletivo forte e organizado, tanto por parte da escola em suas finalidades e responsabilidades, como também parte do professor, que necessita adquirir consciência de seu papel para a constituição do indivíduo. Dessa forma, organizamos as três esferas que consideramos necessárias para que a educação na construção de valores se materialize.

Figura 1 - Concretização da educação na construção de valores



Fonte: A autora (2016).

A figura 1 expressa os conjuntos responsáveis para que a educação na construção de valores se materialize. Os conjuntos fazem parte de um universo maior, a sociedade, que é espaço e também influencia a escola, o professor e os valores. A família também se insere no quadrante externo por apresentar responsabilidade e interferência com relação aos valores.

Desenvolvemos essa figura por acreditar que cada esfera tem uma parcela de responsabilidade com relação à educação na construção de valores. Acreditamos que a educação na construção de valores vai se materializar quando a escola refletir seus fins, considerando a formação integral como uma de suas finalidades, o professor rever sua postura e suas práticas, admitindo para si que a sua função favorece a constituição do indivíduo e a definição dos valores, aqui repensadas pelo contexto maior, a sociedade, não como inatos ou simples internalizações, mas como construções afetivas dos indivíduos durante toda a vida.

Justificamos que os valores foram colocados como uma esfera, e não na intersecção, como era mais óbvio, por acreditarmos que nem sempre os valores são construídos nas relações do professor e da escola. Os alunos foram colocados no centro da intersecção das esferas, pois consideramos que será com os alunos que a relação escola – professor – valores vai se materializar, acontecendo a educação na construção de valores.

Ressaltamos com a investigação que as considerações expostas pelas pesquisadoras estão longe de esgotar a temática da educação na construção de valores. Também atentamos que, ao mesmo tempo que buscamos responder os objetivos da pesquisa, muitos questionamentos permearam nossa investigação. O principal deles solidariza-se com as respostas ofertadas pelos professores.

É possível que os professores possuam essa concepção de não responsabilização pelos valores advinda da própria forma como eles eram quando alunos, tanto no período escolar como no momento de formação inicial. Os resquícios da formação técnica que recebemos ainda se fazem presentes. Os métodos educacionais são produtos do século XIX, os professores sobrevivem do século XX, na questão de formação, e os alunos, grande parte, do século XXI. Isso nos mostra que as concepções dos professores não são inteiramente geradas pelo próprio indivíduo, mas são resultantes inclusive do meio social em que vivemos. Seria ingênuo da parte de qualquer indivíduo culpabilizar apenas os professores

pelo fato de a educação na construção de valores ocupar lugar tão singelo ainda nas discussões da educação.

Porventura, Imbernón (2011) aponta o caminho para que as dicotomias presentes na educação e nos valores sejam em parte superadas. O autor defende uma redefinição coletiva da profissão, suas funções e de sua formação. Será que se houvesse a redefinição da docência, a educação seria dessemelhante? Isso diminuiria as dicotomias sociais? O caminho é um só: é preciso rever a educação.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- ARANTES, V. A. Apresentação. In: ARAÚJO, U. F.; PUIG, J. M. **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007. p. 9-13.
- ARAÚJO, U. F.; PUIG, J. M. **Educação e valores: pontos e contrapontos**. São Paulo: Summus, 2007.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.
- CLOCK, L. M. **Formação de professores e qualidade escolar**. 2012. 44 f. Trabalho de Conclusão de Graduação (Graduação em Licenciatura em Pedagogia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2012.
- CORTELLA, M. S. **Educação, escola e docência: novos tempos, novas atitudes**. São Paulo: Cortez, 2014.
- COSME, A. Ser professor numa escola e tempo de incertezas. In: ENS, R. T.; BEHRENS, M. A. **Ser professor: formação e desafios na docência**. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 27-53.
- CRESWELL, J. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.
- DELVAL, J. **A escola possível: democracia, participação e autonomia**. Campinas: Mercado das Letras, 2010.
- DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: _____; _____. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.
- DOURADO, L. F.; OLIVEIRA, J. F. A qualidade da educação: perspectivas e desafios. **Cadernos Cedes**, Campinas, v. 29, n. 78, p. 201-215, maio/ago. 2009.
- ENS, R. T.; BEHRENS, M. A. A formação do professor e os desafios na docência. In: _____; _____. **Ser professor: formação e desafios na docência**. Curitiba: Champagnat, 2011. p. 9-24.
- FERNANDES, V. da S. Q. A formação em valores na educação infantil. In: CONCEIÇÃO, S. C. (Org.). **Educação em valores: a escola como espaço de formação para a cidadania**. Curitiba: CRV, 2014. p. 101-121.
- FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio: o dicionário da Língua Portuguesa**. Curitiba: Positivo, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, M. Qualidade na educação: uma nova abordagem. In: CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA – QUALIDADE NA APRENDIZAGEM, COEB, 2013, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2013. p. 1-18.

GALLO, S. **Ética e cidadania**: caminhos da filosofia. Campinas: Papirus, 2012.

GAMBOA, S. S. Tendências epistemológicas: dos tecnicismos e outros “ismos” aos paradigmas científicos. In: FILHO, J. C. dos S.; GAMBOA, S. S. **Pesquisa educacional**: quantidade-qualidade. São Paulo: Cortez, 2013. p. 59-81.

IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2011.

JAPIASSU, H.; MARCONDES, D. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LUCAS, L. B. **Axiologia relacional pedagógica e a formação inicial de professores de Biologia**. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2014.

MENDES, T. C. **Profissional docente**: o ser e o manter-se na docência. 2015. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2015.

PÁDUA, E. M. M. de. **Metodologia da pesquisa**: abordagem teórico-prática. 12. ed. Campinas: Papirus, 2004.

SERRANO, G. P. **Educação em valores**: como educar para a democracia. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TAVARES FILHO, T. E.; TAVARES, B. M.; TAVARES, A. M. de C. **A educação na concepção dos valores**. Curitiba: CRV, 2011.

TEDESCO, J. C. Escola e sociedade no século XXII. In: _____. **Pensando no futuro da educação**: uma nova escola para o século XXII Porto Alegre: Penso, 2015. p. 25-37.

TOZETTO, S. S. **Trabalho Docente**: saberes e práticas. Curitiba: CRV, 2010.

TOZETTO, S. S.; LAROCCA, P. **Desafio da formação de professores**: saberes, políticas e trabalho docente. Curitiba: CRV, 2014.

ZIRTAE, A.; NONREB, O. Os professores daqui a cem anos. Brincando com o tempo. In: JARAUTA, B.; IMBERNÓN, F. (Orgs.). **Pensando no futuro da educação**: uma nova escola para o século XXII Porto Alegre: Penso, 2015. p. 51-62.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – MESTRADO E DOUTORADO****CARTA PARA OBTENÇÃO DO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PESQUISAS QUE ENVOLVAM: ADULTOS, QUESTIONÁRIO E AVALIAÇÃO**

Caro(a) professor(a),

Eu, Lizie Mendes Clock, mestranda da Universidade Estadual de Ponta Grossa, portadora do CPF: 066.141.139-76, RG 8059407-0, residente na Rua Bernardo Vasconcellos, 371 – Jardim Carvalho, CEP 84015-670, na cidade de Ponta Grossa (PR), cujo telefone de contato é (42) 9914-5858, estou desenvolvendo um estudo de pesquisa intitulado “Educação na construção de valores: afinal, os professores estão preparados para isso?”. Nesse trabalho de investigação, tenho o auxílio da orientadora Ana Lúcia Pereira Baccon, professora do Programa de Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Você será solicitado a responder a um questionário e uma entrevista. Ambos são de respostas simples. Seu nome e sua identidade serão mantidos em sigilo. Os dados serão utilizados na pesquisa, para compreender como os professores concebem sua própria profissão.

Só participarão da entrevista aqueles que se disponibilizarem ao final do preenchimento do questionário e serão agendadas previamente conforme a suas possibilidades de datas e horários.

Riscos e benefícios: Os riscos são de que muitos não gostam de expor suas opiniões e responder a entrevistas. Este seria o único risco associado a essa pesquisa. Quanto aos benefícios, você estará ajudando a entender mais sobre o ser professor.

Entenda que sua participação é voluntária e que você tem o direito de não aceitar e se recusar a participar a qualquer momento, sem nenhuma punição. Sua privacidade será preservada em todas as informações publicadas e escritas.

A pesquisa tem por objetivo geral: Compreender as concepções de professores que estão atuando nas escolas estaduais do Paraná, relacionadas à escola como local privilegiado para a construção de valores. Ainda, como específicos: compreender que escola o contexto contemporâneo produziu; identificar se os valores provocaram mudanças na sociedade contemporânea; entender qual o papel da escola na construção de valores e buscar as contribuições da Filosofia e da Educação, relacionado aos valores.

Não haverá identificação dos participantes e, caso queiram assinar seu nome, não será divulgado.

Como abordagem ética desse estudo, asseguro-lhe que:

- não sofrerá quaisquer constrangimentos e não interferirá nas suas atividades;
- nos escritos os professores não serão identificados ou chamados pelo nome;
- o(a) senhor(a) não será avaliado ou testado;
- o(a) senhor(a) poderá desistir a qualquer momento da pesquisa.

Informo que o(a) Sr.(a) tem garantia de acesso, em qualquer etapa do estudo, sobre qualquer esclarecimento de eventuais dúvidas. Caso tenha alguma consideração ou dúvida sobre a ética na pesquisa, entre em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa (COEP) na Av. Carlos Cavalcanti, 4.748 – Bloco M – Sala 100 – Campus Universitário – CEP: 84030-900 – Ponta Grossa – PR, e pelo telefone (42) 3220-3108, fax (42) 3220-3102, horário de atendimento de segunda a sexta das 8 h às 12 h.

Garanto que as informações prestadas serão analisadas, não sendo divulgada a identificação de nenhum dos participantes. O(a) Sr.(a) tem o direito de ser mantido atualizado sobre os resultados parciais das pesquisas e, caso seja solicitado, darei todas as informações que solicitar.

Não existirão despesas ou compensações pessoais para o participante em qualquer fase do estudo, não havendo também compensação financeira relacionada à participação.

Eu me comprometo a utilizar os dados coletados somente para pesquisa e os resultados poderão ser veiculados através de artigos científicos em revistas especializadas e/ou encontros científicos e congressos, sem nunca tornar possível sua identificação.

Abaixo está o consentimento livre e esclarecido para ser assinado caso não tenha ficado qualquer dúvida. Agradeço sua atenção. Se quiser conversar sobre a pesquisa, entre em contato pelo seguinte número: (42) 9914-5858.

Atenciosamente, Lizie Mendes Clock

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito das informações que li ou que foram lidas para mim, descrevendo o estudo: “Educação na construção de valores: afinal, os professores estão preparados para isso?”.

Eu discuti com a mestrandia Lizie Mendes Clock sobre a minha decisão em participar desse estudo, ficando claros para mim quais são os desígnios da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, seus desconfortos e riscos, as garantias de confidencialidade e de esclarecimentos permanentes.

Ficou claro, também, que minha participação é isenta de despesas e que tenho garantia do acesso aos resultados e direito de esclarecer minhas dúvidas a qualquer momento. Entendo que minha identidade permanecerá confidencial e que posso sair do estudo a qualquer momento, antes ou durante o mesmo, sem penalidade, prejuízo ou perda de qualquer benefício que eu possa ter adquirido.

O termo de consentimento livre e esclarecido será feito em duas vias, sendo uma de posse do entrevistado (a) e outra do pesquisador.

Assinatura do participante da pesquisa

Assinatura do pesquisador responsável

RG _____

Fone: _____

Endereço: _____

Data ____/____/____.

APÊNDICE B – Questionário de coleta de dados

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Prezado professor,

O Programa de Pós-Graduação em Educação da UEPG deseja conhecer sua opinião a respeito da Escola como espaço de construção de valores. **As suas respostas serão anônimas: jamais serão analisadas ou divulgadas individualmente.** Nós relataremos apenas o conjunto de respostas dos vários professores que participam desta pesquisa. Não se esqueça de responder a todas as questões, elas são de tipos diferentes.

Não existe resposta correta ou incorreta, o que nos interessa é a sua opinião sincera sobre o que for perguntado.

PARTE 1

1. **Sexo:** () masculino () feminino

2. **Ano de nascimento** 19_____

3. **Local de trabalho** () Municipal () Estadual () Escola Particular

3.1 **Cidade:** _____

4. **Disciplinas em que atua:** _____

5. **Carga horária semanal em sala de aula**

() até 20 horas aula () de 20 até 40 horas aula () mais de 40 horas aula

6. **Cumpre seus padrões de contrato em:**

() uma única escola () em duas escolas () em três escolas () em quatro ou mais escolas

7. **Formação profissional:** _____

7.1 **Curso:** _____

8. **Tempo de Magistério:** _____ anos

9. **Quanto à religião você se declara:** () Acredito em Deus () Ateu

PARTE 2

1. **Na sua opinião, qual é a função social que a escola desempenha?**

2. **Nos dias de hoje, qual você considera que seja o papel do professor?**

3. O que você entende por valores? E como considera que eles se fazem presentes na escola?

4. Qual a relevância dos valores para a nossa sociedade? Por quê?

Sobre as Informações prestadas:

() Autorizo a divulgação das informações desde que seja preservada a minha individualidade.

() Estou disposto a fornecer informações adicionais sobre o conteúdo desse instrumento, por escrito ou entrevista, se os pesquisadores julgarem necessário para a pesquisa.

E-mail: _____

Telefone: _____

Local: _____

Data: ____ / ____ / ____

Nome completo e legível (não obrigatório)

Assinatura

APÊNDICE C – Roteiro para entrevista com os Professores

ROTEIRO DA ENTREVISTA - TÓPICOS

- Você acha que existe uma relação função social da escola e valores?
- Qual o real papel da escola?
- Escola frente às mudanças da sociedade?
- O professor está preparado para atuar frente às novas demandas da sociedade?
- Como a escola pode contribuir com a cidadania?
- Ação da escola comprometida com a cidadania?